

V. A. ANGERAMI-CAMON

SOLIDÃO

**A
Â
AUSÊNCIA
DO OUTRO**



PIONEIRA
s umbrais



COLEÇÃO NOVOS UMBRAIS

Conselho Diretor:

AFONSO CELSO PASTORE

GERALDO JOSÉ DE PAIVA

HILÁRIO TORLONI

MARCOS PONTUAL

NELSON GOMES TEIXEIRA

OLIVEIROS S. FERRERA

PAULO EDMUR DE SOUZA QUEIROZ

PAULO NATHANAEL FERREIRA DE SOUZA

REGINALD UELZE

SAMUEL FROMM NETTO

Valdemar Augusto Angerami - Gamon

PK -

SOLIDÃO

A AUSÊNCIA DO OUTRO

100919

SISTEMA DE INFORMAÇÃO BIBLIOTECAS
Pe inocente Radrizzani
Centro'Universitário São Camilo



In memoriam:

DANTE MOREIRA LEITE

NELSON ROSAMILHA

PEDRO TUCCORI

LIVRARIA PIONEIRA EDITORA
São Paulo

Capa de

Jairo Porfirio

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados (mimeografia, xerox, datilografia, gravação, reprodução em disco ou em fita), sem a permissão, por escrito, da Editora. Aos infratores se aplicam as sanções previstas nos artigos 122 e 130 da Lei nº 5.988 de 14 de dezembro de 1973.

1990

Todos os direitos reservados por

ENIO MATHEUS GUAZZELLI & CIA. LTDA.

02515 - Pça. Dirceu de Lima, 313

Telefone: 858-3199 - São Paulo

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Marli,

Este livro é teu...

Dedos intrépidos na máquina de escrever, escrevinhei....

Tua alma serena concebeu...

Teu jeitinho faceiro alinhou...

r

índice

<i>A i > i i 'sentação.....</i>	XIII
I	
Solidão. Uma Breve Reflexão sobre o Sentido de uma	
Busca.....	1
<i>i</i>	
Solidão. Configuração Real da Ausência do Outro.	5
i	
NcihilaoeTédioExistencial.....	25
•I	
: M III Ião e Suicídio.....	47
I.	
Solidãoe Vida Religiosa.....	63
i,	
Sohdãoe Velhice.....	75
7	
A Solidão Criativa.....	85
li	
AIguns Casos Clínicos.....	93
<i>Bibliografia.....</i>	117

*Caminho.
As ruas estão desertas...
Não existem pessoas olhando vitrines...
Procuro pessoas.
As ruas, os bares,
os cinemas, os teatros, tudo está vazio...
Tudo está vazio, mas repleto de pessoas...
Pessoas sem rosto, sem nome, sem cor...
A multidão caminha...
E se atropela pelos caminhos...
Ninguém me vê...
Ninguém me ouve...
Ninguém percebe a minha existência...
Lá e acolá escuto vozes...
Ali vejo namorados.
Mais ali vejo jovens sussurrando...
Todos riem...
Ninguém me vê...
Ninguém me ouve...
Estou sozinho.
Não, não posso estar sozinho,
ao meu redor existem muitas pessoas...
Eu me escuto: você está só...
Ninguém me ouve...*

*Escuto o meu coração.
Ele está dilacerado,
procurando alguém...
Vejo luzes.
Ouço buzinas, gritos, reclamações....
Vejo as pessoas apressadas...
Ninguém me ouve...
Ninguém me vê...
Caminho.
E olho em direção ao infinito...
De onde vêm tantas pessoas?!?!
Por que estão tão apressadas?!?!
Por que ninguém se olha?!?!
Escuto o meu coração.
Ele está dilacerado,
procurando alguém...
Onde está esse alguém?!?!
Será que esse alguém é alguma
dessas pessoas tão apressadas?!?!
Ou será que esse alguém também já passou,
e também não me viu...
Caminho.
E apenas sei que estou só...
E me escuto: você é só...*

Solidão

VALDEMAR AUGUSTO ANGERAMI - CAMON

Apresentação

Este trabalho foi escrito em momentos e lugares diferentes. Alguns capítulos foram escritos no Verão de 1989, nas cidades de Itanhaém e São Paulo. Outros trechos foram escritos no Inverno de 1989, na cidade de São Paulo.

Este livro é fruto de uma derivação da minha atividade junto a pacientes vítimas da tentativa de suicídio. A busca de uma melhor compreensão do fenômeno do suicídio levou-me de encontro aos meandros da solidão. De início surpreso, depois estupefato constatei o número de pessoas que são atiradas às raias do desespero pela solidão. E saí de encontro com determinantes existenciais buscando definições, construtos e abstrações do que seria a configuração da solidão.

"Solidão é coisa de velho", "Solidão é coisa de quem não tem com o que se preocupar", estes e outros sofismas foram sendo vencidos e direcionados para uma reflexão pormenorizada que me levou a um sem-número de questionamentos infundáveis.

A única certeza que tenho desse livro é que repartirei com o leitor um grande número de dúvidas, questionamentos e até mesmo reflexões de como a solidão abarca a alma humana.

Desde um tempo a essa data, cada vez que me deparo diante da apresentação de um novo livro, a consciência incômoda do número de profissionais e acadêmicos que se direcionam com os nossos escritos me leva a um estado de angústia muito grande. Enveredar pelos caminhos da solidão reveste-se de uma responsabilidade igualmente grande na medida em que

tartamudeio palavras num campo onde a Psicologia ainda não ousou tentar caminhar.

Escrevo uma apresentação onde o sentimento de emoção que me domina mistura-se a uma angústia infundável sobre a possibilidade deste livro, assim como outros anteriores, tornar-se sustentáculo teórico de um sem-número de pessoas. É como se a responsabilidade daquilo que foi dito ganhasse concretude tornando-se soberana diante de outros questionantes.

Saio do texto. É praticamente impossível não lembrar, nesse momento, de seminários, simpósios, conferências que participei, e que foram praticamente estribados em nossas publicações.

O livro traz em si uma responsabilidade que as publicações acadêmicas não apresentam. Uma tese acadêmica é conduzida e avalizada por um orientador e abalizada por uma comissão competente que julga a qualidade do trabalho e confere ao seu autor, a partir da precisão de suas pesquisas e colocações, um título acadêmico.

Um trabalho acadêmico, dessa maneira, ainda que escrito por apenas um autor, apresenta co-autores que endossam a abrangência daquilo que está sendo descrito. O livro, ao contrário, pois mesmo tendo bases e referências teóricas traz um arrojo do autor que se expõe a críticas sem nenhum aval.

Percebo nitidamente que a angústia que sinto diante da publicação de um livro sem vínculos acadêmicos é muito maior que possíveis sensações experimentadas diante da publicação de trabalhos acadêmicos.

O livro é como um filho gerado, que depois é lançado ao mundo para buscar seus próprios caminhos. Os traços dos pais, ou autor, são transparentes em cada detalhe, mas se perdem na essência das buscas.

Terminar um livro é certificar-se de que a vida que pulsa na ponta dos dedos no martelar da máquina de escrever será vivida na mesma vibração por um número incontável de pessoas. Isso tudo faz com que eu experimente um medo semelhante ao vivido por um amante inseguro que teme decepcionar o próprio companheiro.

Medo de que os meus leitores — amantes fiéis de tantos outros livros — decepcionem-se com o teor daquilo que está escrito; medo de que o arrojo de um novo livro seja ousadia intolerável diante dos livros anteriores que já foram aprovados pela crítica desses mesmos leitores.

Um livro sobre solidão. Um livro abordando um assunto (K>r si intrigante. Um livro escrito de maneira apaixonante que certamente despertará um sem-número de emoções.

Buscando reflexão sobre a solidão procurei caminhos e atalhos dos mais diversos. A única certeza que tenho é que a solidão está tão distante das nossas reflexões, tornando-se apenas realidade quando da experiência, vivência e emoção desesperadora.

Este livro, através de sua dedicatória, faz justiça a minha companheira de tantos anos de buscas existenciais. E isso faz com que ele se justifique acima de qualquer outra razão.

São Paulo, Inverno de 1989.

Solidão. Uma Breve Reflexão Sobre o Sentido de uma Busca

Somente após decidir-me escrever um trabalho que abordasse a questão da solidão é que refleti sobre a real dificuldade desta temática. O seu tratamento, ao contrário, poderia ser extremamente fácil e verdadeiro se fosse conduzido por uma ótica dogmática e o próprio título do trabalho me induziria a isto. Então minha tarefa seria dizer-lhes algo sobre a condução de uma entrevista, elementos de diagnóstico e a relação da solidão com < nitrás vivências a ela inerentes, os passos do processo psicotelápico e assim sucessivamente. Incluiria referência à natureza iletiva do paciente, contendo dados que informassem sobre O seu meio social, fragmentos sobre sua estrutura psíquica, os fatores responsáveis pelo desenvolvimento de tal condição etc. Estes são elementos importantes para uma investigação (línica).

Entretanto quero admitir inicialmente que nunca serei «apaz de apresentar algum conhecimento distinto que possa direcionar a prática de outros psicoterapeutas segundo modelos < le aplicação imediata. A minha condição é deixar problemas para que cada um os pondere e solucione pessoalmente. Assim, < luestões como "natureza metodológica ou método", "que natu- toza de conhecimento pode ser obtida e em que área(s) o conhecimento obtido esclarece", "espécie de método em que o trabalho é direcionado", seguramente serão ou não respondidas de .icordo com a ótica de cada leitor. Não é minha intenção esclai (cer tais premissas porque inclusive sequer tenho condições.

Polemizar, discutir, direcionar discussões para outros aspectos do conhecimento, estas as minhas mais profundas razões neste trabalho; seguramente um trabalho incompleto e que será completado pelas interpretações de cada um.

Solidão. Solidão, nada mais que um vagar na incerteza do insólito da existência humana.

Solidão.

Simplesmente solidão.

É um trabalho de pesquisa tentando desvendá-lo ao mesmo tempo em que se desvenda em buscas e devaneios teóricos. Um trabalho de pesquisa deve ter claro a questão do conhecimento a ser obtido e a sua implicação numa clarificação metodológica. O que atualmente se necessita é determinar o ângulo de abrangência de processos psíquicos ou nos diagnósticos, fatores sociais, patológicos ou outros que se associem com eles. Se um trabalho for incapaz de responder claramente a tais questões, o resultado será o não estabelecimento de uma forma de conhecimento sistematizado.

Ao assumirmos a condição de examinar os processos psíquicos, gradualmente adquirimos conhecimentos sobre outras coisas inerentes à vida da pessoa, pois resultados complexos estarão a exigir uma abordagem integral para que aspectos importantes desta realidade não venham a se perder.

A tentativa de não se acoplar teorias à realidade própria do paciente é premissa básica deste trabalho, ao contrário é intenção partir-se do paciente e a partir disso fazer uso da teoria; a realidade da pessoa, na quase totalidade dos casos, não é transparente nem para o psicoterapeuta (observador) nem tampouco para ele próprio. Somente um pequeno fragmento desta realidade é apreendido de imediato. O desabrochar do paciente leva um tempo relativamente grande em termos psicoterápicos para que se tenha uma melhor compreensão desses processos.

A proposta de trabalho é embasada na Psicoterapia Existencial-Fenomenológica. E sem nenhum demérito a outras práticas psicoterápicas é na ótica existencial que a realidade do *existir* encontra o verdadeiro dimensionamento de sua própria amplitude. Tem-se por princípio que os fenômenos devem ser examinados sem nenhuma pré-concepção: a estrutura única dos fenômenos deve ser examinada independentemente de qualquer teoria apriorística. É a busca de um relacionamento dos conceitos às vivências da existência, e, por assim dizer,

fundamentando os sentimentos humanos de uma forma que transcende a própria teoria.

A solidão, e praticamente tudo que a ela se relaciona, é vista como uma forma de alienação. No entanto, uma alienação pode modificar os resultados de uma ação porém não sua realidade profunda. Não podemos confundir o homem alienado com uma coisa e a própria alienação com as leis que regem os condicionamentos. A prática psicoterápica igualmente não pode dessa maneira alienar-se em conceituações que não acompanham o desenvolvimento do homem contemporâneo.

Busco uma teoria viva onde os sentimentos, emoções, sejam fatos vivos e verdadeiros longe das digressões teóricas que se perdem em mero academicismo. E a solidão por si abarca todas as contradições que envolvem a conceituação dos fenômenos humanos.

Indo ao encontro de textos e publicações que abordassem a temática da solidão ocorreu o primeiro grande impasse deste trabalho: a solidão descrita não é a solidão vivida! E outra grande celeuma acenou a partir destes aspectos: os textos descrevem a solidão sob fatores que dificilmente serão reproduzidos ou até mesmo compreendidos na essência do sofrimento humano.

Não tenho certeza destas linhas concretizarem a minha própria busca na compreensão das incertezas que envolvem a solidão humana: a minha única condição nestes escritos é estabelecer parâmetros para novas investigações.

Questões metodológicas nunca impediram reflexões ou até mesmo incursões sobre as mais variadas temáticas. E, na medida em que teorizo sobre solidão, a questão do método escapa nas próprias entrelinhas daquilo que escrevo na própria direção do que sinto em relação à solidão.

O saber acadêmico e sua abrangência na área do conhecimento humano de há muito deixou de ser totalidade para ser mera especulação. E se a questão é a tentativa de compreensão de temas tão complexos e tão pouco explorados como a solidão e o tédio existencial, a questão torna-se ainda mais emaranhada.

E até mesmo conceitos sobre a solidão tornam-se inatingíveis quando tomamos a dimensão da maneira como ela é vivida diferentemente por diferentes pessoas.

Espero conduzir a reflexão sobre solidão de maneira que cada um faça sua própria síntese sobre os fatos. E assim terei

cumprido apenas um dos meus objetivos na elaboração desse texto: a introspecção individual sobre a própria essência da vida. Outros objetivos serão ou não atingidos de acordo com a apreensão ou rejeição de cada leitor sobre os fatos descritos.

Solidão.

Simplesmente solidão.

2

Solidão, Configuração Real da Ausência do Outro

A idéia de relacionar a ausência do Outro com a solidão, e mais especificamente com as agruras da solidão, pareceu-me algo extremamente simples. Bastaria relacionar o significado do Outro em nossa existência e conseqüentemente sua ausência. E assim empenhei-me no levantamento do material que abordasse a questão do Outro e suas implicações existenciais. No entanto, tão logo iniciei este capítulo surgiu de maneira clara o significado do Outro: a ausência e a presença. E a ausência fazendo com que o Outro se tornasse muito mais presente do que em situações reais de presença física. E a partir disso este capítulo tomou uma trajetória bastante diferente daquela planejada inicialmente.

O Outro não existe apenas enquanto conceito instrumental. O Outro existe dando conceituação a minha própria existência. O que percebo através das minhas experiências são os sentimentos do Outro; as idéias do Outro e até mesmo características de personalidade e condutas do Outro. E com efeito o Outro não é somente aquele que vejo, senão aquele que me vê. Percebo o Outro na medida em que ele é um sistema complexo de experiências fora de alcance e através do qual figuro como sendo apenas um objeto entre tantos outros¹.

1. SARTRE, J.P. *El Ser Y La Nada*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1981.

A solidão é, assim, a configuração extremada da ausência do Outro. O Outro que se torna presente pela própria ausência configura em meu ser sua necessidade.

O desespero do homem contemporâneo apresenta várias facetas de sofrimento, mas seguramente a ausência do Outro é um dos maiores espectros dessa realidade.

Durante alguns anos de minha vida dediquei-me à atividade de musicista. Esta atividade exigia que eu me debruçasse sobre o meu instrumento cerca de 4 a 6 horas diárias. Isso geralmente criava um isolamento real das pessoas com as quais convivía no cotidiano. E uma das recordações mais vivas desse período eram aquelas situações onde esse isolamento ficava insuportável. Quando isso acontecia a solução era interromper os estudos e procurar alguém para conversar, sentir, olhar etc. Entretanto, nem sempre era possível tanto pela ausência de pessoas disponíveis no momento em que necessitava, como pela própria impossibilidade de interromper uma seqüência de estudos temáticos. Face a esta questão desenvolvi uma habilidade que seguramente ainda hoje muito me ajuda na tentativa de coordenação de diversas atividades. Concomitantemente ao estudo do meu instrumento, lia os jornais diários, ou então ouvia o noticiário do rádio, tendo, inclusive, um domínio completo da programação jornalística das emissoras paulistas.

Loucura. Estado de completa alteração da consciência.

Mesmo hoje quando lembro dessas situações a primeira coisa que se faz presente é conceituar como sendo um estado de verdadeira insanidade mental a coordenação dessas atividades.

Na verdade estava simplesmente procurando um contato com o Outro, seja através da voz ouvida pelo rádio, seja pela leitura dos jornais que implicavam necessariamente num contato real com os acontecimentos que envolviam as pessoas da minha cidade e do mundo de uma forma geral. Ou seja, avidamente dentro do meu isolamento buscava o Outro. Evidentemente quando executava uma peça buscava não apenas um mergulhar profundo na sonoridade dos temas melódicos como também ir de encontro ao Outro através da execução dessa peça. Isto implica dizer que a pessoa que vive retirada num estado de isolamento não está segregada espiritualmente das demais. O isolamento físico não pode ser visto como significação de indiferença para com os outros. Muitos afastamentos se dão de forma deliberada não por indiferença, mas, ao contrário, é que a consciência do Outro é tão forte que não é possível

suportar sua presença física. O isolamento físico é, assim, uma forma onde os homens buscam se relacionar com o Outro e assim definir o seu próprio ser. Se não houvesse o Outro seria impossível segregar-se ou isolar-se. E até mesmo conceitos como reclusão e clausura se configuram como conceitos sociais numa inserção que irá variar de acordo com as diversas sociedades existentes.

Vivemos um avanço ímpar no desenvolvimento da tecnologia das comunicações. É possível, por exemplo, ligando-se um simples botão de televisão assistir-se uma transmissão no momento exato de sua ocorrência no outro lado do mundo. Ou então discar-se o telefone e imediatamente entrar-se em contato com as mais longínquas partes da Terra. Mas ao mesmo tempo em que vivemos esse avanço tecnológico igualmente assistimos ao total empobrecimento das relações interpessoais. Isto faz com que não seja desprezível o fato de um número cada vez maior de pessoas se queixarem de solidão.

Nas grandes cidades este problema é mais agravado que nas pequenas comunidades onde o relacionamento interpessoal insiste em resistir ao desgaste das relações humanas. E isto com o agravante de que as grandes cidades aglomeram pessoas que não possuem a menor afinidade entre si.

Nas grandes cidades é comum as pessoas que moram num prédio não saberem sequer quem são os vizinhos de porta; cada um se conserva insensível às alegrias e ao sofrimento do Outro. As pessoas vivem praticamente acuadas, com medo. Olhar o Outro já é quase uma agressão. E seguramente esse distanciamento vai extremado a solidão.

Vivi na infância uma situação peculiar que era a existência do arraial em toda a pequena cidade do interior. Sete horas da noite, com as atividades de trabalho encerradas, ia todo mundo para o arraial. As crianças brincavam, os pais conversavam sobre o dia-a-dia. Formava-se assim uma comunidade onde todos se sentiam parte da vida do Outro.

Recentemente voltei a este mesmo lugar da infância. Encontrei o arraial totalmente vazio. Às sete horas da noite as pessoas estão atualmente na frente da televisão. Aquele rico contato interpessoal ficou nas reminiscências do tempo e do espaço³. O chamado "paraíso via Embratel" domina aquela pe-

2. Curiosamente dentro do rol de pessoas que deixam as pequenas comunidades do interior em busca de cidade grande, iremos encontrar um número grande que busca, na realidade do anonimato propiciado pela cidade grande, o sentido de realização para suas vidas.

quena comunidade, levando aos seus lares não apenas uma "agradável" programação, como também a contribuição para o distanciamento das pessoas³.

A solidão desperta sentimentos difíceis de ser incluídos no rol de uma análise que não seja pormenorizada. A solidão desperta até mesmo sentimentos que são um insulto à dignidade humana, como a compaixão. E na medida em que a compaixão é, por definição, uma forma de amor ou simpatia pelos que sofrem, seria logicamente impossível num mundo sem sofrimentos e desespero. Dessa maneira, não há como eliminar a compaixão se não eliminarmos concomitantemente o sofrimento. E apesar da celeuma de que se reveste a colocação de que seria melhor um mundo sem sofrimento e sem compaixão, a solidão juntamente com determinadas doenças terminais desperta compaixão em escala maior inclusive que a própria pobreza, e isto apesar da exaltação à pobreza existente em nossa sociedade.

Bernanos, dramaturgo francês citado por Olson⁴, ilustra muito bem esse posicionamento de exaltação ao sofrimento legado pela pobreza e pelo isolamento: "Há um mistério na pobreza, e não sou suficientemente covarde para fingir crer que ela não passa de um problema geral de Economia Política a ser resolvido. Ouso escrever que uma sociedade sem pobres é cristãmente inconcebível. A pobreza voluntária preserva entre nós esse fogo que lavra sob a cinza, do qual de geração

3. Não quero com estas colocações responsabilizar a televisão pelo empobrecimento das relações interpessoais. Ao contrário, penso que a televisão cumpre um papel catalisador nesse processo. Se hoje em dia, como mera citação, existe um sem-número de restaurantes com aparelho de televisor ligado para que as pessoas façam suas refeições assistindo a programação diária, tal fato deve-se única e exclusivamente à deterioração das relações interpessoais. E não de outra forma como afirmam alguns incautos que chegam a responsabilizar a televisão até mesmo pela violência existente no seio de nossa sociedade. Os meios de comunicação mostram o munto tal qual ele é e se apresenta. Violência, desamor, indiferença emocional e tantos outros fenômenos e sentimentos mostrados pela televisão nada mais são do que uma imagem nua e crua da realidade de nossos dias. Se as pessoas se relacionassem de uma maneira mais sadia, seguramente o teor da programação seria diferente, bem como esse aparelho estaria desligado tanto no restaurante como no lar.

4. OLSON, GR. *Introdução ao Existencialismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970

em geração se eleva repentinamente a alta chama do puro amor"⁶¹⁶.

A idéia que a maioria das pessoas faz da solidão é de um sentimento que nos acomete em determinados momentos. Aquela sensação de mal-estar que nos invade na sexta-feira à noite ou no domingo à tarde sozinhos em casa sem programação. Ou o estado em que um amigo se encontra por estar passando por um período difícil depois de uma separação.

Os sentimentos de amor e paixão, inextricavelmente ligados aos sentimentos de estima e rejeição, tornam-se configuração real a partir da maneira pela qual o Outro se faz presente. Até mesmo os sentimentos de estima e rejeição originam-se a partir de como o Outro me percebe e na relação da minha percepção de como estou sendo percebido. Ao se manifestar como presença real o Outro faz com que a própria essência do ser adquira contornos reais, onde os sentimentos de estima e rejeição sejam delineados como abstrações de sentimentos e manifestações transparentes. A solidão é, na verdade, uma condição imanente ao homem, faz parte da própria vida. Só que em certos momentos a percebemos mais agudamente, e não sabemos como lidar com ela.

E na medida em que vejo o Outro como um sistema complexo de experiências fora do alcance das minhas possibilidades, a simetria perceptiva dá-me a consciência da natureza concreta do sistema de representações e o próprio lugar que ocupo

5. *Ibid. Op. Cit.*

6. Certamente se a pobreza fosse estirpada da nossa sociedade, não apenas o amor cristão perderia o sentido. Inúmeras instituições sucumbiriam por falta de objetivo e ação. O número de teses acadêmicas, por exemplo, voltadas à pobreza é incontável. Uma questão bastante interessante é imaginar as Universidades, a Igreja, as demais religiões e outras tantas instituições sem a figura do pobre para ser analisada, explicada, venerada e protegida. Estas instituições estão a dever ao pobre muito mais uma elegia de exaltação e louvor do que propriamente a solução para o seu sofrimento. Assim, torna-se facilmente perceptível por que estas instituições ajudam o pobre de modo que ele possa suportar a pobreza, mas nunca de fato resgatando-o de sua condição sub-humana. Os pesquisadores, cientistas e outros "istas" seguramente argumentarão contrariamente a estas teses que o primeiro passo para a libertação do pobre é a reflexão e o dimensionamento real dessa questão. Discutir-se intelectualmente sobre a fome e a miséria e produzir-se um sem-número de teses acadêmicas é, sem dúvida alguma, o primeiro passo para a libertação. Mas não da libertação do pobre, e sim da hipocrisia e da ilusão enganosa criada dentro da realidade acadêmica pelo despotismo capitalista. E assim é: ao pohro o "mino dos oóuh", jamais uma vida digna sem humilhação

como objeto, transcendendo radicalmente o campo de minha experiência.

O Outro se mostra como sendo a negação da minha experiência, podendo, inclusive, tornar-se objeto e não uma pessoa no sentido estrito do termo ou de sua real configuração. Assim, somos sujeito e objeto numa relação com o Outro numa alternância abstrata e insólita.

A questão defendida por algumas correntes filosóficas acerca de que fora de mim nada existe é perfeitamente injustificada e gratuita. Afirmar que o mundo existe a partir da minha percepção é coisificar e nadificar a tudo excluindo apenas a mim mesmo como sujeito. Uma Psicologia que se pretende exata e objetiva como o behaviorismo de Watson não faz outra coisa que não adotar esses princípios como hipótese de trabalho. Não se trata da negação da presença no campo de minha experiência perceptiva de objeto e fenômeno, senão a prática de representações organizadas por um sujeito fora de minha própria experiência⁷.

O Outro tem o poder de me iludir, fazendo com que a solidão pareça distante quando de sua presença. Ou na relação sexual em que os dois somos um, em que sentimos que é possível uma união. Mas cedo ou tarde chega a hora de encarar a conclusão inevitável: cada um é um.

O Outro faz com que eu me sinta inserido como sendo parte de um todo - de uma família, de um grupo de amigos, de uma comunidade. Mas chegará o ponto que tomarei consciência de que, para minhas realizações pessoais, dependo de minhas possibilidades. Em suma, por mais que se viva junto do Outro que se ama, por mais que se interaja socialmente, não será possível evitar a certeza de ser só.

A consciência é revelação dos fenômenos existentes e os existentes compõem a consciência sobre o fundamento de ser que é. Ser é tudo aquilo que tem vida. E ao contrário de um objeto inanimado o homem tem consciência desse ser. O homem é um ser que se percebe enquanto fenômeno, transcendendo a própria fenomenalidade do fenômeno de ser⁸. Essa consciência é que vai levá-lo à conclusão "Sou uma pessoa que tem que resolver suas próprias coisas". Ou seja, em última ins

7. *El Ser Y La Nada*". *Op. cit.*

8. ANGERAMI, V A. *Existencialismo & Psicoterapia*. São Paulo Traço Editora, 1984.

tância, é de mim que dependo para minhas opções, para minhas resoluções. Não se trata de negar a existência e a interação com o Outro, e sim de mostrar a nossa condição de ser só.

Ninguém jamais, em termos concretos e reais, duvidou realmente da existência do Outro. O verdadeiro problema não é como, dado certo conjunto de premissas epistemológicas ou ontológicas, pode ser provada a existência do Outro. Mas antes, que tipo de epistemologia ou ontologia se requer para explicar o fato de que somos incapazes de duvidar da existência alheia. O Outro existe e sabemos com certeza que ele existe ainda que os empiristas insistam em explicar a existência do Outro apenas como uma hipótese provável⁹.

O Outro é aquele que não é eu e aquele que eu não sou. Na verdade, porém, a negação entre as pessoas não é uma negação externa mas uma negação interna.

Um dia acordo sentindo-me sozinho, necessitando do Outro. A conclusão disso: a consciência de que necessito do Outro. Uma pedra não tem consciência da existência de outra pedra, não tendo, portanto, a necessidade de Outro, ou melhor dizendo, de outra pedra. Quanto a mim, como tenho a consciência de mim e do Outro, sinto a ausência e, conseqüentemente, a minha condição de ser só. Da mesma maneira como eu sou o não sou o meu passado enquanto concretude real também sou e não sou o Outro. O Outro constitui-se em meu ser tão severamente quanto meu passado, mas assim como numa fração do ato de existir, o Outro não sou eu. Se a relação entre mim e o Outro não fosse uma relação interna, minha certeza intuitiva da existência do Outro seria totalmente incompreensível¹⁰.

Descartes, um dos grandes expoentes da filosofia contemporânea, incorreu no erro de formular o problema em termos de consciência reflexiva. Ora, uma das características reflexivas é sua incapacidade de conceber relações que não sejam exteriores. Descartes não encontrava dificuldades, por exemplo, em conceber que dois objetos materiais no mundo de espaço físico estavam mutuamente relacionados. E a razão era que as relações entre objetos físicos são sempre relações exteriores, e o Outro não é o outro, e nenhum deles afeta o outro em seu ser. São existências discretas e separadas, passíveis de vinculação

9. *El Ser Y La Nada*. *Op. cit.*

10. *Ibid. Op. cit.*

através do raciocínio matemático ou lógico. Descartes não podia, porém, conceber matemática ou cientificamente uma relação positiva entre um ser espiritual ou pessoa, e objetos físicos porque sua relação não é externa e, para a consciência reflexiva, as relações externas são as únicas concebíveis¹¹.

E na medida que dependo da convivência com o Outro, vou procurá-lo na tentativa de estabelecer uma relação interna e não uma simples exterioridade¹².

O Outro, de maneira solitária ou até mesmo em grupo, é procurado para o suprimento das minhas carências, minha necessidade de saber-me, e sentir-me amado, desejado.

Não são o homem e o mundo, mas, antes, os objetos físicos que estão radicalmente separados pelo espaço. Mas não há nada, nem mesmo o espaço a separar a pessoa como ser consciente do mundo. A relação entre o homem e o mundo é interna. Uma pedra existe no espaço de acordo com os limites de sua área. A dimensão que ocupa no espaço não transcende suas formas nem tampouco seus próprios limites. O homem, ao contrário, ocupa uma dimensão que transcende seus limites corpóreos. O homem tangencia as estrelas com sua imaginação, toca a Lua com sua percepção e desliza mar adentro através de suas percepções¹³. Não somos uma realidade encerrada numa cápsula corpórea, ou mesmo uma concha transparente mas inquebrável, que possibilitasse ainda que eventualmente olhar o Outro.

Estar com o Outro não faz com que eu deixe de ser fundamentalmente só. Quando alguém diz "Preciso sair, ir encontrar outras pessoas com urgência", ou conta "Puxa, não é que naquela noite a solidão me pegou?", o que de fato aconteceu foi que, naquelas circunstâncias, ele entrou em contato com a solidão e mais especificamente com a ausência do Outro. Não que a solidão tenha passado a existir naquela noite e não tenha existido pela manhã no escritório ou na véspera numa festa. O isolamento existente entre as pessoas faz com que a questão da solidão seja vista como sendo um problema individual. Esta a razão do enorme número de pessoas que confessam "sou muito só". O isolamento faz com que as pessoas não levem em

11. *Introdução ao Existencialismo. Op. cit.*

12. **Isto explica facilmente por que sentimos solidão mesmo numa vivência grupai, onde, apesar do número de pessoas presentes ao nosso redor, não existe o estabelecimento de nenhuma relação interior.**

13. *Existencialismo & Psicoterapia. Op. cit.*

conta o fato de serem solitárias e por isso mesmo necessitarem do Outro. Porque também existo a partir da consciência que o Outro tem da minha existência. Se o Outro me ama, me vê, me percebe, amenizo o peso da solidão, na convivência, na integração.

Uma criança pode estar brincando numa sala enquanto a mãe, no outro canto, faz tricô. Cada um nas suas tarefas, concentrado nas suas coisas. Mas se a mãe sai, a criança se inquieta, a quer de volta, a segue, precisa dela para aliviar-lhe o peso da solidão. O mesmo acontece já com o bebê. Mesmo alimentado, limpo, confortável, ao ficar sozinho, chora, quer a interação com o Outro, não agüenta a solidão.

A interação com o Outro ao mesmo tempo em que alivia o peso da solidão dá-nos a dimensão de ser-só, ainda que seja uma interação contínua e intermitente.

Ao escrever estas linhas tenho ao fundo o Concerto V em Lá Maior, para violino e orquestra de Mozart. É como se o martelar das teclas da máquina de escrever acompanhasse o andamento da peça. E num determinado momento se fundisse com a orquestra fazendo uníssono harmonioso com o violino solista.

E num suave momento abro o meu campo perceptivo para essa música, ouvida intensamente tantas outras vezes.

Abro o coração e me deixo invadir pela música.

A orquestra executa os movimentos iniciais, desenhando no espaço com as cordas uma figura melódica, ao mesmo tempo suave e maravilhosa. Num dado momento, após vários compassos, a orquestra pára. E o violino solista começa, solitariamente, a acirrar as notas do tema musical com o qual irá conduzir a orquestra até o final do primeiro movimento. A orquestra, passado esse momento solitário inicial, passa a acompanhar o violino desenvolvendo uma disputa no mais perfeito estilo mozarteano. A orquestra supera o violino em determinados compassos, para ser superada nos momentos seguintes. Os compassos se sucedem, os sons harmoniosamente se integram como a mostrar que a interação possibilita uma beleza única, ao mesmo tempo que faz com que o distanciamento do Outro não seja sentido nem tampouco percebido. Os temas melódicos se sucedem levando encantamento e união em acordes e contraponto comigo mesmo sentado a escrever sobre a solidão.

O violino em sua melodia parece prescindir da orquestra. Solitário acirra notas onde a pureza da expressão melódica faz com que a própria vida seja exaltada. O violino é a solidão.

A solidão é o violino. A orquestra o Outro. E a cada compasso a necessidade do Outro torna-se concreta com a harmonia criada nas nuances melódicas dos diálogos da orquestra e do violino.

O violino é a solidão. Solidão vivida suavemente em doces momentos. A condição de ser-só torna-se a temática principal do violino, num relacionamento com o Outro ao mesmo tempo presente e configurado na própria relação melódica. Os temas se misturam e se completam. As variações temáticas giram em círculos melódicos. A tempestuosidade do violino em determinados compassos, alternados com momentos de extrema delicadeza, exigem que o violinista seja não apenas um virtuose do instrumento como também alguém cuja sensibilidade transcenda a própria partitura, numa configuração de arrebatamento da própria condição humana. A música brota da orquestra e do violino. E constato a suavidade desse momento de solidão. Solitariamente enriquecido com Mozart a refletir sobre a condição humana.

Solidão.

Simplesmente solidão. Suave ou desesperadora, simplesmente solidão.

A solidão, na maioria das vezes, é diretamente associada com desespero, sofrimento e com o suicídio. É como se a grande maioria das pessoas não agüentasse a condição de ser-só. E tudo então é desesperador. As provas são os bares noturnos das grandes cidades cada vez mais repletos de pessoas solitárias que buscam o Outro, e as milhares de chamadas telefônicas recebidas pelos serviços existentes como o CVV - Centro de Valorização da Vida. Há horas em que se torna premente buscar o Outro, mesmo que o Outro seja representado por uma voz desconhecida ao telefone.

O Outro também é procurado seja através de uma carta, uma lembrança de alguém... Quem é que não sentiu essa espécie de vazio, alguma vez, sozinho em casa?!?! A televisão não distrai, a música, em vez de consolar, lembra situações em que havia a presença do Outro, na figura de pessoas queridas. Nessas situações tudo é difícil, até mesmo concentrar-se num livro. Mas basta ligar para alguém e uns minutos de prosa já mudam esse panorama sombrio. A voz do Outro é a daquele que me faz sentir alguém com significação própria.

Entrar em contato com a solidão não é algo fácil. Mas ao compreendê-la, ao constatar que cada um é único, sua pró-

pria história, seu próprio percurso, sua própria biografia, sua maneira própria de buscar sentido para sua vida, também se percebe que está aí a grandeza e a beleza da condição humana.

Há momentos em que as perspectivas da condição humana se perdem e o sofrimento vence. São períodos críticos de perdas reais ou aparentes.

E nem sempre são felizes ou bem-sucedidas as tentativas de aliviar a solidão a qualquer custo.

Hoje, muitas pessoas dispostas a procurar companhia encontram alguém num bar, saem, conversam e até mesmo se relacionam sexualmente. Isso tudo inevitavelmente levará esta pessoa a um estado que pode ser perfeitamente definido como ressaca moral, pois se essa pessoa tiver alguma lucidez perceberá que, para suprir uma carência, procurou alguém que nada tinha a ver com sua carência e até mesmo com sua realidade existencial. O resultado é simplesmente uma carência ainda mais dolorosa, com a sensação de solidão crescendo, o vazio à sua volta ainda maior.

Existem pessoas que inclusive se justificam diante de situações onde o Outro foi buscado nestas circunstâncias, que desejavam apenas o prazer, a simples satisfação de uma excitação física. Dificilmente essa justificativa será verdadeira na medida em que nessa busca entram outras necessidades, além dessa citada necessidade sexual. A justificativa do mero prazer físico dispensaria a presença do Outro, a masturbação resolveria, ainda que o Outro tivesse presente na imaginação, no desejo. O desejo manifesto do Outro muitas vezes é o próprio sentido de nossa realização. Assim, a ereção, mais do que um simples enrijecimento de músculos, é a transcendência das realizações humanas. A ereção do pênis é um processo de enrijecimento numa síntese de êxtase e arrebatamento; a ereção experimentada é a intumescência do próprio significado da existência. Embora muitas vezes o ato sexual seja um de mera submissão na medida em que se submete ao orgulho e caprichos do Outro, ainda assim o Outro dá significado próprio à essência do ato em si. Contudo, através de uma inversão que leva ao êxtase ao ponto de transbordamento, esta lúcida negação provoca acontecimentos reais no mundo: a ereção, a ejaculação e o próprio prazer transcendem o imaginário para tornarem-se real numa dimensão que supera até mesmo os limites humanos. Sorver o suco vaginal, molhando os lábios suavemente, seguramente, é algo além do que o experimentar de uma simples lubrifi-

cação vaginal durante o ato sexual. Um beijo molhado de desejo confirma a presença do Outro de uma forma que certamente a Fisiologia não é capaz de explicar. Estreitar um corpo nos braços e sentir a pulsação dos corações é um prazer que muitas vezes dimensiona o próprio sentido da existência.

Na realidade, o Outro é procurado para que, ainda que por breves momentos, possamos ter significado para alguém. A evidência dessas colocações mostra que uma simples observação das atitudes de uma prostituta dá-nos a constatação de que nenhuma vai simplesmente direto ao ato sexual. O depoimento de muitas pessoas, ao longo de alguns anos de prática psicoterápica, mostra que todos aqueles que freqüentaram centros de prostituição indicam que as prostitutas fazem com que o cliente possa sentir-se desejado, viril e até mesmo o melhor (em termos sexuais) de todos os clientes com os quais elas se relacionam. E como se o aprendizado da prostituição implicasse no conhecimento de que a pessoa que procura pela prostituta, mais do que a satisfação física representada pela ereção e ejaculação, procura alívio para a necessidade do Outro em sua vida. O amor e toda a ilusão pertencentes a alma humana aliviam a ausência do Outro quando tornado realidade em sua essência e transparência. É comum mesmo a observação de que as situações mais doloridas de solidão são aquelas, onde após um intenso relacionamento sexual, depara-se com a condição de que até mesmo os limites corpóreos separam-se isoladamente depois de uma intensa união representada pela penetração. A solidão mostra que a própria busca humana de relacionamento interpessoal não aceita a colocação simplista de que o Outro é apenas alguém com quem me relaciono esporadicamente. Nessas situações é necessário um discernimento que solidão — ser só — é diferente de isolamento — estar só. Mas situações de isolamento podem contribuir para tornar muito penosa a minha sensação de ser só. Estando numa cidade onde não conheço ninguém, não interajo com ninguém a não ser o garçom do restaurante ou o cobrador do ônibus, fico sem contatos sociais. Aí, realmente, pode ser mesmo muito forte e dolorida a consciência de ser só. Exemplos claros de sofrimento provocado pelo isolamento social podem estar do nosso lado e passar despercebidos. Como a empregada doméstica, proibida de freqüentar o ambiente social da própria casa onde mora; ela não pode receber amigos na sala, nem mesmo o namorado no seu quarto, já muito diferente do resto da casa. No seu próprio habi-

tat, vive em isolamento. Fica sem os recursos de quem, em sua casa, com familiares e amigos, pode achar meios de vencer a dor da solidão. Nesse sentido, é facilmente compreensível o fato do aumento significativo de tentativas de suicídio de empregadas domésticas no mês de dezembro. Nessa época existe a efetivação dos sentimentos de fraternidade representado pelo Natal. É como se os familiares e amigos distantes se tornassem presentes em lembranças e reminiscências. A empregada doméstica, então, sozinha, sem amigos e familiares, tem o seu isolamento estrangulado diante dos fatos que insólidamente cercam sua vida.

As várias saídas de si mesmo mostram ao indivíduo que ele não é apenas um ser com sofrimentos, mas também com significado. É o sentido da própria existência que se está buscando quando se quer chegar a uma realização profissional, a crescimentos afetivos e emocionais, contrapondo essas buscas aos sofrimentos que a existência em si apresenta. E nessa busca não há receitas nem modelos de conduta a serem adotados. Até porque as saídas mudam numa mesma pessoa de acordo com as várias fases da vida, direcionando esta busca e objetivos para caminhos bastante diferentes. É o caso do adolescente que mostra o significado de sua existência através do barulho provocado pelo escapamento de sua motocicleta. Esse sentido de significação será muito diferente para o empresário que tem dez empresas e luta para chegar às vinte, ou para o governador cuja meta é ser presidente. Dessa forma o sofrimento provocado pela condição humana apresenta estes aspectos que podem reverter-se em fatores positivos levando o homem a realizações e buscas de outras possibilidades e alternativas, gerando assim transformações, não apenas pessoais, como também sociais.

Vivemos num mundo onde o sofrimento e o desespero fazem parte do cotidiano. A dor existencial é algo mais do que uma simples abstração teórica e insólita à nossa própria realidade. E até mesmo muitos dos sofrimentos físicos relacionam-se diretamente com a nossa forma de vida. É o contraponto que a vida nos dá propiciando momentos arrebatadores, e igualmente apresentando o desespero do isolamento e da constatação de ser só.

A solidão é uma temática que nunca é excluída dos espectros que avassalam a vida do homem contemporâneo.

A nossa forma de vida, agitada e nervosa, decadente e humilhada, num mundo desesperançado e entorpecido pela

droga, faz com que a solidão mantenha-se escamoteada sob as mais diversas formas. A própria vida que se alterna nas circunstâncias sociais determina formas e contornos à solidão que somente serão perceptíveis diante de uma análise pormenorizada.

Uma simples observação de pessoas transitando apressadas, ao longo das calçadas, nos grandes centros metropolitanos, dá-nos a idéia simples do sofrimento vivido e estampado de forma cicatrizante nestes semblantes. É o sofrimento d'alma deixando marcas não apenas através das somatizações de determinados sintomas, mas também sinais manifestos através do expressionismo facial. A angústia, o desespero diante de episódios esporádicos, estão a exigir das pessoas não apenas a resolução desses fatos e fenômenos, mas também, e principalmente, a reestruturação da própria manifestação corpórea, conseqüente dessas ocorrências.

O olhar do Outro determina a maneira pela qual resolvo tais conceituações, ao mesmo tempo em que me direciono rumo à busca de novas alternativas existenciais. O olhar tem o poder de transmitir os sentimentos e emoções de forma mais pura do que qualquer outra manifestação corpórea. Através do olhar toda a gama de sentimentos é vivida sem o menor indício de razão ou até mesmo de controle emocional. Assim, um olhar de desejo é capaz de transmitir a essência do desejo com muito mais intensidade e veracidade do que qualquer construção de palavra que ao desejo se associe. Da mesma forma, o ódio, a ira, a compaixão e outros tantos sentimentos têm no olhar a dimensão precisa de sua amplitude. Um olhar que sofre abarca em si a própria dor do mundo, manifesto na dor do sofrimento d'alma. A comunicação expressa pelo olhar dispensa até mesmo outras manifestações corpóreas. A palavra, o gesto, a taquicardia, a sudorese etc, são perfeitamente dispensáveis diante da soberania da expressão do olhar. E o olhar, olhar capaz de transmitir e expressar a dimensão do próprio sentimento humano, é igualmente capaz de configurar a presença do Outro na minha vida, em tal e qual dimensão posso apreendê-lo em suas formas e contornos humanos. A própria vida que palpita nas manhãs primaveris pulsa num olhar apaixonado; o ódio ensurdecador dos tanques militares fumeça igualmente num olhar odioso; a ira advinda da humilhação e do desprezo também é presente num olhar irado. E até mesmo a força energética advindo de um olhar é igual e perfeitamente compreensível

da maioria das pessoas. Seguramente a experiência de percepção do olhar do Outro, até mesmo quando estamos numa posição antagônica a esse olhar, é fato que certamente foi vivido pela totalidade das pessoas. Um olhar numa janela de trem, avião ou ônibus, buscando um "adeus" ou um "até breve", é outra vivência que mostra a força do expressionismo do olhar. E se pensarmos, numa outra dimensão de análise do olhar, poderemos configurar que, até mesmo num relacionamento sexual, é a partir do olhar que o desejo será vivido e percebido. E mesmo naquelas situações onde o ato sexual é realizado na penumbra, ainda assim existe a acomodação do campo visual para, na própria escuridão, dar contornos às sensações corpóreas advindas da relação.

Diante do olhar do Outro somos uma realidade frágil, sem .1 menor concretude diante do insólito da própria existência.

Verão. Tempo quente. As pessoas mostram na pele uma verdade interior nem sempre compatível com sua própria realidade existencial. O Sol acaricia as pessoas na praia com a mesma intensidade que ensolara os pátios de uma penitenciária, ou ainda os escombros dos silêncios sepulcrais. O Sol dificilmente é associado à depressão e à solidão. É freqüente a relação da depressão e da solidão com o Inverno, com o frio e a chuva que derrete a própria alma. As tardes e noites chuvosas parecem exigir a presença do Outro de uma forma muito mais acentuada que os dias onde o Sol mostra-se exuberante. A noite de chuva traz em si o romantismo idealizado para a vivência <le situações onde a presença do Outro é imprescindível. E embora não exista nenhuma premissa científica ou até mesmo ideológica que possa embasar estas afirmações com outro crivo que não aquele meramente vicariano, ainda assim, é praticamente impossível não se fazer a relação da solidão e da depressão e de outras formas de desespero com o tempo frio e chuvoso. Evidentemente que escrevo tais afirmações numa mera descrição da nossa realidade brasileira, embora uma simples constatação de que o índice de suicídio aumenta significativamente na Europa e principalmente nos países nórdicos, no período compreendido pelo Inverno, dá-nos a projeção de que apenas a ausência do Outro é sentida com mais intensidade nesses l>eríodos. Ou seja, apesar do Inverno europeu estar inserido na abrangência do final de ano, época que aumenta nas pessoas a ausência do Outro, ainda assim a depressão e a solidão parece que alternam-se de acordo com essas manifestações climáticas.

No Brasil, igualmente, o número de ocorrência de suicídio aumenta significativamente no final de ano, estando, portanto, associado muito mais à incidência das ocorrências inerentes a esse período, do que a qualquer outra manifestação climática. Isto em que pese o Brasil não apresentar um Inverno com rigores climáticos tão acentuados como em outros cantos do mundo. Até mesmo o expressionismo popular manifesto através de inúmeras canções, mostra que o tempo chuvoso exige amor, fazendo com que a presença do Outro seja necessária para suportar-se as adversidade climáticas.

Da minha mesa de trabalho observo a neblina acolchoando a cidade sobre as montanhas. E observo o meu ontem, onde nessa mesma moldura a chuva escorria mansa, interminável, cinza e azul à distância. E uma dimensão do ato de escrever torna-se realidade à minha percepção: escrever é uma forma, uma maneira singular de contato com o Outro. Enquanto escrevo direciono as palavras, a construção das frases, a concordância ortográfica para o Outro que irá ler o fruto desses escritos. E como se escrevendo tivesse me relacionando com o Outro, que mesmo distante é parâmetro da objetividade e da subjetividade com que expresso minhas idéias. E apesar de existir um sem-número de pessoas que afirmam tacitamente que escrevem para si próprias, não tendo a menor intencionalidade e pretensão de que seus escritos sejam lidos pelo Outro, ainda assim é praticamente impossível não haver a presença do Outro no ato de escrever.

Escrever é um ato que envolve a própria totalização dos sentimentos e do expressionismo humano. O número de pessoas que encontram no ato de escrever uma catarse eficaz para os sofrimentos e devaneios existenciais é incontável. Igualmente imensurável é o número de pessoas que têm na escrita uma de suas únicas formas de comunicabilidade com o Outro. Assim, o sofisma de que muitas pessoas precisam da solidão e do isolamento para escreverem é bastante questionável na medida em que esse isolamento do Outro, visto muitas vezes como condição libertária de algumas pessoas, na verdade é uma forma de comunicação e configuração real da presença desse Outro. Ainda que pela própria ausência de seu olhar como leitor. Julga-se estar isolado, e de fato, enquanto escrevemos, muitas vezes estamos realmente isolados fisicamente de outras pessoas, mas, na realidade, estamos vivendo uma interação contínua com o Outro. Até mesmo o isolamento buscado por algumas

para dedicarem-se à oração é, de fato, um mero distanciamento de pessoas, mas nunca a exclusão da interação com o Outro. Orar, em princípio, é manter um relacionamento íntimo com o Outro, através da abstração arbitrariamente imaginada e denominada de Deus. A paz da oração pode aliviar, inclusive, o peso da solidão e de tantos outros sofrimentos que frequentemente invadem a alma humana, mas não isola a pessoa que reza da necessidade de contato com o Outro¹⁴.

Escrever antes de qualquer outra definição é um transpassar de idéias, sentimentos e valores. É tornar de domínio público algo privado. Ou ainda concretizar o dito popular de que a palavra eterna é a palavra escrita. Escrever implica em ter claros determinados parâmetros de comunicação, pois de nada adiantarão frases com estética bem construídas se elas não forem decodificadas corretamente pelo Outro.

Escrever é perpetuar o pensamento através de ensinamentos transmitidos ao Outro pela palavra. Palavra que escrita transforma a própria realidade dos fatos. Não há como dimensionar de forma apriorística como o Outro perceberá e julgará o resultado do ato de escrever. Muitas vezes escrevendo concebemos idéias que são expressas de modo bastante diferente de sua concepção original. E quando esse mesmo texto vai de encontro ao olhar do Outro, a dimensão de sua transcendência é ainda mais surpreendente. Lembro-me claramente da emoção que me invadiu a alma quando do lançamento do meu primeiro livro. A ansiedade que dominou o meu ser nas semanas que anteciparam o lançamento só foi compatível com a emoção que antecedeu os nascimentos dos meus filhos. Ficava horas imaginando como seria a reação das pessoas ao conteúdo dos textos; como seria a repercussão da maneira pouco acadêmica como havia sido escrito; e ainda de como seria a propagação do meu trabalho e das minhas idéias em outras cidades e estados, e até mesmo em outros países na medida em que seria distribuído para outros países de língua portuguesa. Na festa de lançamento não tinha condições sequer de sorver a bebida com a qual comemorava-se o evento. E nos dias seguintes, ver o meu nome estampado na capa de um livro sendo mostrado nas prateleiras e vitrinas das livrarias foi decididamente indescritível.

14. Veremos no capítulo "Solidão e Vida Religiosa" detalhes pormenorizados do ato de orar, e da busca de Deus para superação dos desatinos da alma humana.

E quando surgia alguma pessoa a pedir dedicatória era como se a importância do que havia escrito estivesse recebendo uma condecoração altamente alvissareira. E ainda hoje, apesar de seis livros publicados, após conferências e seminários realizados nos mais distantes cantos, fico emocionado através dos pedidos de dedicatórias. É o renovar de uma emoção sempre nova de constatar a presença do Outro numa das principais atividades da minha vida. E ao receber cartas, cada vez mais numerosas, das pessoas que lêem os meus livros nos mais distantes lugares, tenho uma preocupação de praticamente respondê-las no mesmo dia. Preservo assim a presença do Outro, para quem, afinal, os livros foram escritos. É como se os momentos de isolamento fossem compensados com essas manifestações de amor, e isto apesar de sempre escrever com os meus filhos ao redor, mexendo nas laudas e muitas vezes até interrompendo minha atividade para também "escreverem um pouquinho". O Outro então configura-se de forma real, tornando aquela abstração imaginada de mero leitor, como sendo um Outro de presença física palpável. A cada pedido de dedicatória, vejo o olhar dessa pessoa tentando identificá-la, dentre os possíveis leitores imaginados no meu campo perceptivo; é identificar a pessoa para quem escrevi letras, linhas e páginas de reflexão. Identifico em cada pessoa o Outro com quem me relacionava enquanto escrevia; identifico na busca da dedicatória a razão de ser da propagação de idéias feitas através do livro. Reconheço também em cada leitor, ainda que um crítico severo dos meus escritos, uma pessoa que dedicou momentos preciosos de sua vida para relacionar-se comigo enquanto autor. Autor e leitor, uma relação que se funde numa essência indefinível que não a própria forma estabelecida nessa maneira de ser.

Não podemos conceber o Outro, e apreendermos a essência de seu sentimentos, a não ser saindo, de alguma maneira, de si para penetrar em seu interior e sentir igualmente aquilo que ele sente. Penetrando no Outro, para apreendê-lo intuitivamente de seu interior, nós o reconhecemos precisamente como o Outro, e nosso semelhante.

De outra forma, só podemos aceitar e sentir interiormente o Outro, se, em princípio, já o reconhecemos como sendo precisamente o Outro e nosso semelhante.

Ao reconhecermos o Outro como nosso semelhante práticas como tortura, espoliação mercantilista de mão-de-obra, a miséria, a fome e tantas outras atrocidades provocadas ao ho-

iiiorn pelo próprio homem tornam-se inconcebíveis. Afinal, aquilo que acontece a um semelhante igualmente ocorre com (IO mesmo na projeção do Outro como pessoa. Como semelhante não posso aceitar esses desatinos silenciosamente.

Um simples olhar para o que somos, enquanto homem, e como o somos dá-nos a dimensão de que jamais nos descobrimos como entes isolados dentro de uma concha, existindo cada um por si, de tal e qual maneira que apenas em determinados contextos circunstanciais o Outro aparecesse em meu campo visual. Na medida em que percebo o Outro como semelhante mais do que a necessidade de sua presença em minha vida, percebo igualmente a magnitude do meu próprio ser. Cada um de nós existe a sua própria maneira, mas jamais podendo dispensar a presença do Outro, nem tampouco sendo para si mesmo, como se fôssemos separados de todos os outros.

Somos ligados uns aos outros como filetes d'água, conjuntamente formando um grande rio.

O Outro ao ser visto e concebido como semelhante faz da minha própria condição de ser o início para uma evolução ainda maior da minha condição humana.

Nesse sentido surge a premência das pessoas se conscientizarem da necessidade da criação de relações humanas mais sadias e que apresentem em seu bojo a busca da dignidade humana.

Solidão.

Simplemente solidão, determinante da condição e necessidade do Outro em nossas vidas. E certamente ao adentrarmos cuidadosamente na análise dos aspectos que envolvem a solidão, estaremos abertos não apenas para o entendimento do sofrimento, mas da nossa própria condição de seres solitários.

Solidão e Tédio Existencial

Pode-se definir o tédio existencial como a dolorosa sensação de não estar realizando nossas possibilidades de vida. A sensação de estar parado num ponto sem saída, sem interesse, sem energia. Aquela dor de ver o tempo passar enquanto nossa vida continua sempre na mesma — estagnada e sem vibração.

Um certo tédio é inerente ao ser humano. Afinal, nós nunca realizamos a totalidade de nossas possibilidades existenciais. A existência é um vir-a-ser contínuo e dela faz parte uma certa sensação de não estar crescendo o suficiente, de não estar dando ao ato de viver toda a dignidade que ele merece. Essa inquietação é inerente à condição humana. Acontece que algumas vezes o confronto com este estar parado na vida pode se tornar demasiadamente doloroso. Então a pessoa passa a viver o tédio patológico, o tédio neurótico.

A neurose do tédio acontece quando a pessoa se entrega e nem tenta qualquer ação para crescer ou criar novos interesses. Está sempre faltando alguma coisa que, de fora, viria magicamente salvá-la. Ela não tem mais energia para o passo que iria deflagrar outros passos — outra caminhada. É o caso do adolescente, por exemplo, que acha que só tendo uma bela moto conseguiria a namorada ideal, amigos mais interessantes. Acontece, porém, que os pais não podem comprar a moto. E ele, sem dar nenhum passo na direção da namorada possível, dos possíveis novos amigos, vê o tempo passar sempre tão rico de possibilidades enquanto ele fica ali parado na beira do caminho.

Como este jovem, milhares de pessoas estão sempre insatisfeitas, sempre sonhando com condições ideais para vencer e crescer. No tédio a temporalidade é comprometida. E tédio é algo permanente; o tempo é sentido como comprimido. Não existe dimensão de futuro verdadeiro, ou de passado rico em experiência. O presente nada significa.

Vazio, solidão, cansaço de existir. Os quadros das pessoas no domingo à tarde, quando a vida, nua e crua, chega e diz: "Olha, essa é a sua vida. E o tempo passando..."

Uma correta consciência do tempo é importante para vencer o tédio. A consciência de que *o tempo não passa, quem passa somos nós*. O tempo é imutável. A nona lua cheia traz todos os anos a mesma primavera e todas as suas flores — há milênios. O tempo é sempre o mesmo, eu é que passo por seu círculo imutável. E no entanto o tempo é utilizado como algo que nos pertence. Tenho muito tempo... O tempo não passa, nós é que estamos passando. Uma constatação tão óbvia pode, se bem pensada, apressar nossa busca de outras possibilidades na vida. E a solidão corroendo o que ainda resta de dignidade existencial. A própria linha divisória entre o tédio existencial e a solidão é bastante tênue. Se o trabalho está insatisfatório, dê os primeiros passos na direção de outro. Não é necessário morrer bancário, sob pena de um estrangulamento existencial.

Se o casamento está entendiente é necessário a transformação desse casamento. Significa dizer que pode haver muitos casamentos dentro de um casamento. Quando, aos vinte e três anos de idade, uma pessoa casa, casa trazendo em si determinadas inseguranças diante da vida. Dificuldades afetivas, insegurança profissional, imaturidade sexual etc. Aos trinta e cinco anos de idade é outra pessoa, mais madura, com mais seguranças sexuais e existenciais. Aí, ou existe a transformação nessa busca de crescimento, ou, se quiserem permanecer nas mesmas motivações dos vinte anos, a relação vai ficar desesperadoramente entediante.

Sem ação concreta não se sai deste aniquilamento existencial que é o tédio: se você está explodindo silenciosamente, então é melhor viver, sair da solidão — e do isolamento de outras pessoas. Ir de encontro às pessoas, tentar novas possibilidades, outros trabalhos, outro casamento, outros ambientes.

Uma questão simplista ocorre neste momento: o que faz com que determinadas pessoas partam em busca de uma transformação existencial, e outras, ao contrário, simplesmente se

entreguem diante do tédio? A peculiaridade, a vivência de cada pessoa determina histórias de vida que são chamadas doenças psicopatológicas, hoje é bastante diferente das nosologias descritas por Charcot e Freud, na época da Primeira Guerra Mundial. Nessa época os grandes fenômenos histéricos predominavam entre as neuroses; foram em seguida as neuroses orgânicas que predominaram. Hoje, ao contrário, encontra-se, cada vez com uma frequência maior, um número de pessoas sofrendo de uma "coisa" que aniquila, uma opressão vaga, um sentimento de absurdo frente a vida, e uma situação total de tédio existencial. E na maioria das vezes essas pessoas sequer apresentam sinais e sintomas psíquicos e distúrbios emocionais evidentes. Assim fica muito difícil o próprio enquadramento desses fenômenos no quadro geral das doenças. Muitas pessoas, inclusive, tentam, diante da falta de uma definição mais concreta para o sofrimento, marcar o próprio desespero, seja pelo entorpecimento de drogas, seja por processos de alienação, seja ainda por formas peculiares de buscas. Evidentemente essas buscas não atingem sua finalidade e as pessoas estão cada vez mais se deparando com o *absurdo da própria vida*.

Apenas encarando projetos possíveis e realmente significativos é que se sai do tédio. Para isso, é preciso energizar a insatisfação presente em função da construção de algo novo. Tirar energia da insatisfação, por aí se começa a vitória contra o tédio. Assim o tédio irá funcionar como um sintoma saudável de uma situação insatisfatória. Permanecer indefinidamente nele é que pode torná-lo neurótico.

O imobilismo de certas vidas vem à tona principalmente nas horas mortas de um feriado, de um domingo. O tédio de domingo à tarde. Parece que o mundo pára, dentro e fora de nós. Tudo é aborrecido, entediante. É que estou forçosamente em contato comigo mesmo, e sem a proteção da rotina; então as zonas mortas da minha vida começam a gritar. O que dói num domingo à tarde é o fato de eu poder ver, por exemplo, o quanto odeio o meu trabalho naquele escritório. Ou então que estou numa relação conjugal que há muito ruiu. Ou tenho amigos que não me interessam. *Então a vida está passando e eu não estou vivendo*.

Esse viver deficitário é que gera o tédio. No casamento, a relação exauriu-se, o casamento virou outra coisa. O trabalho virou uma coisa: "Me formei em engenharia, hoje sou caixa de banco. Vivo entre pessoas com quem não tenho nada a ver

e não sei como sair dessa". Tudo isso vem à tona em contornos específicos de ação. Há pessoas que estão infelizes no casamento e morrem infelizes nesse casamento. Outros odeiam contabilidade e morrem entre balanços e faturas. Regimes autoritários facilitam muito o quietismo, o imobilismo das pessoas. Dificilmente as pessoas ousam dizer não, enfrentar a autoridade, e a vida indo... morrendo quieta. Os regimes autoritários estimulam esse passar pela vida de forma resignada, aceitando soluções passivas. As pessoas sequer ousam pensar na possibilidade de que aquela situação infeliz possa ser transformada, que ela possa ter uma vida mais digna. Ao contrário, o que se vê é muito quietismo, resignação. Aquela eterna idéia de que a vida é assim mesmo, tudo bem...

O sentido que damos à vida é o que nos mantém vivos. Ele dá ordem, esperança e força de transformação para a existência. A vida enquanto existência única e isolada não tem sentido. O homem busca um sentido de significação próprio para sua existência, derivando, assim, para diversas possibilidades de realização e desenvolvimento. O homem existe a partir de suas realizações, não existindo pela sua própria vida, isolada do contexto de suas realizações¹. Se a vida tem sentido, vale a pena sair dessa determinada situação tediosa. A falta de sentido para a existência é que nos leva, em última análise, ao suicídio — tanto ao suicídio lento do tédio cotidiano como àqueles atos fulminantes onde a morte é instantânea.

Impossível excluir o tédio. Ele não é uma entidade que vem de fora e se instala em nós. Como você lida com ele é outra questão. Pode ouvir seus avisos e partir para a ação ou deixar que ele se instale como uma neurose. A solidão também é algo inerente ao ser humano, não é algo que chega e toma conta de nós. Mas o próprio enfrentamento da solidão depende de cada um. Algumas pessoas em contato com a solidão escrevem um livro, outras se embebedam, outras buscam contatos inexpressivos, outras se jogam do prédio. Para uns o tédio existencial vai significar o aniquilamento, a corrosão lenta e doída da própria solidão, para outros foi o último aviso que os levou à libertação e ao crescimento. A importância do Outro nesse processo de crescimento e libertação é vital para que a própria expressão libertária tenha parâmetros reais dentro da vida. A

1. ANGERAMI, V.A. *Existencialismo e Psicoterapia*. São Paulo: Traço Editora, 1984.

participação do Outro em nossa vida é determinante do nosso próprio sentido de vida. Consideremos a questão relativamente ao sexo. Duas intenções básicas da sexualidade são: um agradável alívio de tensão e uma alteração no Outro. Sexo parecerá vazio se o Outro não participar. A simples autogratificação da ascensão e queda da tensão pode ser altamente decepcionante. Qualquer teoria da sexualidade que torne unicamente a realização da potência orgásmica o "objeto" do "instinto" sexual, enquanto o Outro, por mais selecionado que seja, não passa de um simples objeto, um meio para alcançar o fim, ignora o desejo erótico de se tornar significativo para outrem².

A frigidez na mulher é, muitas vezes, sua recusa ao homem do triunfo de "proporcionar" satisfação. Sua frigidez é tormento e vitória. "Você pode ter seu pênis, sua ereção, seu (>rgasmo, mas não faz nenhuma diferença para mim." Na verdade, a ereção e o orgasmo são aspectos muito limitados na potência — potência sem o poder de impressionar a outrem. O homem impotente (e analogicamente a mulher frígida) está muitas vezes decidido a não dar à mulher a satisfação de satisfazê-lo³.

O desespero de nada significar para o Outro é a condição presente no ato do suicídio. Nada, nem o tédio, nem a vida o nem mesmo a menor significação para o Outro de sua própria existência.

O tédio existencial leva muitas pessoas a um sofrimento onde a própria sintomatologia supera os limites do conhecimento. Quando alguém diz "estou angustiado" é importante esclarecer o que está sentindo. O medo, a depressão, os sintomas físicos (gastrite, tonturas, taquicardia) associados ao que essa pessoa identifica como "angústia" podem ser a expressão do temor do futuro, da sua falta de perspectiva, da sensação de estar sendo aniquilada pela vida, do desinteresse generalizado, da incapacidade de enfrentar a morte, de tudo isso junto.

Angústia existencial é o sentimento de dúvida diante da vida, diante da não realização de uma série de possibilidades - diante da condição de não ser livre e responsável pelos próprios atos. Um exemplo: reflito sobre a pobreza, sobre as condições precárias de muitos trabalhadores. E fico angustiado por ser uma pessoa privilegiada que, não passando pelas mesmas dificuldades e necessidades, se omite diante desse estado de

2. LAING, RD. *O Eu e os Outros*. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

3. *Ibid.*, Op. cit.

coisas. É comum, frente a uma situação *angustiante* como essa, achar que é mais saudável pensar em outra coisa "Ora, por que vou me *angustiar* com isto se não posso fazer nada para mudar a situação? Vou é cuidar da minha vida, que é melhor".

A maioria das pessoas reage dessa forma por temor de ficarem aprisionadas, cerceadas pela sua angústia. Elas não vêem que, ao contrário, essa angústia é libertária. De alguma forma estou acomodado na situação caótica em que o mundo se encontra. A partir da angústia, não consigo mais ficar acomodado, vou procurar alguma transformação. Minha angústia me leva ao encontro da minha libertação ao tirar-me do quietismo. O homem é angústia. Significa isso: o homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também legislador pronto a escolher; ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira não poderia escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade⁴.

Um medo objetivo ante uma ameaça (ou algo que parece como ameaça) pode provocar angústia. Tenho medo de andar de avião. Ou seja, receio que o avião caia e eu morra. Se for obrigado a andar de avião, fico angustiado diante de um perigo que, pelo menos para mim, é real, concreto. Mas há pessoas cujo medo vago da morte permeia todos os seus atos (e não apenas momentos específicos, como a hora de tomar o avião). Por medo da morte, deixam de viver, para não precipitar a morte. E são atiradas de encontro a um tédio existencial que corrói não apenas a própria dignidade existencial, como suas entranhas. Tomam tantas precauções que não aproveitam suas chances na vida. Como se ficando quietas, atiradas a um estado de total quietismo, fossem capazes de controlar a morte, de não deixá-la acontecer.

Pode parecer uma grande e inextricável contradição, mas vive melhor quem traz a morte para a vida. Somente assim se vive cada dia como se fosse o último, com a mais plena consciência dos próprios atos. Por mais que a gente marque compromissos para daqui a uma semana, programe férias para dentro de seis meses, ou faça dívidas para pagar no próximo ano, ninguém pode ter certeza de estar vivo a não ser hoje. Com essa consciência é que se poderá realizar o maior número de possibi-

4. SARTRE, J.P. *O Existencialismo é um Humanismo*. Lisboa. Editorial Presença, 1970.

lidades. Abre-se ao Outro, ao mesmo tempo em que perde-se o apego irracional aos bens materiais. Pessoas que passaram por uma crise, por uma doença grave, muitas vezes adquirem lá consciência, passando a viver de maneira diferente cada minuto. A morte tem a condição de determinar à existência fim de seus devaneios, planos e ilusões. A morte é a ocorrência mais concreta da existência humana, determinando, muitas vezes, a condição de absurdidade da vida.

A transparência dos fatos e a própria dimensão do ato de morrer, ao ser trazida à consciência, determinam o esteio sobre o qual a vida é sedimentada. Numa simples projeção, é praticamente impossível pensar-se de que forma seria a existência sem a morte. Se não existisse a possibilidade de se morrer, certamente, teríamos que conceber uma forma de existência sequer tangível pela razão e portanto pela não razão⁵. Não há como fazer uma separação de que ponto a vida se torna oposta ao morrer, e analogamente a morte às possibilidades existenciais. Não há como afirmar-se, por exemplo, que uma criança de três anos está só vivendo e um velho de oitenta anos está só morrendo. Começa-se a morrer desde que se nasce. A cada dia, estamos vivendo e morrendo. Dessa visão, nasce a procura de um sentido para a existência, para as próprias ações.

Na nossa sociedade, no nosso contexto, houve uma inversão de valores. As pessoas não são valorizadas por aquilo que são, mas pelo que *possuem*. O ideal seria que cada um fosse valorizado pelas suas ações, seu caráter, sua dignidade, pelo que tem de pessoal e inimitável. O que faço ninguém pode fazer exatamente igual, cada um é inimitável, insubstituível e, por isso, a cada um cabe procurar o sentido de sua própria vida.

Dizer que cada dia deveria ser vivido como se fosse o último pode parecer uma postura pessimista. Mas é justamente o contrário; é a partir do momento em que assumo minha finitude que passo a viver plenamente. Se alguém me perguntar "Quer ir ao cinema comigo hoje?" e eu lhe responder *não*, estarei fechando uma possibilidade. Pode ser que eu vá ao cinema com essa pessoa amanhã, ou depois, mas não será o mesmo

5. ANGERAMI, V.A. *Psicoterapia Existencial. Noções Básicas*. São Paulo: Traço Editora, 1985.

encontro. Diariamente, fazemos opções assim porque cada ato é uma opção.

Se cada um parasse e refletisse sobre si mesmo e o mundo que o cerca, perceberia até que ponto é responsável por seus atos. Muitas vezes, brinca-se com essa responsabilidade, dizendo "Quem sabe, talvez, amanhã, depois, no mês que vem etc". Quando assumo minha responsabilidade, ao dizer *não é não* mesmo. Conscientemente fechei aquela possibilidade. Não serei daquelas pessoas que diz "Apareça lá em casa um dia destes para tomar um café", quando não estou nem pensando em rever aquela pessoa? Ou não vou dizer nada, ou serei claro "Terça-feira, às cinco horas espero você lá em casa para um café". Dessa maneira, estarei tornando-me o verdadeiro dono dos meus atos, sem jogar a responsabilidade para o Outro, ou para o acaso. Eu assumo. O contrário é ir-se de encontro ao tédio por não estar realizando quase nenhuma das possibilidades inerentes à existência.

O lado positivo da angústia é, portanto, abrir possibilidade de tomar consciência da própria condição humana, de ser livre com inúmeras possibilidades pela frente. É a liberdade que nos faz diferentes das outras espécies, dos outros seres, que vivem em seu habitat natural, enquanto o homem constrói o seu mundo. Na medida em que é livre, tem que assumir a totalidade dos seus atos.

Alguém pode dizer "Como, livre, se vivo num sistema econômico e em condições políticas opressivas?" Não se pode esquecer que, por trás de qualquer opressão, sistema sócio-político, espoliação mercantilista, existem homens, sempre homens. Quando se diz "Tal fato é culpa do sistema" (como se sistemas e sociedades fossem entidades cósmicas e não mantidas e criadas por homens) está-se deixando de lado, inclusive, a possibilidade de participação — ou omissão consciente — na estrutura desses sistemas e sociedades. Um exemplo: tenho filhos e fico emocionalmente arrasado quando vejo outras crianças como eles vivendo em condições precárias. Sozinho, eu não vou mesmo acabar com a miséria de todas essas crianças. Mas, dentro de minhas possibilidades, posso optar pelo meu caminho visando esse objetivo. Libertado-me da angústia pela ação. A decodificação da angústia não pode ser derivada para um plano estritamente pessoal. A própria configuração do tédio existencial e da solidão igualmente não permitem esse isolamento. Não se trata de negar o individual, mas apenas dimensionar

por que uma pessoa se angustia com determinadas coisas e outras pessoas com outras. Isso é muito importante. Mas, a partir dessa abordagem individual, também é limitador isolar a pessoa do contexto social, porque somos seres sociais. Qualquer explicação que exclua a pessoa ou o contexto social será no mínimo incompleta. O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência. O homem não é mais que o que ele faz⁶. E na medida em que as estruturas sociais são sedimentadas e determinadas pelo homem, essa asserção individual é igualmente verdadeira em termos sociais.

Vamos tomar o exemplo de uma relação conjugal sufocante para uma mulher. Ela pode tentar resolver sua angústia acomodando-se, modificando a relação ou saindo dela. Essas serão tentativas de resolver sua situação pessoal. Mas, a partir da angústia, também pode adquirir maior consciência de sua condição feminina e passar a lutar por condições menos sufocantes para todas as outras mulheres num contexto social mais amplo.

Qualquer pessoa poderá achar inúmeros exemplos que mostram que todo aquele que se detém para refletir sobre sua vida, sobre suas possibilidades na vida, descobre que a angústia é inevitável. Mas ela se torna saudável quando se passa a ter consciência de que a vida é repleta de situações como a morte, a solidão, o tédio, que nos levam ao sofrimento. Na medida em que tomo consciência desses problemas, desses fatores que cerceam minha vida, posso dar a essa vida outra conotação. O homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio e, no entanto livre, porque uma vez lançado ao mundo é responsável por tudo quanto fizer⁷.

Dessa maneira, tenho que assumir que a vida é um conjunto infundável de sofrimento e que a partir da minha conduta, da minha situação, posso transformar essas situações ruins em momentos prazerosos. Posso lidar melhor com minha morte, com minha emoção e assim por diante.

A angústia, o tédio existencial e a solidão dominam as pessoas quando se adquire a consciência do que a vida de fato é. E quando se adquire consciência da liberdade, também, por-

6. *O Existencialismo é um Humanismo. Op. cit.*

1. *Ibid. Op. cit.*

que assumir a totalidade dos próprios atos é muito difícil: vivemos numa sociedade em que o Outro é sempre o responsável pelos nossos atos. Entre a maioria dos casais que se separam, o cônjuge que fala nunca é responsável pela separação. O responsável é o Outro, o que está falando é a vítima, é quem sofreu todas as espoliações. Converse com o sócio que terminou uma sociedade e o responsável pela dissolução da sociedade, pelos erros, será sempre o Outro. Quando temos que assumir a responsabilidade por nossos próprios atos a coisa se complica, porque já aprendemos a responsabilizar o Outro pelos nossos fracassos.

Existem, também, pessoas eternamente entediadas, angustiadas. Ora a fonte de sofrimento são as prestações da casa, ora é o vestibular do filho, ora a viagem do cônjuge e assim por diante. Nesse caso há um sério comprometimento emocional. Sentimentos enraizados são apenas deslocados de uma situação específica para outra. Não se trata, então, daquela angústia inerente à condição humana, mas do desperdício da chance única de viver. Se essas amarras existenciais não forem cortadas não se vai ao encontro de horizonte nenhum.

Problemas que cerceiam a existência não faltam ao homem contemporâneo. A sociedade em que vivemos tem tudo para aniquilar a pessoa em todos os níveis - sexual, afetivo, profissional. Ou nos libertamos dessas condições, ou aceitamos o estrangulamento e nos entediamos de uma vez diante desse aniquilamento existencial. O fato da sociedade ser estruturada dessa forma não significa que seja preciso aceitar todas as suas imposições. Cada um pode procurar sua própria dignidade apesar do contexto social.

A definição precisa do que é dignidade existencial dependerá de cada um. A partir de uma reflexão sobre a existência é que surgirá o parâmetro daquilo que é a condição ideal para uma vida plena. Em muitas situações de vida, muitos de nós sentimos a angústia se tornar tão sufocante, tão oprimente, que nos leva à conclusão de que se não houver uma mudança radical a vida se tornará algo desesperador.

Não é raro uma pessoa aceitar uma situação de vida, um casamento ou trabalho que abomina por achar que não será capaz de mudar essas condições, o que exigiria medidas muito drásticas, muito longe do seu alcance, de suas formas. Desprezamos as pequenas coisas. O grande rio, que atravessa vales, planícies e montanhas e se despeja no mar, é um conjunto de

gotículas d'água. O maior dos livros foi escrito letra por letra, palavra por palavra, página por página. A mais inextricável das florestas cresceu semente por semente, árvore por árvore, na sua própria dimensão. Pedra por pedra, parede por parede, erguem-se os grandes monumentos*.

É o conjunto das pequenas coisas que gera as grandes realizações. O importante é que o primeiro metro de estrada percorrida já muda a perspectiva, porque permite ver o presente e o futuro de outro ângulo.

Atualmente, no Brasil, a solidão, o tédio existencial e a angústia são afetadas diretamente pelas condições econômicas e sociais adversas nas quais o país se encontra mergulhado. Vejo um pessimismo crescente nascido da falta de perspectivas; vejo inúmeras pessoas entrando em estados de estresses, fadiga e até mesmo crises nervosas. Isso gera depressão, falta de apetite sexual, somatizações - problemas cardiovasculares, úlceras.

Evidentemente que, em nenhuma circunstância, as condições sócio-econômicas deixam de afetar a pessoa. Mas em situações críticas de instabilidade sócio-política como a que vivemos no Brasil, esse quadro sofre um grande agravamento.

Uma vez que somos tão permeáveis às influências sociais, e vivendo numa sociedade que constantemente nos propõe conflitos e pressões excessivas, até sofrimentos inerentes à condição humana como a solidão, o tédio, a angústia etc, tornam-se opressores numa dimensão ainda maior.

Em situações de tamanha insegurança social, não há como idealizar um futuro promissor, cultivar projetos altruístas ou dedicar-se a obras duradouras. Na verdade situações sociais i ao aversivas levam-nos ao questionamento da própria sobrevivência imediata.

As crises econômicas levam as pessoas a uma angústia que não é existencial, que não nasce da busca de caminhos pessoais, da realização como ser humano. A ansiedade vem de fora, da estrutura social que achapa e atormenta. E, por exemplo, a ansiedade daquele que tem uma profissão, com a qual se preparou para enfrentar a vida, com a qual conta para uma existência digna para sustentar a família. Em pouco tempo, **I** >erde essa segurança - sua profissão, seu passado não são mais garantias. Nessas circunstâncias tédio, angústia e até mesmo o isolamento social precisam de uma redefinição para que não

se caia numa mera digressão acadêmica distante dos fatos e da realidade.

Quando escuto comentários a respeito dos adolescentes, de que são entediados, entorpecidos pela droga e que não apresentam responsabilidades frente a vida, a questão parece bastante óbvia. Como não ser entediado se a própria perspectiva de vida foi totalmente cerceada? Fala-se muito que o jovem de hoje é livre. Livre para quê? Para ter várias namoradas (que, por sua vez, têm outros tantos namorados)? Aquilo que lhe daria verdadeira liberdade - trabalhar no que escolhesse, independência econômica, dignidade existencial, ele não tem. O tédio existencial surge como sendo a única alternativa diante da total falta de perspectiva de vida. Esse jovem vive apenas com aquilo que lhe dão, não tem direito de criticar, de reivindicar. Dos jovens formados nas universidades, raros trabalham na profissão. Mesmo os que trabalham, costumam passar anos num subemprego. O jovem advogado fica anos num escritório de advocacia... como estagiário. Ou não faz nada. É freqüente um jovem de vinte e seis, vinte e oito anos nunca ter trabalhado. Terminou a faculdade, e fica fazendo uma especialização interminável. Não raro, faz uma faculdade por imposição dos pais, porque mora com eles e não quer perder as mordomias, adquiridas em última instância pela sua resignação. Não por idealismo, pelo desejo de realizar-se naquela profissão, com a qual pretende dar determinado sentido à sua vida. E, mesmo com esse desejo, não tem a certeza de que seu diploma, o curso ao qual se dedicou de fato servirá para alguma coisa. Ou ainda que a profissão escolhida tenha condições de garantir uma existência razoável. Pode ser que, diante dessa total falta de perspectiva, arrume um emprego, algo para ganhar muitas vezes até um bom salário. Mas isto, seguramente, está longe de ser o caminho para uma vida digna. Nestas condições é praticamente impossível isolar esse jovem do tédio corrosivo de suas vidas. A solidão se une ao tédio e configura na própria vida o desespero de uma situação praticamente imutável.

O número crescente daqueles doentes que só sabem se queixar da insensatez vazia e tediosa de suas existências não deixa mais dúvida em nenhum médico psiquiatra de que o quadro patológico, que poderia ser chamado neurose do tédio, ou neurose do vazio, é a forma de neurose do futuro imediato⁹.

9. BOSS, M. *Angústia, Culpa e Libertação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

O tédio existencial está a exigir das ciências do comportamento uma definição mais precisa sobre sua ocorrência. Somente assim o paciente poderá ser compreendido de uma forma mais abrangente. O desprezo ao sofrimento provocado pelo tédio é tão insólito quanto a negação de sua ocorrência. E na medida em que até a própria identidade tem sua configuração na nossa relação com o Outro, a questão do tédio ganha contornos ainda mais imprevisíveis. Além do mais, não podemos fazer um relato fiel de "uma pessoa" sem falar do seu relacionamento com o Outro. Mesmo a apreciação de uma só pessoa não pode esquecer que cada qual está sempre *agindo* sobre os outros e *sofrendo a ação* dos outros. Uma mulher não pode ser mãe sem ter filhos. Precisa de um filho que lhe dê a identidade materna. Um homem precisa de esposa para ser marido. Um amante sem amada é um pseudo-amante - tragédia ou comédia, segundo o ponto de vista. Todas as "identidades" exigem um Outro — alguém em que e através de cujo relacionamento a auto-identidade é efetivada. Todo relacionamento implica numa definição do *eu* pelo Outro e do Outro pelo *eu*. A identidade da pessoa não pode ser completamente abstraída de sua identidade-para-os-outros; de sua identidade-para-si-mesma; da identidade que os outros lhe atribuem; da identidade que ela atribui aos outros; da identidade ou identidades que julga que lhe atribuem, ou que pensa que eles pensam que ela pensa que eles pensam...¹⁰.

Ocorre muitas vezes que o paciente simplesmente existe, não tendo uma força realmente vital que possa transformá-lo de maneira significativa. Situações existem onde o paciente precisa libertar-se do confinamento existencial, imposto por sentimentos inerentes à sua própria condição humana. É aquela eterna situação de um sofrimento cáustico que chega até mesmo às raias da incompreensão. Ou ainda no depoimento de uma paciente: "Minha vida é um grande vazio. Quando ele me penetra, tenho a sensação que o seu pênis penetra não apenas a minha vagina, mas um buraco que passa pela vagina, pela alma e vai até o infinito. E quando ilquém me olha na rua tenho a impressão que está olhando .i dimensão dessa perspectiva vazia que é a minha vida. Tudo «• igual. As pessoas, os objetos, o tempo, a vida. Tudo é desesperadoramente vazio. E pensar que esse desespero, que esse

10. *O Eu e os Outros*. Op. cit.

vazio é interminável é algo que me assusta. O peito parece estrangular o coração; tenho a sensação que essa 'coisa' vai me engolir".

Esse depoimento certamente abarca uma realidade existencial vivida por um sem-número de pessoas na atualidade. A sensação de vazio é algo que praticamente faz parte do mundo contemporâneo. E, como vimos anteriormente, na própria proporção em que crescem os avanços tecnológicos, esse vazio existencial abarca e corrói uma imensa quantidade de pessoas.

O conflito do tédio existencial na condição humana é retratado magnificamente no Concerto para Piano n° 24 em Dó Menor, para piano e orquestra de Mozart. Em seus concertos, principalmente aqueles escritos para piano e orquestra, Mozart paira soberbamente sobre os demais autores. Na maioria de seus concertos, a atmosfera é colorida, luminosa, cálida, de sonoridade e ritmo cintilantes. Indescritivelmente maravilhosos. No Concerto n° 24, em Dó Menor¹¹, entretanto, o lirismo e a própria harmonia estão sobrecarregados em nuances sombrias de insatisfação e ondas de emoção contidas. É a própria configuração de momentos muito difíceis vividos pelo autor. Este caráter trágico e sombrio do Concerto em Dó Menor se faz presente de maneira bastante evidenciada logo na introdução orquestral; um tema sombrio nas cordas, com pungentes interpolações melódicas dos sopros de madeira, na forma de acordes súbitos. O segundo tema, acirrado pelas cordas, é elegia d'alma. O piano, na seqüência, se apresenta com um solilóquio, curto e terno. Triste e com a condição de espelhar a dor de um coração dilacerado. Em seguida, os dois temas reaparecem entrelaçados. E no desenvolvimento a tragédia desabrocha e cresce poderosamente.

O movimento lento desse Concerto é um "larghetto" na forma de rondo, e começa com uma canção doce e suave a três vozes executada pelas cordas. E assim como o primeiro movimento, conserva este estado de espírito contido, introversivo, onde a introspecção é determinada pela doce melodia da abertura, repetida novamente.

11. Embora esse Concerto apresente sinais trágicos evidentes, convergindo, inclusive, para momentos bastante melancólicos, evidentemente que a sua associação com o tédio existencial é mera interpretação pessoal. Seguramente poderão haver interpretações bastante diferentes sobre esse mesmo Concerto; no entanto, a sua configuração como retratação do tédio existencial é clara e transparente.

O movimento final é um "allegretto", e, ao contrário dos movimentos anteriores, é otimista e tempestuoso. A alma, que sofre e se queixa em meio a tormentos e turbulências, levanta-se orgulhosa e vitoriosa. Um tema se apresenta misturado pelas cordas e pelo piano, e a própria vida entediada ganha nova cor e dimensão, ao transformar-se no arrebatamento do vigor desse novo entrelaçamento temático.

E assim também é a própria vida ao se transformar para superar o tédio existencial sufocante. E tornar-se essência de luz e cor na superação do próprio sofrimento.

Tédio, miséria, solidão e espoliação mercantilista. Drogas e alcoolismo. Fome e torturas. A exploração do homem pelo próprio homem. Tantos fatores de desagregação estão a exigir não apenas a transformação da própria vida como o surgimento de uma nova condição humana. Digna e prazerosa. Onde o tédio e a solidão sejam figuras poéticas e não espectros tão destrutivos como vemos atualmente.

E no entanto, surpreendentemente, é no rol das pessoas que mobilizam e fascinam milhares de pessoas em torno de si, que encontraremos os exemplos mais estupefantes de corrosão existencial pelo tédio existencial.

Janis Joplin, por exemplo, a cantora que na década dos anos 60 eletrizava milhares de jovens com suas canções de amor e protesto, dizia que quando estava no palco cantando tinha a sensação de estar fazendo amor com cinquenta mil pessoas. E que, no entanto, quando chegava nos camarins deparava-se com a dimensão de sua realidade: uma solidão insuportável e que era agravada com a multidão que gravitava ao seu redor. Janis Joplin morreu através de ingestão excessiva de drogas. E drogados também morreram Elvis Presley, Brian Jones, Jimy Hendrix entre outros¹². Todos ex-

12. Elvis Presley era cantor de "rock and roll" nas décadas dos anos 50 e 60, atingindo o ápice de sucesso possível por um artista. Na década de 70 foi encontrado morto em sua casa vitimado por ingestão excessiva de drogas. Brian Jones era, na década de 60, guitarrista da banda inglesa de "rock and roll" The Rolling Stones. Brian foi encontrado morto na piscina de sua casa. ('msa mortis: ingestão excessiva de drogas. Jimy Hendrix também era expoente do "rock and roll" na década de 60. E também foi encontrado morto vitimado por ingestão excessiva de drogas. E se fôssemos arrolar nesse trabalho a totalidade dos grandes ídolos vitimados por ingestão excessiva de drogas teríamos, inclusive, não um apêndice ilustrativo sobre o tédio existencial e sim um tratado de milhares de páginas sobre pessoas corroídas pela própria existência.

poentes máximos no "rock and roll" e que igualmente se corroe-ram pelo tédio que aniquilou todas as possibilidades de uma existência digna.

Outro exemplo bastante significativo de pessoa que era constantemente cercada por fãs e admiradores, e que igualmente não suportou o tédio da própria existência é Marilyn Monroe, um dos maiores símbolos do cinema mundial. No auge de sua carreira, quando era considerada o maior símbolo sexual dos Estados Unidos, Marilyn confidenciou a um amigo de que nada adiantava ser adorada por milhares de pessoas se num sábado à noite simplesmente não tinha com quem conversar. Marilyn Monroe também morreu através de ingestão excessiva de drogas. É como se o tédio existencial permitisse que certas pessoas conquistassem o coração de milhares de pessoas para, em seguida, mostrar a dimensão real de sua fúria arrasadora. E ironicamente esses ídolos são invejados, idolatrados, amados e, na maioria das vezes, mitificados pela multidão de fãs e admiradores. E até mesmo suas condições de vida - a forma de vida mostrada ao público - é alvo constante de mostra e até mesmo de parâmetro para um sem-número de pessoas. E nem mesmo a privilegiada situação econômica que diferencia esses ídolos é capaz de trazer algum alívio diante do sofrimento provocado pelo tédio¹³.

A própria busca das drogas mostra a necessidade das pessoas entorpecerem a consciência para suportar as adversidades da existência.

O uso contínuo de drogas mostra que aquilo que inicialmente era busca de um prazer desvinculado do cotidiano torna-se a própria razão da vida.

E uma simples análise do teor das drogas utilizadas nas últimas décadas mostra-nos a busca e a essência nessa alteração de consciência.

Na década de 60, em termos mundiais com reflexos até mesmo nos chamados países do bloco socialista, os jovens consumiam predominantemente maconha e LSD - uma das formas encontradas de ácido lisérgico.

13. Em termos nacionais o maior exemplo dessas citações é a cantora Ellis Regina, que no auge de sua carreira também foi encontrada morta vitimada por ingestão excessiva de drogas.

A maconha com seu efeito tranqüilizante e o LSD com **ua** manifestação estrondosamente bombástica¹⁴.

Era uma geração marcada pelos movimentos hippies e beatniks; uma geração que *lutava* pela paz, pela vida, pelo amor; clamava e exigia um mundo novo, sem bombas atômicas, sem guerras e sem ameaças nucleares. Era uma geração **i**ue diante do inconformismo de uma situação caótica pegava, inclusive, nas armas para transformação do mundo¹⁵. Consumia drogas que transformavam o próprio mundo através **i**la alteração da consciência. Era basicamente a forma **encon-**rada para a reinvidicação de uma vida mais digna, sem ódio. **K** onde as flores e o amor pudessem mostrar-se soberanos diante das atrocidades das querrás, da violência e das injustiças sociais.

A geração dos anos 80, por outro lado, consome uma quantidade grande de maconha. Mas a droga que definitivamente marcou essa geração foi a cocaína.

Geração conformista, resignada com as atrocidades sociais e levada a um total estado de quietismo frente a perda

14. O ácido provoca uma alteração de consciência de efeitos imprevisíveis. Assim, uma pessoa ao ingeri-lo pode ter a percepção de que os móveis existentes ao redor estão movimentando-se; prédios incendeiam-se, objetos **l**ransformam-se em gigantescos animais etc. Era a própria transformação **i**lo mundo estático em algo indefinível. Era o indício maior de que as "coisas", os objetos, o mundo em si necessitava transformação. Houve, inclusive, muitas pessoas que, após a alteração de consciência provocada pelo ácido, não conseguiram mais voltar ao estado anterior de consciência. Nesses casos **i** alteração provocada pelo ácido levou essas pessoas a um estado contínuo de alteração de consciência. A própria definição do que seja uma consciência alterada pede uma nova conceituação de *normalidade*. *Normal* é aquela pessoa que vive sem alteração de consciência num mundo de violência, de total desrespeito à condição humana - representada em suas manifestações de miséria, fome, escravidão etc. - poluição, ameaças nucleares, catástrofes ecológicas?!?! Ou *normal* é aquele que diante de tanta violência e atrocidades institucionalizadas altera o sentido de sua consciência - muitas vezes até escolhendo determinadas patologias mentais - para ter uma percepção do mundo, no mínimo, mais suportável?!?! Seguramente a resposta exata para esse tipo de questionamento longe de ser uma asserção existencial, é, antes, uma polemização que nos leva a uma total redifinição do próprio sentido da vida.

15. Foi na geração dos anos 60 que houve o surgimento do maior número de grupos guerrilheiros que lutavam pela derrubada de governos ditatoriais. Um sem-número de jovens que por meio da luta armada tentou transformar o cenário cinza da violência institucionalizada pelos mais distantes cantos da Terra.

de liberdade existencial, não poderia ter outro lenitivo que não a cocaína¹⁶.

A cocaína mata.

E a despeito do argumento de que se trata de uma droga caríssima, e portanto inacessível à grande maioria das pessoas, vale o fato de que a adulteração sofrida durante o seu processo de refinação e tratamento permite a mistura com substâncias - talco, pó de mármore, leite em pó, cimento etc. - que permite o barateamento de seu custo final. Assim, todos têm acesso ao "*maravilhoso pó branco*". Uns na sua forma pura, outros em apresentações adulteradas.

A cocaína mata numa proporção maior que qualquer droga, mantida a devida proporção entre o número de pessoas que se utilizam do álcool e de outras drogas, e o número de pessoas que dela se utilizam.

Diante da forma cáustica do mundo contemporâneo parece até que a cocaína é a única maneira encontrada por um sem-número de pessoas para encontrar alívio diante dos desatinos existenciais.

Diante da angústia provocada pelas injustiças sociais, ao invés de uma ação transformista, cocaína. E tudo se transforma (ao menos na percepção de pessoa sob o efeito da droga).

Diante da solidão dilacerante provocada pela ausência do Outro, ao invés de uma ação de busca existencial, cocaína. E

16. A ingestão de cocaína provoca uma acentuada sensação de bem-estar emocional. As pessoas após a ingestão da droga sentem-se confiantes e capazes de realizar determinadas empreitadas que, sem o efeito da droga, seriam impossíveis até mesmo de ser projetadas. É por essa razão que um número cada vez maior de executivos, jornalistas, empresários, liberais, comunicadores etc, se utilizam freqüentemente de cocaína. A droga faz com que a consciência se altere, sem no entanto transformar o mundo. As pessoas sentem-se bem num mundo desolador. As diferenças sociais, as atrocidades cometidas contra a dignidade humana, a violência, o ódio, o desamor tornam-se fragmentos inócuos diante da sensação de bem-estar experienciado após a ingestão da droga. Ou ainda nas palavras de Souza in *Society Cocaina*. São Paulo: Traço Editora, 1982: "Aumentando continuamente a quantidade de tóxicos ingerida, os viciados vivem quase que constantemente sob seu efeito. Antes mesmo que passe a sensação provocada pela primeira dose, eles tomam uma segunda, para evitar a depressão causada pela ausência do narcótico no corpo. E como ainda sob o efeito da primeira dose, o viciado pode cometer, com certa facilidade, um erro no cálculo do narcótico que vai ingerir. Ele pode, ainda, tomar uma dose mais elevada conscientemente, pensando que, com isso, aumentará o intervalo entre uma dose e outra. Se, durante o tempo em que tomar drogas, o viciado nunca cometer nenhum desses erros, o tóxico o acabará matando de outra forma: seu organismo irá se debilitar aos poucos, pelo uso de entorpecente e pela má alimentação — quase todos os tóxicos provocam a diminuição do apetite - e ele já não terá condições de resistir às doenças".

a própria vida, ao menos naqueles segundos da ingestão, se transforma.

Diante do vazio existencial, daquela situação dolorosa de ver o tempo passar e não conseguir viver a totalidade das possibilidades existenciais, ao invés de uma transformação libertária, cocaína. E o redimensionamento dos fatos mistura-se ao efeito da droga.

Diante da absurdidade da existência, ao invés da busca de um sentido de vida com significado a partir de realização dignificante, cocaína. E o absurdo é tolerável e até mesmo prazeroso. A resignação dessa geração não aceita transformações por pequenas que sejam; é a geração que busca sensações em breves momentos de *bem-estar*. É preciso aceitar a indissolubilidade do quietismo de um mundo que sofre.

Cocaína. Nada mais.

A resignação faz da cocaína a droga do vazio e do absurdo, onde tudo é feito sem o menor questionamento do que seja uma vida sem o efeito do "*maravilhoso pó branco*" que pulveriza não apenas sonhos e ilusões, como também sentimentos de inconformismos diante das atrocidades existenciais.

As chamadas "overdoses" de cocaína são cada vez mais freqüentes, levando consigo não apenas vidas que buscavam um sentido colorido para suas existências, mas, também, a esperança de todos que esperam uma transformação interior das pessoas rumo à construção de uma vida mais digna¹⁷.

E se o tédio existencial impõe às pessoas o uso contínuo de drogas tão destrutivas, tudo nos leva a crer que, num futuro bastante próximo, estaremos ensinando aos nossos filhos que o suicídio é a melhor alternativa diante dos desatinos existenciais. E isso seguramente não poderemos permitir: existe a necessidade de transformação dessa realidade onde até mesmo as relações prazerosas de sexo são consideradas letais com o espectro da AIDS cerceando os momentos de orgasmo. Não podemos assistir passivos ao triunfo da cocaína sobre a própria dignidade humana.

17. O aumento do consumo em nossa sociedade pode ser medido facilmente pelo noticiário da imprensa que mostra as enormes quantidades que são apreendidas quase que diariamente nas alfândegas. Ou ainda pelas brigas de quadrilhas que controlam o tráfico de drogas, principalmente no Rio de Janeiro. O próprio aparato policial existente nos aeroportos visando detectar a presença de cocaína nas bagagens e pertences dos passageiros é outro indício da maneira como a sociedade luta contra o avanço da droga.

A cocaína proporciona prazer e morte. *Bem-estar* e dor. Alívio e sofrimento físico. E isso tudo sem fazermos referência à possibilidade da aquisição do vírus da AIDS através do uso de seringas contaminadas.

Vivemos a era do tédio e do vazio existencial. Dessa maneira não há como esperar uma transformação verdadeiramente libertária, se não houver a própria transformação interior do homem dos verdadeiros valores de dignidade humana. Não há como suportar tantas atrocidades sociais e desatinos existenciais se não ocorrer uma transformação no sentido, como vimos anteriormente, de reconhecer o Outro como semelhante. Somente assim o tédio existencial deixará de ceifar e dizimar tantas vidas humanas.

Ao contrário, assistiremos à cocaína e tantas outras formas degenerativas de vida - incluímos nesse rol o álcool e tantas outras drogas quantas forem possíveis ser arroladas - triunfarem soberbamente diante dos olhares atônitos de todos que desejam uma vida digna e alvissareira.

E se realmente a cocaína¹⁸ é necessária para a manutenção do quietismo diante dos problemas existenciais que estão

18. Ao enfatizarmos a cocaína e as drogas como forma de resignação existencial, estamos apenas mostrando uma das muitas formas de alteração de consciência na atualidade. Não desprezamos igualmente outras formas de degeneração como, por exemplo, a ingestão excessiva de bebidas alcoólicas. Sabemos da abrangência de todas essas formas de corrosão existencial. Apenas enfatizamos a cocaína pelo crescimento alarmante de seu consumo na década de 80. E evidentemente pela forma tão destrutiva como se apresenta na atualidade. É como se a cocaína transformasse a afirmação bíblica de que do pó viemos e ao pó retornaremos um simples devaneio de seus caprichos e desatinos. Ou ainda nas palavras de Souza (*in Op. cit.*) citando uma balada escrita por ocasião da morte de Janis Joplin e Jimmy Hendrix: "Estamos chorando por eles. Jimmy Hendrix, de 24 anos, gênio da guitarra. Morto por drogas. Janis Joplin, 26 anos, estrela do soul. Morta por drogas. Somos uma empresa intimamente ligada à comunicação. Para Jimmy e Janis, seríamos um punhado de cifras, alienado e sem calor. Uma realidade da qual fugiriam para o mundo mágico que criaram. De onde saem, então, as lágrimas que choramos por eles? Saem de todos nós. Da juventude que nos cerca. E que amamos. Porque eles são um sopro de vida no cansaço do mundo. Porque eles são cores, vida, amor, liberdade. Porque o mundo só é rico no coração dos jovens. Por isso, além de nossas lágrimas, estamos colocando nossa arma - o anúncio - a serviço de todos os Jimmys e Janis deste País. Pelo amor de Deus, vivam. Não deixem que a alienação maior - a viagem sem fim - acabe sem volta. Não deixem que as drogas os levem para sempre do mundo que vocês querem esquecer. Sem vocês, esse mundo fica ainda

a exigir ação libertária, então, seguramente, teremos que aceitar como verdadeiro o fato de que a vida é realmente inviável. E isso é algo que recuso terminantemente em aceitar.

É preferível a busca de uma nova perspectiva existencial do que simplesmente entregar-se à alteração da consciência proporcionada pelo uso de drogas.

Estamos numa era de total incerteza onde o tédio surge como sendo uma das muitas manifestações de desespero da condição humana.

O tédio, a solidão e a angústia estão a exigir uma transformação radical do homem contemporâneo rumo a formas de vidas dignificantes. Somente assim será possível a construção de uma sociedade mais justa e verdadeiramente humana. Uma sociedade que tenha a liberdade de ação proposta pelo capitalismo e a justiça prometida pelo socialismo. E onde as pessoas não sejam simplesmente coeficientes habitacionais ou populacionais, mas que, ao contrário, sejam consideradas e respeitadas a partir de sua própria condição humana. E ainda assim não assistiremos à total dizimação do tédio da solidão e da angústia. Mas, certamente, teremos condições muito mais adequadas de enfrentamento.

pior. Fugam dos traficantes. Em última instância, vocês, que têm um sereno desprezo pelo mundo dos negócios, estarão alimentando o mais sujo dos negócios do mundo: drogas. E se vocês julgarem que somos nós, os mais velhos, uma das razões do vazio da vida que os atormentam, vivam o suficiente para tentar mudar o mundo que lhes demos. Ninguém faz nada nem muda debaixo de um túmulo. Preferimos ver vocês levantando os braços na ilha de Wighr, do que baixá-los para morrer. Não morram por nada. Não vale a pena. Ou, para usar a nossa linguagem: é um mau negócio"



Solidão e Suicídio

Um dos extremos no tocante ao comportamento e sofrimento ligados pela solidão é o desespero do suicídio. A solidão ao transformar-se num processo contínuo e doloroso pode até culminar em suicídio. Ato de desespero quando não se enxerga nenhuma outra saída para uma situação insuportável. A morte se apresenta, então, como única alternativa para a sensação de não suportar o peso da própria vida, da própria condição humana.

No suicídio, em geral, entram muitas variáveis, desde problemas pessoais, conjugais, com os filhos, até desemprego e outras situações provocadas pelas oscilações sociais.

A solidão é, no entanto, um fator sempre presente.

Solidão.

Simplesmente solidão.

Suicídio e solidão. Solidão e suicídio, extremos que se tocam na própria finitude da condição humana. E na medida em que o suicídio constitui-se no mais polêmico dos temas abarcados pela prática psicoterápica a questão merece uma reflexão pormenorizada.

Na psicoterapia repousam as esperanças da vanguarda da superação e até da própria compreensão do ato do suicídio. O significativo avanço da Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise, Sociologia, Antropologia e principalmente a Psicoterapia - "encontro existencial" onde a alma humana é compreendida em toda a sua essência—permitiram uma visão e análise do suicídio onde o sofrimento humano é abarcado num significado peculiar à própria condição humana. A pessoa em processo de psicote-

rapia, por exemplo, é tida como não sendo passível de suicídio. O ato de morrer através do suicídio traz a idéia de fracasso da atuação do psicoterapeuta. E embora o psicoterapeuta não tenha como se responsabilizar pela totalidade dos atos do paciente, ainda assim, é muito difícil não se fazer a correlação de fracasso nos casos de morte através do suicídio de pessoas que estejam em processo psicoterápico. E apesar da delicadeza e vulnerabilidade da temática é inegável os avanços na compreensão do suicídio na atualidade. E se contrapormos, então, a compreensão do suicídio na Idade Média, a questão fica ainda mais transparente.

Naquela época, os carrascos se empenhavam em achar no corpo das mulheres acusadas de bruxaria o ponto da epiderme insensível à dor, cuja existência provava a relação da supliciadas com Satã. Após horas de tortura era fácil encontrar a famosa marca da infâmia. Os médicos do século XIX, que destroçavam os cadáveres dos suicidas, também acabavam achando aquilo que procuravam, a marca, o sinal, a prova. Alguns consideravam o crânio dos suicidas mais espesso. Outros observavam um corpo caloso e mole, encontrando certas marcas de amolecimento cerebral. Outros ainda declaravam ser o suicídio uma doença mental ou um sintoma da doença. O suicídio assim não passa de uma categoria da loucura¹. Mas apesar dos avanços a que me referi anteriormente esse tipo de análise continua a animar algumas pesquisas modernas.

Existem, inclusive, explicações de que as dissociações de pensamento dos "esquizofrênicos" são decorrentes do fato de que a atividade seria mais dispersada no seu cérebro do que no do indivíduo normal. Se ele divaga é porque seu pensamento, aquele que podemos seguir em telas e colocar em gráficos, divaga também. Pesquisadores expuseram no Congresso Mundial de Psiquiatria Biológica de Estocolmo, em julho de 1981, os estudos que fazem em colaboração com a Comissão de Energia Atômica. Graças a uma câmara de pósitrons, podemos seguir a repartição através de "injeções de substâncias radioativas num curto espaço de tempo". Os efeitos sobre o cérebro humano de substâncias radioativas são ignorados².

Os avanços que alardeamos não impedem o próprio desprezo sofrido pelas pessoas que enveredam pelos caminhos do

1. GUILLON, C. e BONNIEC, Y. *Suicídio. Modo de Usar*. São Paulo: EMW Editores, 1984.

2. *Ibid.* Op. cit.

suicídio. Sudnow³ coloca a partir de estudos realizados que o paciente que morre através do suicídio é objeto de desprezo numa comparação com outros pacientes, tendo sua *causa mortis* retardada o maior tempo possível, e seu cadáver destinado à utilização de trabalhos "científicos".

E no entanto por mais grotescos que estes comportamentos possam parecer, ainda assim refletem apenas uma pequena faceta da questão do sofrimento legado ao paciente vítima do suicídio, ou da tentativa de suicídio, pelos chamados profissionais da saúde.

O suicídio é um ato que sempre é revestido de muita violência. Até mesmo naquelas formas onde o ato é fulminante e a princípio sem qualquer sinal aparente de dor física, ainda assim, a violência é eminente transcendendo toda e qualquer conceituação⁴.

A compreensão do suicídio para ser abrangente não pode, entretanto, fragmentar o fenômeno na dispersão das várias teorias que procuram a explicação de sua ocorrência. Determinantes como solidão, tédio existencial e outras tantas ocorrências características do homem contemporâneo, somente num passado recente ganharam a devida importância na análise do suicídio.

A intensidade do sofrimento provocado pelo suicídio afeta tanto a pessoa envolvida no ato quanto seus familiares e amigos mais próximos. Estes sofrerão, além da dor inerente à morte desse paciente, todo um julgo ético e moral de quase todos os segmentos da sociedade.

A psicoterapia é apenas uma faceta dessa tentativa de compreensão: a ambigüidade da ação política e social, na maioria das vezes, resulta de contradições profundas advindas de necessidades e interesses que não englobam o paciente em si; é dizer que uma dada teoria, na quase totalidade das vezes, concentra em seu interior uma ideologia⁵ que, inclusive, transfigura o fenômeno em si.

3. SUDNOW, D. *Passing-on; The Social Organization of Dying*. New Jersey: Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1967.

4. *Existencialismo & Psicoterapia*. Op. cit.

5. Estamos usando o conceito de ideologia segundo Lefebvre (in *Sociologie de Marx*. Paris: PUF, 1968) que a coloca como sendo um sistema de representação que parte de uma realidade parcial, fragmentária, que repassa essa realidade através do prisma deformante de outras realidades e representações preexistentes, produzidas, selecionadas, admitidas e difundidas pelas classes dominantes com pretensão de erigir-se em expressão cabal da totalidade. Para poder manter sua eficiência e cumprir sua função essencial na estrutura (ajudar a mantê-la e reproduzi-la sem transformações essenciais nas relações de produção), a ideologia se mistura inextricavelmente com conhecimentos reais científicos, aos quais distorce, incorporando-os em um sistema de dominação não científica.

A questão do suicídio é uma das mais suscetíveis de interpretações ideológicas em sua ocorrência. E na medida em que a saúde mental é medida em termos de reprodução, e a enfermidade como sendo uma diminuição nas "curvas de rendimento profissional", a reabilitação e conseqüentemente a própria cura é medida exatamente pelo êxito em fazer com que o paciente produza como anteriormente.

A psicoterapia não pode, então, considerar a estrutura social inocente, neutra, e limitada a ser única e tão-somente o marco, o princípio e o fim indiscutíveis e indiscutidos onde toda a ação humana acontece.

O suicida em seu gesto pode estar manifestando total falta de adaptação às próprias condições sociais e um profundo inconformismo diante da condição humana. E até mesmo o conceito de "sadio" será questionado de modo drástico; conceituar de "sadia" uma pessoa que simplesmente se adapta ao sistema estrutural da sociedade é, no mínimo, discutível. Laing⁶ mostra que a conceituação de saúde mental irá variar de acordo com a condição sócio-econômica da pessoa analisada. Assim, um fenômeno considerado como sendo ato de "loucura" numa dada categoria social é simplesmente considerado extravagância em outros segmentos sociais. E até mesmo o conceito de sanidade irá depender do prisma analisado para ganhar dimensões e contornos reais.

O suicídio ao se tornar possibilidade na vida de uma pessoa está tornando real a destruição dos anseios que permeiam não apenas a morte como a totalidade das possibilidades existenciais.

O suicídio, no entanto, não é um fenômeno que ocorre isoladamente na existência humana; assim como o quadro de anorexia contém mais indícios do que a simples recusa de comida - ausência de sono, amenorréia etc. - o suicídio igualmente é manifestação de uma condição de sofrimento que vai além da possibilidade única de morrer. A morte é buscada como fim, o ato de destruição geralmente traz manifestações de desespero que nos remetem a situações diversas onde os indícios de desesperança podem estar precedidos do próprio afastamento das coisas e das atividades triviais. A ausência de um sentido de vida é presença constante em muitos processos psicoterápicos e a apreensão desses fatos irá exigir uma performance bastante lúcida do psicoterapeuta.

6. LAING, R. *Eu Dividido*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973

A solidão é vista como sendo uma queixa abstrata que, na maioria das vezes, torna-se real apenas quando apresenta sinais evidentes de sofrimento físico em seu bojo. A manifestação da solidão, isoladamente, não tem como tornar-se concreta para um grande número de psicoterapeutas, por mais absurda que essa afirmação possa configurar-se.

A solidão mata. Mas somente torna-se real quando executa suas vítimas de maneira fulminante. Sartre⁷ coloca que os fatos escapam do "Saber" sempre provisoriamente devido os conceitos que dispomos estarem impregnados por um "idealismo" de direita ou por um "idealismo" de esquerda.

Kalina e Kovadloff⁸ propõem uma terapêutica interdisciplinar considerando o suicídio como uma manifestação social. Assim, afirmam que a patologia suicida é uma patologia social sendo a terapêutica comunitária. Sua prática ultrapassará os limites do consultório individual para impor como necessários o contato do médico com a família do paciente, as autoridades políticas, educacionais e, de modo geral, com todas as áreas responsáveis e representativas da vida institucional de uma nação.

A proposta de uma ação comunitária não exclui a psicoterapia, ao contrário, uma interação de vários profissionais poderá atender o paciente numa abrangência mais ampla que os limites de um consultório isoladamente. E na medida em que a solidão, como vimos anteriormente, implica numa relação direta da pessoa com a comunidade na figura do Outro, essa abrangência torna-se a própria essência da compreensão de sua ocorrência.

Solidão.

Simplesmente solidão. Enveredando pelos caminhos dilacerantes do suicídio. Solidão e suicídio, fenômenos eminentemente humanos; sua compreensão necessita assim uma abrangência nos aspectos inerentes a sua ocorrência. A Psicologia é (ou deveria ser) uma ciência humana e não um estudo dos animais ou de um mundo inferior.

Analisar-se o comportamento de determinados animais e julgar que estamos conhecendo o suficiente a respeito do comportamento humano é aceitar um limite epistemológico muito pobre. A evolução do homem e algumas de suas princi-

7. SARTRE, J.P. *Crítica de La Razón Dialéctica*. Buenos Aires: Editorial Losada S/A., 1979.

8. KALINA, E. e KOVLADOFF, S. *As Cerimônias da Destruição*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A., 1983.

pais manifestações — suicídio, solidão, angústia etc. — não podem ser desprezadas num simples contraponto irracional com animais inferiores.

A Psicologia estuda as diversas experiências humanas da concretude ao simbolismo. E na medida em que o humano é o mundo do símbolo, onde as coisas transparentes nem sempre mostram a verdadeira realidade dos fatos esta questão ganha contornos ainda mais imprevisíveis.

A solidão e o suicídio privilegiam estas afirmações na medida em que apresentam diversos níveis de realidade em cujas facetas esconde-se não apenas a estampa do próprio sofrimento humano como também a condição de desespero do homem contemporâneo. Uma tentativa isolada desses fenômenos torna-se mera digressão teórica.

A psicoterapia tem sua origem em datas bem mais recentes do que o suicídio e a solidão, e uma tentativa de fusão desse conhecimento certamente terá que abarcar a própria natureza humana envolvida nesse binômio.

O ato do suicídio significa morte aos objetivos existenciais e a morte de si próprio num processo que pode implicar a tentativa de reparação de situações ou sentimentos. O significado do ato do suicídio pode, inclusive, implicar acontecimentos novos para um estágio de ajustamento vivido pela pessoa. É um projeto de vida onde a morte é o objetivo final.

Segundo Laing e Cooper⁹ o projeto, como de passagem subjetiva da objetividade em direção à objetividade, estende-se entre as condições objetivas do ambiente e as estruturas objetivas do campo das possibilidades. Representa em si mesmo a unidade móvel da subjetividade e objetividade, os momentos cardeais da atividade.

O paciente cuja subjetividade mais profunda o direciona de encontro à possibilidade real da morte, tem, então, uma condição objetiva onde os fatores dessa existência tornarão esse dimensionamento a própria concretude do fenômeno.

O suicídio não tem como separar-se da solidão quando sua ocorrência implica no aniquilamento existencial, determinado pelo isolamento da pessoa de suas possibilidades existenciais. E a corrosão da vida implicando num suicídio com a vida tornando-se possibilidade de solidão, desespero e dor.

9. LAING, R. e COOPER, D. *Razão e Violência*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

A psicoterapia surge no rol dos processos objetivos que se referem a uma realidade vivida - o desespero, a necessidade de autoconhecimento etc. É um momento onde o subjetivo surge como necessário ao processo objetivo, o objetivo como um momento necessário da subjetividade.

Na experiência vivida, a subjetividade elimina-se a si mesma como pura subjetividade e liberta-se do desespero pela objetivação. A subjetividade contém no seu próprio interior a objetividade e esta nova objetividade como objetivação exterioriza a interioridade do projeto como uma subjetividade objetivada.

Apesar das pesquisas da Psicanálise, Psiquiatria e da própria Psicologia terem contribuído imensamente para a compreensão do suicídio, como dissemos anteriormente, não existe uma teoria específica do suicida nem tampouco de sua relação com a solidão.

O conceito de suicídio é externo e converge para o entendimento humano de várias maneiras.

Para a teoria clássica, o suicida é visto como sendo o último membro de uma dinâmica depressiva.

Freud¹⁰ coloca que nenhum neurótico teria intenções suicidas quando tivesse impulsos assassinos. Ringel¹¹ afirma que o paciente manifesta uma síndrome pré-suicida, ou seja, uma manifestação na personalidade da pessoa direcionando-a para formas de agressividade e até mesmo o surgimento de fantasias suicidas. A síndrome pré-suicida irá preceder o ato suicida e dessa maneira poderá ser visto como sendo um indício da necessidade de ajuda para esse paciente.

Ruchardt¹² coloca, por outro lado, que a agressividade do suicida é uma forma de empenho para se conseguir a paz e fugir da dor e da ansiedade.

Achté¹³ afirma que o pensamento da pessoa que busca o suicídio correlata fortemente com distúrbios psíquicos, particularmente com depressões, e estas poderiam estar claramente associadas com o isolamento social, doenças psicossomáticas e acontecimentos da vida que levam ao estresse.

O próprio contexto social que incide a conceituação de que alguém que envereda pelos caminhos do suicídio é alguém "emocionalmente fraco" e que necessita de "ajuda", ganha con-

10. FREUD, S. *Trauer und Melancholie*. Londres: Imago, 1964.

11. RINGEL, E. *The Pre-Suicidal Syndrome*. *Psychiatria Fennica*.

12. RUCHARDT, J. "Recent Bereavement in Relation to Suicide". *J. Psychics*.

13. ACHTÉ, K.A. "Suicides in Psychiatric Patients in Helsinki" *Psychiatria Fennica*.

tornos ainda mais imprevisíveis quando existe a correlação do suicídio com a solidão. É necessário uma compreensão adequada tanto do conceito de ajuda como da condição emocional desta pessoa para que toda e qualquer proposta terapêutica não esbarre em dificuldades desprovidas e envoltas em simples especulações teóricas.

O suicídio e conseqüentemente a psicoterapia são temáticas que se excluem se não houver um discernimento do verdadeiro sofrimento que se estampa na procura da morte.

A pessoa ao enveredar pelos caminhos do suicídio estabelece um jogo muito importante para a transformação do ato em si.

Este jogo é composto por elementos que incluem desejos, memória, fantasias, identificações etc. O jogo é cristalizado, fortalecido e reforçado por repetições permeadas por muita imaginação e insinuações de cometê-lo. Assim, um processo de psicoterapia que visa ajudar a pessoa vítima da tentativa de suicídio terá que abrir-se para implicações bastante sérias sobre sua real abrangência — incluindo-se nesse rol desde implicações sócio-políticas até ocorrências abstratas da condição humana como solidão, angústia, tédio, etc.

As teorias, quando analisam os casos de pessoas que cometem suicídio, mostram-nas como sendo assassinas (de sua própria morte); a tentativa suicida pode aparentemente provar que o modelo ilusório de solução de determinados problemas - a morte em última instância — pode ser concretizado ainda que o problema em si não se resolva. A destruição pode estar indicando que a agressividade da pessoa pode estar voltada para si própria. Dessa maneira o comportamento destrutivo pode ser separado em autodestruição direta ou autodestruição indireta.

Na destruição indireta são colocados aqueles casos onde as pessoas negligenciam a saúde, alimentação, hábitos de vida (dormir pouco, sedentarismo, dirigir veículos em alta velocidade etc.) até os casos de ingestão excessiva de bebidas alcoólicas e o ato de se fumar quantidades abusivas de cigarros: uma pessoa que fuma 3 maços de cigarros diariamente reduz sua vida em 8 anos e 4 meses, sendo que pessoas que fumam 2 maços de cigarros por dia reduzem a vida em 5 anos. Esses dados resultantes de muitos estudos sobre o tabagismo não deixam dúvida sobre a intencionalidade destrutiva do fumante. E até mesmo a obesidade pode ser incluída nesse rol, visto

que é modelo típico de destruição a si próprio na medida em que a pessoa causa prejuízo a sua saúde reduzindo seus sentimentos de estima.

Ainda dentro dessa conceituação de destruição indireta podemos incluir pacientes que negligenciam dietas e prescrições medicamentosas. Diabéticos que cedem a tentações da ilusão gustativa de certos pratos e doces; pessoas que sofrem de problemas cardiovasculares e que ainda assim fumam; pacientes submetidos a tratamento de hemodiálise e que igualmente negligenciam os preceitos básicos de tratamento etc.

Farberow¹⁴ coloca que as pessoas masoquistas devem igualmente ser incluídas no grupo dos pacientes de autodestruição indireta face a punição imposta na obtenção de êxitos no desenvolvimento pessoal e profissional.

Diferentes formas de manifestações de solidão serão encontradas nas diferentes manifestações do suicídio. Assim, o próprio isolamento irascível pode perfeitamente ser incluído igualmente no comportamento de destruição indireta. Uma breve cena desse quadro: cinzeiro repleto de bitucas de cigarros. Um litro de bebida vazio, e o carpete com sinais evidentes de bebida entornada. Uma imagem não apenas da solidão como do desespero vivido por muitas pessoas no dia-a-dia das grandes cidades.

Várias temáticas se misturam e interacionam as pessoas de maneiras muitas vezes abstratas. As pessoas de uma dada sociedade formam uma relação que pode ser vista como solidão, reciprocidade, unificação e, sob alguns aspectos, massificação. Elas são uma pluralidade de solidões. A solidão não é inerte, mas é vivida no projeto de cada qual como sua própria estrutura negativa: nada tem a ver com você. É a negação provisória de cada uma de suas possíveis relações recíprocas. Esta pluralidade de separações é o lado negativo de integração de cada indivíduo no seu grupo distinto (escritório, dona-de-casa etc). Estas solidões manifestam-se de muitas maneiras através das atitudes das pessoas. A solidão é suportada ou suportável e irá emergir da própria condição humana como elemento de manifestação. Estas solidões são o verdadeiro produto social da sociedade.

As cidades estão presentes pela intercambialidade dos homens. Já ali se encontra pela manhã, como esta ou aquela

exigência, como algo que eu possa usar, ou como o ambiente em que me encontro. A cidade refrange a minha solidão polivalente como os milhões de solidões de facetas de todas as pessoas com as quais não estou relacionado. A solidão pode ser um projeto. Por exemplo: isolar-se lendo um jornal é utilizar o coletivo nacional e, em última análise, a totalidade dos homens vivos para separar-se das pessoas que eventualmente podem encontrar-se num mesmo espaço. A solidão é, assim, em diferentes momentos, sob diferentes luzes, organicamente suportada; vivida, quando a mim imposta; quando é o que eu faço, projeto¹⁵.

O projeto de suicídio surge assim como uma proposta de destruição de outros projetos existenciais colocando a questão da solidão (isolamento) como um determinante de se buscar no próprio homem sua condição de contra-homem.

O agrupamento de pessoas que buscam o suicídio numa mesma categorização esbarra no fato dos membros de uma mesma série serem, por assim dizer, apêndices de seu objeto de fantasia comum.

Sartre¹⁶ coloca que a coletividade serial é uma totalização, uma transformação, uma forma de relação social que supõe uma praxis original sintética, cuja finalidade é a produção humana da unidade como sua objetivação no homem através do homem. A totalidade da série (por exemplo, os anti-semitas) é apenas a ação passiva de um objeto prático inerte (os semitas) numa dispersão — o selo, o sinete, a marca da exterioridade revelada na interioridade das relações sociais. Estabelece uma falsa reciprocidade entre o objeto material e a multiplicidade de seres humanos. Os anti-semitas são uma multiplicidade de homens que têm em comum o mesmo objeto: os judeus, que, para cada anti-semita, é o próprio contra-homem. Cada anti-semita reconhece a sua identidade com outros que possuem contra-homens em comum com ele. Este mau objeto comum é um selo, ou marca comum a todos os anti-semitas. É o seu distintivo, ou símbolo de unificação.

Trata-se da unificação de uma série, isto é uma multiplicidade na qual cada um é idêntico, intercambiável, não-essencial, separado e solitário. Assim, as pessoas que cometem o suicídio ao serem enquadradas num determinado grupo estão

15. *Razão e Violência. Op. cit.*

16. *Ibid. Op. cit.*

sendo colocadas numa condição de unificação onde, ao contrário do grupo anti-semita, não existe um objeto comum que sirva como alvo de seu próprio ódio, a não ser que a vida seja considerada como tal.

As razões do suicídio, no entanto, serão tão variadas como o próprio número de pessoas que buscam essa alternativa, e a sua real configuração não poderá ser considerada através de sinete, selos, marcas de exterioridade e sim num processo de interioridade cuja subjetividade irá exigir muitos detalhes para uma análise concreta.

O suicídio e a solidão embora sejam permeados por uma consciência reflexiva (isto exclui naturalmente os casos de suicídio onde as pessoas não possuem consciência do próprio ato), é também exato que neles residem otimismo e lucidez; os aspectos dessas razões se fundem num aspecto que irá conferir ao ato características de espontaneidade do ato.

O suicídio irá legar ao psicoterapeuta a condição de vigilante das reais possibilidades existenciais que envolvem determinada pessoa ou família. Esta condição faz com que a ocorrência do suicídio ou mesmo da tentativa de suicídio ganhe cada vez com mais frequência interesse das áreas "psis" para uma tentativa de minimização de sua ocorrência no seio da sociedade.

É fácil perceber que a relação do suicida com a morte, e conseqüentemente com a própria vida, é algo insólito diante daquilo que é percebido como determinante do ato em si, e até mesmo da forma como é escolhida a forma de morrer. Cito como exemplo uma entrevista apresentada no jornal "O Estado de São Paulo", em sua edição de 15 de março de 1987, onde um plantonista do CVV — Centro de Valorização da Vida — relata que atendeu um telefonema de uma pessoa que havia tomado uma dose letal de determinada substância e que, entretanto, não queria morrer sozinha. O plantonista ficou conversando com essa pessoa até que a ligação fosse interrompida com a queda do telefone.

E uma certeza me invade diante de uma narrativa como esta: a compreensão da solidão e dos determinantes do suicídio está muito longe de tornar-se realidade em que pese os esforços dos estudiosos nesse sentido.

Tenho refletido com muita intensidade sobre a morte e o ato de morrer através do suicídio. E uma constatação se faz iminente: a incerteza da existência ganha uma solidez irreal

diante da morte. É dizer que a problemática inerente à existência ganha contornos bastante significativos diante da resolução de se buscar deliberadamente a morte como alternativa, a única alternativa capaz de aliviar o desespero da própria vida.

E como psicoterapeuta uma coisa torna-se clara nesta questão: a inconsistência de determinadas situações da minha própria vida exige um discernimento do sentido desta mesma vida; o meu próprio desespero de determinadas situações e de momentos onde a morte era vista como sendo o bálsamo que cicatrizaria minhas chagas existenciais, são fatores que lucidamente devem estar bem resolvidos no meu interior.

O menor titubeio diante de argumentos convincentes do paciente de que a vida realmente é desprovida de razão e sentido é suficiente para o desencadeamento de um desespero ainda maior nesse paciente.

E se o desespero do paciente coincide com situações que também são desesperadoras ao psicoterapeuta, a questão reveste-se de aspectos cuja discussão seguramente é bastante acirrada sobre o verdadeiro papel da psicoterapia no contexto da saúde. Se acreditarmos que um dos papéis importantes que a psicoterapia desempenha é o de resgatar o paciente para uma vida digna a partir do seu próprio prisma de dignidade, teremos, então, que atuar acreditando que alguém que procura pela ajuda psicoterápica está procurando uma alternativa para os seus problemas existenciais, no resgate de sua própria condição humana.

A morte surge como sendo a configuração da falta de alternativas; é a constatação do desespero inerente a uma vida encarquilhada pela desesperança.

A dificuldade que me surge neste momento do texto é a preocupação de não estar imbricando um real alinhamento do contraponto da psicoterapia à busca da morte pelo paciente. Ao contrário, insisto na questão de que não me considero sequer capaz do estabelecimento desse contraponto; apenas questionar determinados aspectos dessa temática para cada um resolver como melhor aprouver. A morte, ao ser buscada como alívio diante de situações desesperadoras, como uma tentativa de integração com o cosmos, com a unidade universal e outras tantas razões que vão desde o místico até situações extremadas como o resgate de valores interiores que se deterioraram pela sociedade, é a ausência da própria existência no determinante maior da propulsão da vida.

A psicoterapia não tem como apresentar uma performance previamente estabelecida para o atendimento desses casos, e que, na sua quase totalidade, remontam a razões que escapam do expressionismo puro e simples do paciente. A visão que temos de um determinado paciente num dado momento do processo psicoterápico seguramente será alterado pela mudança de nossa percepção durante o desenvolvimento desse processo.

O suicídio é uma possibilidade que se transforma na percepção do paciente; sua condição existencial pode determinar concepções diferentes sobre a questão de se morrer através da autodestrutividade. Assim alguém que pensava em se atirar de um edifício pode mudar sua intenção de morrer desta forma e, no entanto, adquirir a condição de alcoólico, o que em última instância significa apenas e tão-somente uma mudança no instrumento de destruição.

O psicoterapeuta terá necessidade de uma clareza real sobre as formas de destrutividade utilizadas pelo paciente, para não conceituar como bem-sucedido um processo que deixe vazar as maneiras pelas quais o paciente procura pela autodestruição. E se a psicoterapia se mostra como sendo algo capaz de provocar alívio no sofrimento do paciente, a maneira de apreensão e compreensão do ato do suicídio é questão inicial para que não haja desvios nesses ideais.

O suicídio apresenta facetas que mostram um ato em princípio solitário e individual até mesmo em suas manifestações coletivas. Em 1963, por exemplo, o monge budista Thic Quang Duc chocou o mundo ao atear fogo nas roupas ensopadas de gasolina, imolando-se numa praça pública de Saigon. O protesto do monge contra o autoritarismo do regime do presidente Ngô Dinh Diem desencadeou uma onda de atenções internacionais sobre o que se passava no então Vietnam do Sul.

Isoladamente, o monge budista mostrou em seu ato o desespero da população local. Ou ainda o suicídio de cerca de 800 pessoas pertencentes a seita religiosa "Templo do Povo", que no dia 18 de novembro de 1978, a 150 milhas de Jones Town, induzidas pelo líder espiritual Jim Jones se envenenaram num ritual místico, e por si macabro. E até mesmo o gesto de Budd Dwyer, ex-secretário da Fazenda do Estado da Pensilvânia que suicidou-se, consumindo seu ato diante das câmaras de televisão e fotografia, após manifestar-se inocente diante de uma acusação de suborno, têm com síntese final não um possível desequilíbrio psíquico, e sim uma vã

tentativa de resgate da dignidade de sua família diante de uma eventual condenação.

E ainda que as ciências sociais no interior de seu bojo apresentem a inserção do indivíduo às condições da sociedade, o suicídio não deixou de ser entendido como um ato pessoal, como uma ação isolada da pessoa vitimada. E quando da fusão do suicídio com a solidão, o caráter de ato solitário ganha formas concretas.

A psicoterapia não pode igualmente compreender o suicídio sem a inserção do paciente dentro de um contexto social mais amplo com o risco de perder a própria essência de sua ocorrência. Em cada sujeito que se mata fracassa uma proposta comunitária. Não se trata apenas do derrubar de uma esperança pessoal. Trata-se também da inviabilidade de um projeto coletivo posto ao alcance do indivíduo e elaborado por ele através da família, educação e trabalho. Ali onde os suicídios são frequentes e numerosos cabe reconhecer que se está ante uma sociedade com um alto potencial autodestrutivo. Com isso queremos dizer que assim como há uma profunda correlação entre a pessoa que se mata e a família dessa pessoa, assim ela também existe entre esse sujeito e a sociedade em que vive e morre¹⁷.

O desespero provocado pela solidão é, por outro lado, outro aspecto considerado indevidamente como sendo um ato solitário. O binômio solidão-suicídio constitui-se, por assim dizer, em partes isoladas do sofrimento solitário do homem contemporâneo. É notório que no apogeu do Romantismo o amor e a morte eram temas entrelaçados, e o pacto do suicídio era fato corriqueiro. Na literatura mística prega-se a morte para esta vida para se viver em Deus. E assim como o nacionalista radical provavelmente encontrará seu mais alto gozo em morrer pelo grupo, mostrando que seu desejo de ser é, em sua essência, um desejo de aniquilar-se a si próprio como indivíduo existente, o suicida também procura significação através do ato de morrer. E tanto a morte do suicida como a morte do mártir¹⁸ mostram em princípio a morte como uma possibilidade última.

17. *As Cerimônias da Destruição. Op. cit.*

18. **Embora o comportamento do mártir possa ser considerado como suicida, foi feita uma separação para os atos fulminantes de suicídio, daqueles onde a pessoa se embrenha em atividades que embora perigosas em função das causas que são dedicadas, ainda assim não mostram claramente a linha tênue que separa a vida da morte.**

Um exame mais atento, no entanto, revela que o herói ou mártir projetam como possibilidade última a causa pela qual morreram. Assim, é o triunfo do Cristianismo ou o triunfo do Comunismo que é desejado. E por outro lado o gesto suicida projeta vingança para os familiares e amigos ou então simplesmente a libertação de determinados tormentos existenciais.

O suicídio, inclusive, separa o ato da pessoa em si, de acordo com o contexto social desta pessoa. O binômio pensador-pensamento é perfeitamente divisível quando se trata de aspectos inerentes à vida do pensador e que distoem daquilo que por ele foi preconizado. Foucauld, por exemplo, um dos mais importantes pensadores contemporâneos a refletir sistematicamente sobre a loucura, a instituição psiquiátrica e a junção destes temas com a ideologia dominante, em que pese suas próprias reflexões morreu num manicômio. Onde estava hospitalizado há muitos anos segundo sua própria deliberação.

Ou então o que dizer de Autausser, outro importante pensador contemporâneo e que igualmente refletiu e escreveu sobre a Psicanálise e suas instituições além de vários trabalhos sobre o verdadeiro significado da doença mental. Ele, atualmente, se encontra hospitalizado num manicômio judiciário após assassinar sua própria companheira com mais de cem facadas.

Entretanto em que pese a dramaticidade de suas histórias, as obras de Foucauld e Autausser continuarão a ser discutidas e analisadas por inúmeros pensadores e estudiosos como sendo verdadeiras luzes nas trevas das discussões sobre saúde mental. Não existe a menor dissipação daquilo que preconizaram e as atitudes que tomaram em suas vidas.

Outros pensadores igualmente importantes tiveram como agravante de suas condições existenciais o ato suicida para contraporem às suas obras. Melaine Klein e Arminda Belasturi, por exemplo, consagraram ao suicídio a apoteose de suas reflexões. E da mesma forma não tiveram suas obras maculadas pelas atitudes suicidas de suas vidas.

Melaine Klein refletiu, inclusive com bastante profundidade, sobre a questão da depressão. Não existe, enfim, a menor relação sobre eventuais incongruências daquilo que foi escrito com aquilo que foi vivido.

A solidão, por outro lado, ao ser vivida como possibilidade de desespero existencial mostra a morte como sendo a única alternativa de libertação. E a questão, de fato, é dimensionar

até que ponto a morte realmente liberta o homem da solidão - espectro da existência que tem a duração do período compreendido entre o nascimento e a morte. É por assim dizer a exclusão de uma faceta do sofrimento através de outras manifestações desse mesmo sofrimento. O suicídio traz na solidão uma das principais causas de sua ocorrência; é atribuir a um dos muitos aspectos da condição humana a própria inextricabilidade da existência. É até mesmo difícil decodificar se a principal causa do suicídio é a solidão, ou se a principal condição da solidão é o suicídio.

A morte, na medida em que me pode ser revelada, não é somente o fim dos meus projetos existenciais, sempre possibilidade desvendada, mas é, principalmente, a revelação de uma possibilidade, última e derradeira.

A percepção da solidão e o conhecimento da possibilidade da morte pertencem à faculdade racional do homem. E de modo algum participa da imutabilidade dos objetos eternos. O conhecimento sendo considerado como eterno não poderá conduzir à indução de ação no mundo infindo. A percepção não tem como determinar contornos previsíveis ao suicídio e à solidão, transfigurando a própria conceituação de finito e perene.

[5]

Solidão e Vida Religiosa

Uma das mais antigas cantilenas sobre a questão do isolamento humano é aquela que nos remete à afirmação de que as pessoas que enveredam pelos caminhos de Deus não padecem de solidão. Assim, é praticamente inconcebível para a maioria das pessoas o fato dos religiosos também sofrerem o espectro da solidão.

A vida religiosa é, em princípio, um desprendimento e um despojar-se dos valores humanos, para ir-se de encontro à Deus. A vida monástica, através de uma mudança radical de vida, implica necessariamente em suprir-se o vazio existencial provocado pelo desprendimento dos valores humanos com a presença de Deus. É o indício primeiro desse equívoco onde a busca e o encontro de Deus superam a solidão.

Ao decidir pela vida monástica a pessoa busca sinais exteriores bastante definidos de sua relação com o mundo. O próprio significado da palavra monge em sua origem quer dizer mono, só, isolado. A vida monástica exige que o monge desprenda-se de seus valores humanos e abraça de forma totalitária os preceitos da ordem escolhida. Como ilustração dessas afirmações trabalharemos com citações da ordem dos beneditinos. Os monges dessa ordem seguem ou procuram seguir à risca os ensinamentos contidos nos preceitos de São Bento¹.

1. Ao fazer estas citações estou referindo-me basicamente à estrutura católica de vida religiosa. Existe no catolicismo uma divisão bastante clara

Faz-se necessário um esclarecimento sobre a responsabilidade dos religiosos ao adentrarem para uma determinada ordem religiosa num contraponto às acusações sofridas pela Igreja quanto ao sofrimento dessas pessoas. A opção religiosa é individual e as agruras advindas decorrem de um despreparo emocional e não propriamente de um aspecto tirânico da Igreja. As pessoas decidem pela ordem religiosa e voluntariamente buscam esse caminho. Diferente de pessoas que são atiradas num manicômio ou prisão, por exemplo, que não são questionadas em sua opção quanto a esse confinamento. Também é necessário uma colocação no sentido de esclarecer que muitas pessoas ao abandonarem a vida religiosa passam a criticar a instituição num movimento claro de inconformismo de si mesmo diante da própria percepção; a instituição é considerada repressiva e os antigos colegas que lá permanecem são considerados doentes. Assim toda e qualquer problemática não reside naquele que saiu — sempre segundo seu próprio depoimento — mas no arcaísmo da instituição e na doença e no quietismo conformista daqueles que ficam.

A responsabilidade da Igreja reside no fato de buscar vocações sem a necessária triagem das condições emocionais dos aspirantes religiosos, bem como um levantamento minucioso das características de personalidade que seriam necessárias para um aproveitamento positivo dos métodos utilizados na vida religiosa.

entre os religiosos que adentram para uma determinada ordem religiosa e aqueles que, após anos de formação e estudo, ordenam-se padres seculares. Os religiosos que entram para determinadas ordens - beneditinos, franciscanos, dominicanos etc. — seguem os princípios e fundamentos determinados pelo fundador da ordem. Assim, os franciscanos seguem os princípios de São Francisco de Assis, os beneditinos, de São Bento, etc. Os padres seculares, por outro lado, após a consagração de suas vidas para os princípios religiosos, dedicam-se a paróquias setoriais, e trabalhos pastorais, sempre sob a orientação soberana dos bispos diocesanos. As mulheres que dedicam-se a vida religiosa sempre estão vinculadas a determinadas ordens. Os religiosos de outras seitas, cristãs ou não, embora tenham traços que não delimitem de forma tão clara a questão do isolamento ainda assim apresentam esse enfrentamento da solidão a partir da procura de Deus. Ao concentrar minha análise sobre a vida monástica e a dos padres seculares fiz uma opção de restrição desses escritos a formas conhecidas através da minha experiência de vida, e principalmente da minha vida como psicoterapeuta. Não houve intenção de elencar a estrutura da Igreja Católica sobre outras estruturas religiosas. Apenas o direcionamento para este lado é derivação de sua importância e da dimensão de sua estrutura no mundo ocidental. E até porque muitas outras religiões são meras derivações ou acoplamentos de contestação da estrutura católica.

Claro está que a filosofia religiosa não se dispõe a suprir aspectos de sofrimento da condição humana, atribuindo-lhes, no entanto, um sentido sobrenatural que os torne suportáveis e muitas vezes desejáveis enquanto meio de ascese.

A transcendência buscada na vida religiosa deve ser norteada por princípios que não a fuga de determinados preceitos da condição humana. Entrar para a vida religiosa e concomitantemente de maneira simples adquirir a consciência que não terá determinados sofrimentos orgânicos é erro tão básico como alguém que acredita conhecer Paris a partir de leituras e observações de fotos.

Nos mosteiros beneditinos, por outro lado, existe a figura do abade, que, além de pai espiritual do grupo, lidera as atividades do cotidiano segundo os preceitos de São Bento. Alguns mosteiros beneditinos têm, inclusive como característica, o fato dos monges acordarem às três horas da madrugada para o início das atividades diárias. Existem alguns mosteiros onde os monges não podem comunicar-se entre si através da palavra, mas apenas por meio de gestos. Uma das principais características dos beneditinos é a destinação de diversos períodos ao longo do dia para oração. Assim, nesses momentos é interrompida a atividade exercida e os monges fazem sua oração conjuntamente.

Os momentos de meditação também são muito valorizados pelos beneditinos sendo que, igualmente, muitos períodos são dedicados a esta atividade. O uso da palavra é permitido apenas nos chamados momentos de recreação. Evidentemente que para uma pessoa tornar-se monge beneditino é necessário um desprendimento e um total desapego da existência anterior à entrada no mosteiro. Suportar os parâmetros determinados pelas regras de São Bento implica numa mudança total e radical de valores.

A vida nos mosteiros, assim como na maioria das instituições, apresenta peculiaridades que embora apresentem características próprias, em essência, reproduzem os valores da sociedade.

O contato direto com pessoas que viveram e vivem no interior dos mosteiros mostrou-me, inicialmente, um total despreparo emocional e até mesmo físico para optarem pela vida monástica. A idéia de que o encontro com Deus alivia o espectro da solidão desmorona com as agruras impostas pelo total isolamento da vida monástica. Ou ainda no depoimento de um ex-

monge beneditino: "A vida monástica possui um misticismo fascinante. Mas apresenta algumas dificuldades que tornam sua realização algo praticamente impossível. A solidão nos mosteiros dilacera a alma e o coração. Mas a verdadeira unidade espiritual somente é possível de ser atingida se houver o total desprendimento do monge desses aspectos humanos. É muito difícil. Apenas algumas poucas pessoas conseguem atingir esse nível de consciência. O mais comum é as pessoas desistirem em função de não suportarem as asperezas encontradas ao longo do caminho. Muitas, inclusive, abandonam a vida monástica e se tornam padres seculares. Assim, a vocação religiosa não é de todo abandonada, apenas modificada em sua essência. Voltar a um mosteiro para mim vai ser muito difícil. E isto apesar do fascínio que o misticismo monástico exerce sobre o meu ser. Havia ocasiões que o meu maior desejo era ir ao encontro de pessoas, familiares, amigos. Enfim, sentir que ainda existia fisicamente além da espiritualidade".

Diante dos problemas emocionais, encontrados ao longo das minhas análises sobre a vida dos religiosos, ponderei que talvez a vida das mulheres religiosas tivesse outra conotação. Ao contrário, tão logo debrucei sobre a vida de algumas religiosas, constatei que a opção religiosa igualmente era realizada sem o mínimo conhecimento das agruras impostas pelo isolamento. O sofrimento determinado pela mudança radical dos valores existenciais faz com que muitos religiosos sequer suportem o fato de viverem sem a menor perspectiva de vida própria.

O sofrimento emocional com inúmeras seqüelas físicas somente é aparente em muitos casos, quando abrimos nossa percepção para o fato de que à nossa frente encontram-se seres humanos, e não santos, como popularmente os religiosos são definidos.

Ao contrário, a chamada santidade serve para todos que buscam a fé religiosa. Apenas nas ordens religiosas essa busca é feita através de métodos específicos que não servem para todos indiscriminadamente, apenas àqueles que possuem grande maturidade emocional.

A visão errônea da maioria das pessoas é que o religioso é alguém mais perfeito, ou até mesmo em estado de graça, numa comparação com a maioria das pessoas.

É possível constatar que atrás de muitas vocações religiosas esconde-se um turbilhão de sofrimentos e incertezas exis-

tenciais. Também é possível constatar-se que as vigas-mestras da vida religiosa — os votos de obediência, pobreza e celibato — nada mais eram do que uma simples formalização para um novo modo de vida. Na realidade muitos religiosos encontram sérias dificuldades para viver a radicalidade decorrente de tais votos.

O voto de obediência, em nossos dias, é praticamente desmoronado e rechaçado diariamente com a inquietação e dissensão de inúmeros religiosos aos preceitos e ensinamentos maiores da Igreja. Os votos de pobreza sequer resistem à própria opulência da Igreja, onde as ordens religiosas praticamente disputam entre si a ostentação da posse que enriquece seus acervos patrimoniais. No entanto, é na opção celibatária que deparamos com o aspecto mais problemático dos valores impostos pela Igreja.

Atrás da máscara celibatária pode esconder-se a condição mais degradante da solidão presente na vida religiosa. A opção celibatária, muitas vezes, é feita única e exclusivamente por condição indissolúvel da própria opção religiosa. Se fosse possível às pessoas que escolhem a vida religiosa declinarem da opção celibatária, seguramente o número de religiosos que escolheria o celibato para suas vidas seria certamente muito menor.

Prescindir do Outro, configurado no êxtase de uma relação sexual, não é opção libertária da condição humana. Ao contrário, trata-se da aniquilação de uma das necessidades humanas mais dignificantes.

Os mosteiros e conventos escondem, muitas vezes, no seu interior, uma das formas mais desoladoras da condição humana: a cisão da ausência do Outro na configuração da vida comunitária. O Outro, na realidade, não pode ser excluído das necessidades existenciais apenas e tão-somente pelo fato de uma determinada pessoa ir ao encontro de uma opção religiosa.

O chamado encontro com Deus não implica necessariamente em findar com a necessidade do Outro na vida humana. E por maior que seja a transcendência mística que leva determinadas pessoas aos píncaros de uma espiritualidade sentida e arbitrariamente imaginada, essa transcendência ganha contornos e configuração apenas e tão-somente pela fé perceptiva dessas pessoas.

A solidão abarca os religiosos com a mesma intensidade que as demais pessoas. Afinal, apesar da opção religiosa a condição humana é a mesma. E valores como angústia, tédio existencial, solidão e outros, estarão presentes da mesma forma

que nas demais pessoas. Ouvi um padre descrevendo como se sentia aos domingos. Depois de rezar a missa para a comunidade, de receber cumprimentos e elogios, todo mundo ia embora para casa. E ele também ia almoçar. Mas sozinho. Uma sensação dilacerante que se repetia em ocasiões como o Natal ou outras festas e celebrações. Ele, que viera de outra cidade, onde sempre fora muito ligado à família, agora vivia em meio a pessoas até certo ponto estranhas. Em nome de Deus, é verdade. Mas nem isso bastava para aliviar a dor de sua solidão. Diante de seu estado de sofrimento d'alma Deus estava distante e não conseguia atender aos apelos dilacerantes de seu coração diante da ausência do Outro. Deus estava nas celebrações, no sacrário, na hóstia consagrada e até mesmo na representação da figura dos fiéis, chamados religiosamente de irmãos. No entanto esse Deus, tão presente nessas manifestações, não tinha como tornar-se real diante da ausência do Outro.

Tanner² coloca que as religiões organizadas do mundo com seu código de comportamento fazem da solidão o seu fundamento — cada uma à sua maneira, procurando elaborar as normas que encorajam os homens a se arriscarem a amar, de forma a se ajudarem a se elevar acima da solidão. Tanner coloca ainda que, embora as religiões reconheçam a existência e a centralidade da solidão, diferem apenas na explicação quanto à razão dela; algumas se referem à solidão como condição da existência, outras a vinculam à natureza pecadora do homem. Tanner, ministro protestante com especialização em Psicologia, fiel aos princípios cristãos, coloca também que o cristianismo é a única das grandes religiões mundiais que coloca que a natureza do homem é tal que afeta, determina e molda a qualidade de seu amor; por isso a razão de sua solidão é centralizada no pecado. Afirma ainda que o pecado original determina que a solidão humana não é resultado de alguma coisa que ele pessoalmente fez, mas sim uma condição de ser pecador, determinado pelo seu próprio nascimento³.

A condição humana, dessa forma, por si já bastante conflitiva e desesperadora, teria no pecado original não apenas o espectro da solidão como também, e principalmente o próprio desespero da existência⁴.

2. TANNER, I. J. *Solidão: O Medo do Amor*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1979.

3. *Ibid.* Op. cit.

4. *Ibid.* Op. cit.

Diante de colocações como estas de Tanner, o meu desejo é que a existência humana nunca necessite dessas reflexões para tornar-se decididamente libertária. E embora não seja certo contrapor esses sofismas teológicos apresentados pelo cristianismo na medida em que não sou teólogo nem tampouco religioso, e sequer espouse princípios, não posso aceitar a solidão como algo inerente a esse chamado pecado original.

Aceitando a solidão como decorrente do pecado original estaremos remetendo à ótica da crença dogmática um espectro real e verdadeiro, que na sua essência determina a necessidade do Outro para ser minimizado.

Desnecessário alongar esse posicionamento quando nos deparamos com estragos emocionais provocados em muitos religiosos.

A solidão não pode ser vista como algo que transcenda os limites da existência, em seu hiato de vida e morte. A solidão é inerente à condição humana, e não um desatino, ou punição imposta, apenas e simplesmente pelo fato de sermos pecadores.

As religiões, no seu afã de explicar misticamente a condição humana, dão à solidão uma condição inumana e que, portanto, transcende a própria análise da existência.

Eis alguns dos posicionamento de algumas das principais religiões sobre solidão:

Budismo: "Não magoe aos outros com aquilo que causa dor a si mesmo".

Cristianismo: "Não façais aos outros aquilo que não quereis que vos façam".

Judaísmo: "O que vos causa dor não façais aos vossos semelhantes. Essa é a essência do Torah e o restante não passa de comentários. Vá aprendê-la".

Hinduísmo: "Essa é a soma do dever: não façais aos outros aquilo que, se feito a vós, causará dor".

Islamismo: "Ninguém é um crente até que ame para seu irmão aquilo que ele ama para si mesmo".

Confucionismo: "Há alguma máxima que deva nortear toda a vida? Certamente a máxima da bondade do amor é não fazer aos outros o que não deseja que façam a você"⁵.

Goffman⁶ coloca que ao adentrarem para uma dada instituição, as pessoas são "colonizadas", e o mundo externo dado

5. *Ibid.* Op. cit.

6. GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

pelo estabelecimento é considerado pelo internado como o todo, e uma existência estável, relativamente satisfatória, é construída com o máximo de satisfações possíveis dentro dos limites impostos pela instituição. Nesse sentido, a experiência dos mosteiros e conventos é usada como ponto de referência para demonstrar como a vida no interior da instituição é desejável, reduzindo de maneira notável a tensão existente nesse interior. Uma pessoa ao ser admitida numa instituição despoja-se de seus valores individuais e é nivelada em determinados aspectos segundo os preceitos da instituição, ocorrendo assim o nivelamento social afastando-se as várias distinções sociais com que chega o novato. Aparentemente aceita-se o conselho de São Bento ao abade: "Que não seja feita por ele distinção de pessoas no mosteiro. Que um não seja mais amado que outro, a não ser aquele que for reconhecido melhor nas boas ações ou na obediência. Não anteponha o nascido livre ao originário de condição servil, ci não ser que exista outra causa razoável para isso"⁷.

Dessa maneira, possíveis sentimentos inerentes à própria condição humana tenderão a ser institucionalizados e considerados sem importância diante da ascese imposta pela vida religiosa.

Solidão, vida sexual e tantos outros fenômenos humanos terão que ser abolidos da própria existência com o risco de desmonoramento da própria vocação religiosa. As especificidades individuais de cada pessoa não podem ser consideradas diante da soberania das ordens religiosas. Embora os castigos físicos praticamente reduziram-se aos casos de autoflagelo ou de imolação deliberada, ainda assim essas práticas estão sujeitas a concepções bastante mutáveis.

A própria concepção de se conseguir obediência em crianças teimosas através de castigos físicos é uma constante na sociedade ocidental, sendo, inclusive, a justificativa de numerosos casos de espancamentos infantis. Nessa medida o sofrimento físico, visando a própria libertação espiritual, é algo abstrato diante dos objetivos monásticos. Uma simples observação na vida dos santos que deram origem às principais ordens religiosas mostra que o sofrimento físico nada significa diante da busca da elevação espiritual.

Num trecho do "Cântico do Irmão Sol", atribuído a São Francisco de Assis, fica notória a necessidade de superação dos sofrimentos tidos como humanos para alcançar-se a verdadeira espiritualidade:

"Louvado Seja, ó meu Senhor, pelos que perdoam por amor de Ti
e suportam enfermidades e tribulação.
Bem-aventurados aqueles que as sofrem em paz,
pois que por Ti, ó Altíssimo, serão coroados"⁸.

A própria definição de religiosidade é algo bastante complexo, tornando bastante tênue a divisão entre os religiosos que vivem de acordo com os preceitos de uma comunidade religiosa e os fiéis desvinculados de instituições religiosas. Assim, é bastante freqüente ouvir-se que determinada pessoa tenha consagrado sua vida à Deus, mesmo sem haver se tornado um religioso — padre, freira, monge, pastor etc. Em nossa sociedade, não há instituições sem regras sabáticas, supondo-se que a natureza do homem exige tempo para a prece, independentemente do que tenha feito; sente-se que temos uma capacidade inalienável como seres religiosos. No comércio e na indústria, essa suposição está subjacente no domingo de folga e alguns feriados religiosos⁹. Nesse sentido, é até possível a previsão de que dentro de algum tempo a questão da solidão seja inserida nos preceitos religiosos de forma explícita. Dessa forma fará parte dos ensinamentos que devem ser seguidos rumo ao encontro da verdadeira espiritualidade.

A fragilidade das pessoas diante da solidão, no entanto, faz com que determinados posicionamentos tornem-se aspectos meramente filosóficos de uma prática distante daquilo que é realmente suportável pela alma humana, pelo menos em relação à maioria das pessoas.

Solidão...

Simplemente solidão. A desafiar os preceitos de todos que ousam contrapor-se aos seus desígnios e mazelas. A dor d'alma provocada pela solidão pode ser enfrentada pela oração. Mas a verdadeira libertação da solidão, seguramente, ainda está muito distante dos anseios e alcances humanos.

7. *A Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christin, 1980

8 "Cântico do Irmão Sol" Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

9 *Manicômios, Prisões e Conventos Op. cit.*

Alguns anos atrás proferi uma conferência sobre solidão numa cidade do interior de São Paulo. Na parte destinada às perguntas fui interpelado por uma pessoa que dirigiu-me alguns impropérios, culminando em dizer que eu deveria procurar por Deus, ao invés de levar a um número tão grande de ouvintes coisas tão desesperançosas sobre a solidão. Argumentei, então, que não estava criando uma teoria sobre solidão, ao contrário, descrevia apenas sentimentos sobejamente conhecidos por todos; não havia inventado a solidão, nem tampouco o sofrimento por ela provocado; nada dizia que não fosse do conhecimento absoluto de tantos quantos me ouvissem e interpelassem. Falava praticamente sobre o óbvio. Num dado momento esta pessoa irrompeu num choro profundo dizendo que há anos fugia da solidão e que desesperadamente sentia que estava sucumbindo em suas garras.

O descontrole dessa pessoa diante de uma platéia com a qual não tinha a menor intimidade mostrou-me claramente a própria evidência de que a solidão é algo além de uma simples teorização com a qual buscava-se a compreensão de alguns aspectos existenciais. Posteriormente conversamos numa situação de privacidade e esta pessoa contou, então, que até mesmo a vida religiosa havia sido buscada. Mas diante da solidão que aniquilava sua alma, nem a oração, nem a presença de outros religiosos era suficiente para trazer algum alívio.

Os monges, por outro lado, têm na vida de oração e reclusão uma forma de transcendência. E que em última instância visa abarcar a espiritualidade numa dimensão onde o imaginário representado por Deus não possa ser sentido na própria carne, através de manifestações d'alma. A oração, a incomunicabilidade entre seus membros, a rígida disciplina horária, e o total abandono de muitas necessidades corporais fazem do monge beneditino uma pessoa onde a ascese é condição primordial para a própria continuidade da existência. Dessa maneira quando deparamos com pessoas que não suportam as agruras da vida monástica é facilmente compreensível as razões que determinam esse abandono. São Bento é claro em seus ensinamentos: "Primeiramente, amar ao Senhor Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças. (...) Abnegar-se a si mesmo para seguir o Cristo. Castigar o corpo. Não abraçar as delícias. Amar o jejum (...) Não gostar de falar muito. (...) Não gostar do riso excessivo ou ruidoso. (...) Não satisfazer os desejos da carne. Odiar a própria vontade. Obedecer em tudo

às ordens do Abade, mesmo que este, o que não acontece, proceda de outra forma, lembrando-se dos preceitos do Senhor: Fazei, o que dizem, mas não o que fazem (...) Eis aí os instrumentos da arte espiritual: se forem postos em ação por nós, dia e noite, sem cessar, e devolvidos no dia do juízo, seremos recompensados pelo Senhor com aquele prêmio que Ele mesmo prometeu: O que os olhos não viram nem ouvidos ouviram preparou Deus para aqueles que o amam. São, porém os claustros do mosteiro e a estabilidade na comunidade a oficina onde executaremos diligentemente tudo isso"¹⁰.

Igualmente as outras ordens religiosas possuem especificidades que fazem de seus seguidores pessoas que necessitam do abandono da própria condição humana para darem seqüência à chamada "vocação religiosa". Evidentemente que as ordens religiosas, que dedicam-se a atividades com derivações sociais, apresentam atenuante nesses religiosos do agravamento da solidão, na medida em que a própria atividade leva-os de encontro à presença do Outro. Nesses casos abandona-se a si próprio indo de encontro à presença do Outro, na busca de Deus. Deus é personificado na figura do Outro, existindo, então, uma contraposição de idealização onde Deus torna-se o Outro buscado intensamente seja através da oração, seja através da condição libertária de fraternidade junto às pessoas necessitadas. No entanto, para o monge beneditino a instrução de São Bento é clara: "Façamos o que diz o profeta: 'Eu disse, guardarei os meus caminhos para que não peque pela língua: pus uma guarda à minha boca: emudeci, humilhei-me e calei as coisas boas'. Aqui mostra o profeta que, se, às vezes, se devem calar mesmo as boas conversas por causa do silêncio, quanto mais não deverão ser suprimidas as más palavras, por causa do castigo do pecado? Por isso, ainda que se trate de conversas boas, santas e próprias a edificar, raramente sejam concedidas aos discípulos perfeitos licenças de falar, por causa da gravidade do silêncio, pois está escrito: 'Falando muito não foges ao pecado', e em outro lugar: 'A morte e a vida estão em poder da língua'. Com efeito, falar e ensinar compete ao mestre; ao discípulo convém calar e ouvir. Por isso, se é preciso pedir alguma coisa ao superior que se peça com toda a humildade e submissão de reverência. Já quanto às brincadeiras, palavras ociosas e que provocam riso, condenamo-las em todos

os lugares a uma eterna clausura; para tais palavras não permitimos ao discípulo abrir a boca"¹¹.

Evidentemente que quando descrevemos casos peculiares estamos apenas apanhando uma pequena evidência de um grande fenômeno. No entanto é possível clarificar a questão de que a solidão é algo que transcende os esforços humanos que tentam simplesmente aniquilá-la de vez da existência humana.

A idéia que a vida religiosa automaticamente afasta o espectro da solidão da vida humana é reducionismo simplista. Na verdade, cumpre investigar quais as reais motivações que levam alguém a ingressar numa ordem religiosa. Apenas pessoas emocionalmente amadurecidas e que não busquem aí uma fuga de seus problemas, mas sim a realização de valores específicos, poderão suportar, não só a solidão mas todos os outros problemas inerentes à condição humana, que são acentuados na vida monástica, e que não desaparecem magicamente através do simples ingresso na vida religiosa.

A solidão pode ser minimizada através de alguns métodos de transcendência, incluindo-se aí a própria oração. A busca de Deus procura um novo sentido para a solidão. A solidão jamais é dizimada. Ao menos até onde seja possível alcançar a nossa percepção.

Solidão.

Simplesmente solidão.

[6

Solidão e Velhice

É na velhice que a solidão apresenta uma de suas facetas mais desesperadoras. É comum, inclusive, a associação direta da solidão com a velhice. Existe toda uma propulsão social no sentido de considerar até mesmo como normal o sofrimento legado ao "velho" pela solidão.

A sociedade, por outro lado, preocupa-se com lucros e produção e, assim, promove uma amnésia social onde o homem é esquecido como homem, na medida em que passa a fazer parte de um contexto onde a idade é vista como limitadora, deturpadora, destruidora na continuidade das capacidades de crescimento do ser humano que tem muito a ensinar pois possui anos de vivência e experiência. O presente é explicado através da própria experiência vivida; o "velho", no entanto, não é ouvido através de suas experiências. Ao contrário, essas experiências são desprezadas, muitas vezes, até mesmo pelas rotulações de senilidade. E se os velhos são considerados inúteis e desprovidos de vida própria, a realidade, por outro lado, configura o distanciamento da dignidade humana diante de atos tão desumanos¹. Ou ainda nas palavras de Simone de Beauvoir: Se a cultura não fosse um saber inerte, adquirido de uma vez por toda para ser em seguida esquecida, se fosse, pelo contrário, prática e viva, e se o indivíduo com o seu auxílio pudesse agir

11. *Ibid. Op. cit.*

1. ANGERAMI, V.A. *Suicídio. Uma Alternativa à Vida. Uma Visão Clínica Existencial.* São Paulo: Traço Editora, 1986.

sobre o seu ambiente de uma maneira que se iria realizando e renovando no decorrer dos anos, o velho poderia ser em todas as idades um cidadão ativo e útil. Se não fosse aterrorizado desde criança... Se participasse de uma vida coletiva, tão cotidiana e essencial como a sua própria vida, ele nunca viria a conhecer o exílio².

O velho tem sua dignidade existencial aviltada de maneira desumana. A solidão e o vazio existencial são inerentes ao homem contemporâneo, vimos anteriormente, mas com a proximidade da velhice estes sentimentos tornam-se cada vez mais angustiantes. Na velhice ocorre o sentimento de abandono conivente ao abandono real que ocorre em suas vidas. A velhice é revestida por um sentimento de angústia onde se perde o sentido de significação e aos poucos vê-se frente a um vazio existencial nunca preenchido pela essência do ser. Todo seu trabalho, suas lutas anteriores e até mesmo seu sentido de significação estavam sedimentados na confiança e afeto de seus semelhantes mais próximos. Esta perda de significação é condizente com sua realidade: passa de uma situação de abandono perdendo os papéis que desempenhava dentro de um contexto sócio-familiar. Esta situação é questionada dramaticamente em sua existência, pois os mesmos familiares que rejeitam o "velho" tiveram sua totalidade e sustentação realizadas por ele que agora se vê considerado desprovido de significação, abandonado e relegado a uma total carência afetiva e material. E, na medida em que são abandonados pelo núcleo familiar, aos poucos também se abandonam desprezando contínua e fluentemente todos os contatos com o mundo exterior vivendo quase que exclusivamente de reminiscências e promessas de um tempo bom que se perdeu no ser e no espaço. A perda do sentido de vida é conflitante e angustiante levando a um sentimento de culpabilidade e inutilidade quando se defronta com as imposições sociais que lhe são negadas independentemente das condições físicas, muitas vezes aptas para o desempenho de tais atribuições. Esta perda leva a outros objetivos existenciais diferentes daqueles concebidos em outros momentos da vida³.

Estava sentado nos arrecifes de Olinda, ao escrever estas linhas. O relógio marcava 17:30 h. Em Olinda, no Outono, o

2. BEAUVOIR, S. *Na Força da Idade*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

3. Suicídio. *Uma Alternativa à Vida. Uma Visão Clínica Existencial*. Op. cit.

dia escurece cedo. Nesse horário os raios do Sol mal conseguem iluminar a cidade, e a praia. Há pouco observava um grupo de jovens jogando futebol na praia, enquanto outro punhado de adolescentes enfrentava as ondas do mar com suas pranchas de surf.

O arrecife onde me encontrava avança cerca de 3.000 m mar adentro. E o movimento de pessoas com redes, varas de pescar, molinetes, anzóis e todo tipo de apetrechos de pesca é muito intenso. As 18:00 h é noite de um negrume muito escuro, apenas atenuado com o brilho prateado do luamento sobre as águas do mar.

Ao meu lado observo uma pessoa de cerca de 70 anos que, sentada nas pedras, segura uma vara de pescar. Seu cabelo é esbranquiçado pelo tempo, e sua pele mostra sinais bem marcantes de ter sido curtida pelo Sol. Suas mãos mostram indícios bastante evidentes de trabalho duro e desgastante.

Conversamos.

E seus olhos mostram um brilho de muita vida sob as pálpebras bastante cansadas. Diz que costuma chegar perto das 18:00 h para pescar, indo embora para casa somente pelas 5:00 h, quando o Sol raia fulminante, variando esse horário de permanência de acordo com as épocas do ano.

Pergunto sobre sua vida.

E ele mansamente, com uma voz rouca e pausada, desfia fatos de sua existência.

E após vaguear sobre dados de sua juventude centraliza a conversa em torno de sua condição atual.

"A velhice", narra Antonio - esse o seu nome -, "é algo muito duro. As pessoas mais jovens não respeitam os velhos. Tudo que fizemos e vivemos. Os mais jovens ignoram totalmente o velho. Eles passam por nós e agem como se não existíssemos. Raramente alguém conversa com a gente. Só outro velho pra conversar com um velho. E veja que a minha experiência poderia ser muito útil pra essa meninada que está começando a aprender a pescar.

"Durante muitos anos vivi da atividade da pesca, indo pescar em alto-mar com meus companheiros, em pequenas embarcações. Naquela época o movimento das águas do mar fazia parte da pulsação do meu coração.

4. Tentei arrolar nesse depoimento a essência do que foi narrado. Evidentemente que existem falhas nessa reconstrução, até porque a conversa não foi gravada, e houve apenas uma tentativa de reconstituição do depoimento

"Até mesmo nas noites de chuva enfrentávamos a fúria das águas do mar em busca de peixe. Hoje só restam lembranças desses tempos. Nem mesmo os companheiros estão por aqui, alguns mudaram de cidade, outros se foram para a eternidade. Nunca mais tive notícias deles.

"O prazer que tenho de passar a noite pescando com a brisa do mar batendo no rosto é incontável. Isso faz com que eu me sinta vivo".

Nesse momento Antonio sente que fisgou algo, pois sua vara começa a dobrar numa curvatura bem acentuada, mostrando evidência da luta travada pelo peixe na tentativa de libertar-se da isca.

Antonio recolhe a linha e retira das águas uma raia de cerca de 2 quilos.

Nesse momento um grupo de pessoas corre junto de Antonio. Pescadores jovens, curiosos, observam atônitos e atentos a técnica de Antonio no domínio da raia.

Antonio pega uma faca. E antes de tirar o peixe do anzol explica que, primeiramente, é necessário cortar-se o rabo da raia, pois sua rabeada é muito contundente. Diz ainda que a raia em alto-mar se defende com o rabo, e que esse, uma vez extraído, torna esse peixe (tão contundente a gressivo) sequer em condições de sobrevivência. O rabo é, para a raia, a principal forma de defesa e sobrevivência em alto-mar.

E todos, jovens, adolescentes, pescadores, mulheres, observam a forma como Antonio mutila o rabo da raia.

Pronto, em questões de segundos o rabo é separado do corpo com uma facada certa e segura, e dado de presente às crianças que passam a utilizá-lo como se fosse um chicote.

Em seguida Antonio cumpre o cerimonial de tirar a raia ainda ofegante do anzol, jogando-a em seguida, dentro do cesto destinado aos peixes apanhados.

O grupo depois de apreciar a performance de Antonio no domínio da raia se dispersa. E novamente, ele e eu, continuamos nossa conversa.

"É sempre assim", continua Antonio, "quando se pega um peixe difícil todo mundo corre pra ver se a gente é capaz de lidar com ele. E olha que apesar de ter muita raia nesse mar não é qualquer um que sabe amansar a fera. No entanto, se eu tentar ensinar a algum jovem como se domina uma raia depois de apanhada, ele não vai nem mesmo me dar ouvidos, [isso porque sou velho. Alguém que, na opinião deles, só serve

pra reclamar da vida e que não tem mais nada pra ensinar, pois o seu tempo já passou.

"E veja, no entanto, o número de pessoas que correu aqui pra ver como se dominava uma raia. Outro dia pesquei algumas raias e algumas moreias, mas cada vez que retirava alguma raia da água corria um punhado de gente pra observar. Todos observam, aprendem a técnica mas sequer se dignam a dirigir a palavra a um velho. Ainda que seja pra cumprimentá-lo pelo primor de sua experiência.

"Fico a noite inteira pescando. E se não tiver outros velhos no pedaço, passo a noite inteira sem conversar com ninguém. Parece que apenas algumas pessoas têm coragem pra conversar com o velho.

"Acho que os mais jovens têm medo de se contaminar de velhice, por isso evitam até mesmo olhar pro velho".

Continuamos a conversar. E aos poucos o rancor de Antonio pelo desprezo dos mais jovens se atenua. E ele com muita ternura me conta do tempo em que as águas do mar invadiam Olinda, e da necessidade da colocação dos arrecifes para impedir o avanço das águas sobre a cidade. A conversa flui lenta e agradavelmente. Os peixes são retirados da água e do anzol com uma naturalidade que, observando seus gestos, sinto-me capaz não apenas de pescar uma quantidade tão grande de peixes, como até mesmo de dominar uma raia. Seus trejeitos demonstram uma sabedoria e um equilíbrio interior, seguramente enriquecidos pela vivência junto ao mar.

Observo repentinamente os primeiros raios de Sol anunciando o dia. Antonio coloca, então, que está na hora de ir pra casa repousar.

Despedimo-nos não sem antes agradecer os ensinamentos daquela noite. Antonio se emociona. Afinal sua sabedoria nem sempre é reconhecida e aceita.

O isolamento do idoso é, por si, um dos aspectos mais dolorosos da própria condição humana. Torres⁵ e colaboradores colocam que a velhice é uma etapa do desenvolvimento físico e psicológico de todo ser humano. Portanto tratar os anos mais tardios como se fossem um apêndice doentio da vida e não uma conclusão vital é parte da neurose de nosso tempo.

5. TORRES, C.W., GUEDES, G.W., EBERT T H, TORRES, CR "Morto como Fator de Desenvolvimento" in *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Vol. 35, abril/junho 1983

As colocações de Torres e colaboradores são ainda mais incisivas quando abordam a deterioração do idoso em nossa sociedade: Os aspectos psicológicos de uma sociedade eminentemente tecnocrata e pragmática, deslocando, reprimindo e negando a idéia de morte, desvalorizam e marginalizam a velhice. Impedem que a idéia de morte seja trabalhada e vivida nessa etapa, levando o velho a ver na morte apenas uma saída desesperada. Inserida em nosso contexto sócio-cultural a velhice sofre uma série de pressões e influências que uma vez introjetadas acabam por fragilizar, para não dizer imbecilizar, essa última fase do desenvolvimento. Assim, muitos dos aspectos psicológicos da velhice — ausência de motivação, inapetência, indiferença intelectual, tédio, sentimento de decadência, insegurança e maior dependência afetiva, refúgio em hábitos obsessivos, avareza, ruptura de comunicação — são características próprias dessa fase mas que, entretanto, são reforçadas, de um lado, pela hostilidade de nossa sociedade em relação ao velho, e, de outro, pelos próprios velhos como defesa contra esta mesma sociedade hostil⁶.

Skinner e Vaughan⁷, por outro lado, colocam que usualmente a velhice significa mudanças quanto a *onde* e *como* vivemos. Talvez nos mudemos para uma casa menor; talvez para um país ou clima mais quente; para mais perto (ou mais longe) de nossos filhos; para perto de coisas de que gostamos especialmente ou para um local menos dispendioso. Um velho casal muda-se corajosamente para um novo mundo, seguros de terem um ao outro, mas logo o membro sobrevivente, em geral a mulher, se vê solitário⁸.

O tédio e a depressão, na velhice, configuram-se como sendo a falta de possibilidade de realização de atividades desenvolvidas no passado. É como se a própria vida não mais possibilitasse a efetivação da experiência acumulada ao longo do caminho; é despojar-se dos ensinamentos acumulados pelo fato de localizar-se num período de vida e desenvolvimento onde nada mais é permitido que não o isolamento. A solidão nesse período é praticamente a totalidade da existência na real configuração da ausência do Outro. A explicação sociológica, derivada da ótica econômica, declara que o velho é ignorado

e desprezado por não estar mais no processo de produção e consumo mercantilista. E também é inegável que, embora, existam tantos movimentos de defesa do velho, vivemos a nível mundial uma gerontocracia. São velhos influenciando sobre tudo, combatendo os anseios dos mais jovens, impedindo-os de assumir o poder e determinar novos padrões de convívio. A maioria dos governos é composta por velhos, sendo que o mundo, assim, é dirigido por uma população idosa. Uma minoria se comparada à grande maioria dos velhos que vive marginalizada, mas uma minoria que com grande poder e pouca sabedoria determina as condições de atrocidades sociais vividas pela maioria dos países.

No Oriente a velhice é respeitada e, em muitos casos, chega mesmo às raias da glorificação. A sabedoria de ensinamentos milenares repousa nos velhos que transmitem-na em verdadeiros rituais cerimoniais. A própria imagem do velho no Oriente quase sempre nos mostra a imagem de um sábio risonho que, semelhante à expressão de uma criança, aprendeu o segredo e a essência da própria existência.

No Ocidente, ao contrário, apenas recentemente em função do significativo aumento de velhos no seio social é que houve a intensificação de estudos sobre a velhice e a descoberta de técnicas capazes de atenuá-las ou retardá-las.

O envelhecimento é acompanhado por uma frequência crescente de perdas reais e por um medo que se antecipa aos acontecimentos reais. E de forma igualmente gradativa o envelhecimento é também acompanhado pela perda gradativa de nossa identidade: os músculos começam a perder o vigor, as reações químicas do corpo passam a decrescer. E a perspectiva de perder nossa independência pode lançar-nos a um desespero crescente. E a constatação de que até os próprios movimentos dependerão da ajuda do Outro significa o abandono da própria condição.

Selye⁹ define o estresse como sendo o esgotamento do corpo, mantendo uma relação direta com o processo de envelhecimento. Selye coloca que em todas as autópsias que realizou nunca encontrou um homem sequer que tivesse realmente morrido de velhice. Ele afirma, inclusive, não acreditar que ninguém jamais tenha morrido de velhice. Segundo afirma, morrer de velhice significaria que todos os órgãos do corpo teriam se

6. *Ibid.* Op. cit.

7. SKINNER, B.F., e VAUGHAN, M.E. *Viva Bem a Velhice*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

8. *Ibid.* Op. cit.

9. SELYE, H. *The Stress of Life*. Nova York: Ed. McGraw-Hill, 1956.

desgastado proporcionalmente, simplesmente por terem sido usados por um número absurdo de anos. E isso na realidade nunca ocorre. Na maioria das vezes, ainda segundo Selye, morremos porque uma parte vital do nosso corpo se desgata demais, em relação ao resto do corpo. E esse órgão que se esgota primeiramente arruina todo o organismo, porque as outras partes se ressentem de seu problema¹⁰.

Vimos anteriormente como a nossa própria vida ganha significado a partir do Outro, fato que por si dá-nos a configuração de que quanto mais vivemos o Outro, recebendo e trocando afeto através da energização que envolve os relacionamentos humanos, mais intensos serão os nossos sentimentos de abandono e isolamento quando nos sentimos abandonados por ele.

O envelhecimento torna o isolamento individual uma realidade das mais agudas. As perdas sucessivas — físicas, emocionais, situacionais etc. — que acompanham o processo de envelhecimento forçam o idoso a adaptar-se a essa nova realidade, num enfrentamento para o qual, na maioria das vezes, não se preparou ao longo da vida. E se levarmos em conta que cada perda existencial leva consigo um pedaço muito grande de nossa própria vida, as perdas que se acumulam na velhice destroçam existencialmente o que ainda resta de dignidade do idoso. Numa mera citação podemos colocar o número de pessoas que após anos de trabalho dentro de uma dada empresa — frequentando a associação esportiva da empresa, o ambiente de trabalho, festas de conagração entre os funcionários, etc. — e que se vê, após a aposentadoria, simplesmente proibido de ter acesso aos locais privativos desta empresa. Assim, toda a significação existencial decorrente dos vínculos afetivos originados a partir de sua relação com essa empresa tornam-se simplesmente coisas excluídas de sua existência, num processo abrupto e desumano. Os momentos vividos, seja no próprio ambiente de trabalho, seja nos momentos de festas ou atividades desportivas ou de lazer, são arrancados de sua vida sem a menor consideração do real significado desses fatos em sua vida. Simplesmente deixa de fazer parte da empresa. A mensagem recebida é clara e objetiva: você era uma pequena peça de uma grande engrenagem, e foi substituída por uma peça mais nova. Sentimentos, laços afetivos, e até mesmo o fato dessa pessoa consi-

derar-se como sendo parte da grande "família" representada pelos membros dessa empresa, nada significam diante da atrocidade mostrada pela imposição desse isolamento. Hábitos, trejeitos, trivialidades, tudo é arrancado, com a pessoa sentindo-se despojada de sua própria vida, na medida em que vê coisas, que de alguma forma significavam a própria existência, serem extraídas sem a menor consideração com aquilo que sente, pensa e necessita.

Charbonneau¹¹ coloca que todo ser humano é vulnerável por natureza. Vulnerável em seu corpo, que cede ao peso da velhice, da doença, da morte imprevista. Há um desgaste somático, que é o preço que pagamos ao tempo. É vulnerável sobretudo em sua alma, aberta a todos os ventos, e que os caminhos tortuosos da existência atingem em cheio. Amores são dilacerados, esperanças são fraudadas, promessas são traídas, e o coração é ferido, muitas vezes tão profundamente que jamais a ferida poderá ser substituída por uma cicatriz. Pode-se dizer que o ser humano vive em estado de insegurança, sensível aos menores tremores, dilacerado pelas tempestades que o fazem balançar em seus abalos enlouquecedores¹².

A solidão embora fenômeno inerente à própria condição humana se apresenta de forma diferente de acordo com a peculiaridade individual de cada pessoa. Não há como definir operacionalmente os sentimentos de solidão vividos por uma determinada pessoa, seja ela idosa, criança ou adulta. A solidão, assim como os demais sentimentos, não se expressa de maneira absoluta assim como é branca uma determinada parede, ou preta a cor de determinada substância. Seu expressionismo é único, peculiar, sendo verdadeiro somente para a pessoa que a vivência. Ninguém jamais viu, pegou ou cheirou a solidão. Apenas sente-se a intensidade de sua abrangência no estrangulamento dos limiares d'alma e do coração.

O idoso não tem como sedimentar planos para uma vida digna na medida em que sua existência é tida como inútil. Não existe forma nem aspectos que se sobreponham ao desrespeito de sua condição no seio da sociedade. E o dimensionamento de sua existência é feito a partir daquilo que lhe é imposto e não do que propriamente concebe como mundo no raio de

10. *Ibid.* Op. cit.

11. CHARBONNEAU, K. *Citoun Soln. -io Sa» Paulo Kditora Pedagógica e Universitária Ltda , 1984*

12. *Ibid.* Op. cit

ação de seu campo perceptivo. A solidão surge ocupando um espaço no vazio de sua vida. E não há como buscar alívio para o sofrimento provocado na medida em que se vê como sendo solitário.

A questão da solidão que até mesmo em outras fases da vida é vista como sendo um problema individual, na velhice ganha contornos ainda mais inextricáveis na maneira como o idoso é desprezado em seus anseios existenciais mais básicos. A nossa sociedade é desumana com todos que não tenham significado no contexto produtivo.

Sempre é possível viver-se dentro de um prisma razoável de harmonia; a questão, apenas, é concretizar a própria sedimentação daquilo que se concebe como dignidade existencial. A solidão, assim, é como estar em determinados lugares e ao mesmo tempo ressentir-se da ausência do Outro. E viver em busca de algo que insolitamente não conseguimos identificar ou até mesmo definir. É a vida correndo em seu leito natural com a tentativa muitas vezes lúgubre de atenuar-se a própria transcendência dos fatos vividos.

Vivemos numa condição onde sequer dimensionamos a razão da própria existência, tenha ela ou não concretidade frente a determinados valores. A velhice escancara esses fatos de maneira ímpar, daí derivando todo o manto de insensatez que acoberta esse período de vida.

A velhice abarca em si a vivência de tudo que foi vivido; a nostalgia que envolve a lembrança de determinados momentos é por si desencadeante de muito sofrimento por escancorar a situação marginal desse período. E a solidão surge como mais uma das facetas que tornam esse período da vida peculiar frente a outras etapas.

Tudo que é reivindicado em termos de respeito à pessoa do idoso apresenta nos bojos de seus ideais a solidão como forma de dignidade existencial. A solidão existe na velhice, como também existe em outros períodos da vida. Tratá-la como se fosse apenas exclusividade desse período é negar a própria condição da solidão, ao longo de toda uma vida.

7

A Solidão Criativa

A solidão também se apresenta como fonte de energização criativa. Nesses casos a pessoa isola-se do Outro e cria condições de enriquecimento d'alma e até mesmo da produção de trabalhos intelectuais e artísticos. Nesses casos a solidão deixa de ser uma imposição da própria existência, sendo, ao contrário, determinante de opção de isolamento e busca existencial.

Solidão e isolamento embora pertencentes ao mesmo tipo de vivência têm no caso de ser vivido enquanto opção a condição de transbordar aspectos inerentes da criatividade da condição humana. Seguramente muitas obras literárias, artísticas etc, foram concebidas a partir do isolamento de seu autor. E até mesmo grandes decisões que envolvem o destino de milhares de pessoas, sem margem de erro nessas afirmações, foram preconizadas num total estado de isolamento. É como se a solidão e o isolamento buscados como opção pudessem contrapor-se e configurar-se como sendo a transparência onde o sofrimento humano — no caso da solidão — aniquila com uma determinada existência, ou então onde a própria condição humana arrebatada-se em exuberância.

A solidão enquanto condição inerente à produção e propulsão criativa mostra claramente o fato da solidão ser vivida de muitas maneiras. E necessariamente não apresentando as mesmas condições de aniquilamento para diferentes pessoas. O estar-só, nesses casos, é sorvido de maneira gratificante, gerando produções intelectuais e artísticas, ou ainda o enrique-

cimento espiritual. A questão bastante importante é observar-se a maneira pela qual a pessoa se encontra nessa situação de isolamento. A opção pelo estar-só implica num distanciamento de situações onde a solidão é desesperadora, podendo até gerar um crescimento espiritual pelo sofrimento aniquilador, mas sem sombra de dúvida bastante diferente das situações opcionais. E a vida que diante do desespero sente que a própria dimensão da dor se esvai nas garras da solidão. É na solidão que o homem mergulha em seu interior e confronta a configuração real da condição humana. Não é por outra razão que as obras intelectuais e artísticas mostram de forma tão viva e marcante essa condição. Também é na solidão que a vida escancara a nudez d'alma propiciando formas de descrição impossíveis de ser realizadas de outra forma que não no total isolamento. A própria reminiscência de momentos onde a presença do Outro era configuração real ganha contornos mais precisos no isolamento.

A existência apresenta facetas que se contrapõem diante das digressões e questionamentos buscados como teor de compreensão de sua essência. E na solidão essa configuração atinge níveis sequer suportáveis diante da condição insólita da própria condição humana. Não há como reverberar uma conceituação formal do que seja a opção pela solidão e que aspectos da existência humana ela envolve, e igualmente que aspectos escapam de sua abrangência.

A vida é definida a partir de um conjunto de enunciados biológicos, químicos, físicos etc. Assim, é possível definir-se como viva uma pessoa que apresenta batimentos cardíacos, além de uma pressão arterial que apresente condições mínimas dentro de um quadro perfeitamente definível e verificável a partir do uso de determinados instrumentos. Igualmente o avanço da ciência permite até mesmo o transplante de determinados órgãos no afã de manter-se a qualidade de vida, a condição de diminuição da dor provocada por tais intervenções etc. E tudo isso perfeitamente identificável, testado e comprovado não apenas experimentalmente, como também concretizado a partir da quantificação muitas vezes realizada até por computadores. A solidão surge diante de tanta solidez e absolutismo da ciência como uma abstração que embora não apresente formas concretas repousa serena no seio da condição humana. E suas manifestações, sejam, opcionais ou não, adquirem contornos pela maneira como determinam suas seqüelas no resul-

tado de suas manifestações. Não há como dimensionar em yo nero, número e grau a essência da solidão. Ao contrário, inclusive, apesar de todas as abstrações e até mesmo digressões filosóficas que a cercam, a solidão é meramente perceptiva. A própria conceituação de fé perceptiva necessária para a compreensão de muitos fenômenos humanos, no caso da solidão, é base prioritária para torná-la real, ainda que diante de suas garras um número muito grande de pessoas sucumba diariamente.

O isolamento é praticamente associado diretamente à criatividade. Não é possível a concepção de determinadas criações longe da situação de isolamento; como pensar na execução de um quadro minuciosamente elaborado sem pensar no total isolamento do artista. O estar-só nessas situações enriquece a alma no sentido de permitir uma introspecção até os seus limites máximos. Até mesmo o depoimento de muitas pessoas atormentadas pela solidão apresenta momentos onde o isolamento foi vivido como opção, e busca de enriquecimento espiritual. E mesmo os religiosos que como vimos anteriormente sofrem duramente o espectro da solidão têm, nos momentos de opção de isolamento, o contato com a espiritualidade tão desejada e tão ardentemente procurada. Existem inúmeros depoimentos de artistas e intelectuais que apresentam quase que como unânime o fato de necessitarem do isolamento para poderem produzir e assim se desenvolver enquanto pessoas e até mesmo artisticamente. A questão que se sobressai nesse pontamento é saber quando a solidão é aniquiladora e quando então ela se torna enriquecedora. A questão da opção, sem sombra de dúvida, é determinante de significado bastante preciso nesse aspecto; no entanto, por si, é suficiente para estabelecer esta diferença. Ou até mesmo o que acontece como noH casos dos religiosos, por exemplo, que procuram pelo isolam* m to como opção de vida, e são posteriormente arrasados |H>ln solidão. Ou ainda de pessoas que, cansadas da agitação da i idl de grande, procuram pelo isolamento propiciado pelo pei k>k • de férias, e que, logo após os primeiros dias de desça um >, »I • — peram-se pela ausência da turbulência encontrada tipitnn n grandes centros. Estas questões, além de complexnn mu compreensão, apresentam fatos tão enigmáticos em • Il ' queserianominimoimprudenciatentarenconti.il ia Ulltl posta que não levasse em conta cada peculiarindi em cada caso individual. No entanto, para i<> i •

namentos uma se apresenta bastante clara em todos esses casos. A turbulência e agitação do dia-a-dia faz com que os momentos de isolamento, como vimos anteriormente no capítulo "Solidão e Tédio Existencial", propicie determinadas introspecções que por si se tornam insuportáveis devido à constatação de uma existência muito aquém daquilo que seria concebido como ideal de vida. Busca-se o isolamento e foge-se da solidão; é como se fosse buscada uma idealização e o que de fato encontra-se é um espectro dilacerador da própria condição humana.

As realizações obtidas nas situações de isolamento mostram que a solidão vivida doce e suavemente traz indícios da própria grandeza d'alma humana. Igualmente é na solidão que a própria introspecção adquire contornos de espiritualidade praticamente impossível de ser alcançada noutras circunstâncias.

Sentar-se a beira-mar. Observar ao longe o horizonte pontado por inúmeras embarcações de pesca; sentir a brisa do mar na pele e sorver a energia que toca o próprio ser vindo do mar. Doce e invejável solidão. Seguramente fonte de inspiração inesgotável. É como se a própria vida num contato direto com a natureza permitisse o deleite d'alma num êxtase arrebatador.

A solidão apresenta facetas de encantamento inigualáveis. E ao mesmo tempo em que se apresenta como desesperadora, por outro lado é inigualável que a própria essência da vida só exista a partir da solidão.

A dualidade dos sentimentos provocados pela solidão é o que faz dela própria algo que evoca também polêmicas e digressões em torno de si. Ao mesmo tempo em que é inegável a necessidade do isolamento do artista para a concepção do trabalho artístico, é igualmente inegável e até mesmo incompreensível como esse determinado artista que, em certos momentos se isola para criar e espelhar o esplendor de sua alma, noutro momento sente-se desesperado diante do isolamento e da ausência do Outro. A opção exerce um determinante bastante significativo nessa questão, vimos anteriormente, mas o que é importante ressaltar é que a presença do Outro, manifestada pela própria ausência, adquire a condição de caracterização da solidão pelo contato como o Outro.

Existem colocações que afirmam ser a solidão a manifestação de Deus na alma humana. E se de fato essa manifestação se dá através da solidão, a própria forma como as pessoas vivem

o isolamento, seguramente, será determinante da maneira como essa deificação se manifesta. Definir determinadas concepções artísticas como manifestações divinas realizadas através do homem, ou ao contrário manifestações humanas onde a presença de Deus é presente, trata-se de mera e simples digressão filosófica. Pois a existência da manifestação divina concretiza-se a partir do homem, pela existência humana nessas realização. Buber¹ coloca que na relação EU-TU, determinante de todas as formas de relacionamento humano, sempre está presente a figura de um TU supremo manifestado na presença de Deus na existência humana. Esse TU estaria, então, presente no relacionamento do homem com todas as coisas e manifestações divinas. Assim, é possível encontrar-se pessoas que sentem a presença de Deus no contato com a natureza, outros sentirão essa presença no contato com a oração, outros ainda afirmam a existência de Deus num olhar de criança, na ocorrência de determinadas catástrofes etc. A existência e manifestação de Deus na vida humana é, por si, fator de elevação das próprias atitudes cotidianas onde a deificação de cada ato realizado contrapõe-se em grandiosidade às atrocidades vividas e cometidas pelo homem.

Muitos afirmam que vivemos uma época de transição planetária onde a angústia teria assim destaque pela forma como leva o próprio homem a evoluir diante de seus desastros. A solidão seria nesse contexto a manifestação divina para superação dessa angústia. Era da angústia, ou era da solidão, o fato é que a realidade contemporânea exige do homem a sua própria superação diante dos sofrimentos encontrados ao longo da vida.

Na medida em que avanço sobre esses escritos de solidão, a certeza que mais aumenta dentro do meu ser é que a solidão descrita é algo meramente filosófico, bastante diferente daquele espectro desesperador vivido por um sem-número de pessoas. E como se de repente estivesse a martelar na máquina de escrever questionamentos, pontamentos e digressões sobre aspectos filosóficos e que, de fato, estivesse numa distância abismosa daqueles que no clamor do desespero recorrem inclusive ao suicídio como alívio para a solidão. Reflito se essa distância que sinto separar os meus escritos sobre a solidão e o desespero vivido por inúmeras pessoas não deriva da minha condição privilegiada de estar escrevendo num estado opcional

1. BUBER, M. *Eu-Tu*. São Paulo: Editora Moraes e Cortez, 1977.

de isolamento tendo como cenário o mar e o céu azul transbordando verão. Com efeito se essa diferença residisse no isolamento opcional estaria, então, indo de encontro ao estado de solidão criativa. Mas, ainda assim, sinto que aquilo que escrevo dista muito do que se pode conceber e viver como solidão. Questiono, então, se não é o fato de querer definir num ensaio meramente reflexivo uma temática que abarca a todos indistintamente, que provoca os mais variados sentimentos nas mais diferentes pessoas.

Nada concluo.

Sinto apenas clara e convictamente que a minha própria solidão, vivida de formas tão diferentes do momento em que me encontro escrevendo sobre solidão, é diferente das reflexões expostas no papel.

O que seria então a sólida, criativa, desesperadora, cálda ou qualquer outra forma adquirida, que não um enfeixamento de enredamento e conceituações inatingíveis pela razão?!?! Seria algo diferente da angústia que, embora igualmente vivida por um sem-número de pessoas de maneiras igualmente diferentes, é conceituada e definida pelas mais diferentes escolas filosóficas?!?! Ou então ainda diferente da própria loucura que embora apresente inúmeras manifestações tem sobre si um número incontável de teorias a explicar os desencadeantes de sua ocorrência?!?! Talvez essas mesmas temáticas, assim como ocorre com a solidão, sejam meramente explicadas a partir da ótica de cada autor, e igualmente distem de forma igualmente abismosa da vivência propriamente dita. Nesse caso a epistemologia adotada na investigação determina a diferença, pois o saber adquirido é obtido sem uma simples reflexão sequer sobre que níveis do conhecimento derivam esse mesmo saber.

A investigação filosófica, assim como a psiquiátrica, psicológica, psicanalítica etc, observa fatos apreendidos a partir da percepção do investigador, o que, por si, já estabelece grande diferença daquilo que foi vivido daquilo que posteriormente é descrito. Assim, a questão da diferença da digressão sobre a solidão descrita e a solidão vivida se não foi respondida, ao menos encontrou parâmetros que justificam sua falta de clareza e objetividade. E embora na própria apresentação desse livro tenha deixado bastante claro que não tinha intenção, nem tampouco pretensão de responder questionamentos surgidos a partir desses escritos, ao contrário, estaria satisfeito com o surgimento de dúvidas e celeumas suscitadas, ainda assim a busca

de uma forma transparente de investigação nesse nível de conhecimento parece predominar até mesmo sobre a minha proposta inicial.

E se a solidão que experencio tamborilando os dedos nas teclas da máquina de escrever, ouvindo Mozart e tendo o mar como moldura para os meus devaneios espirituais, é diferente daquela solidão vivida em outros momentos onde a ausência do Outro era dilacerante, a dualidade teorizada anteriormente adquire sinais de um contorcionismo que seguramente está muito além das reflexões realizadas. Solidão, mas com características bastante diversas num contraponto bastante acentuado. Nesse caso, o saber adquirido mostra sinais de uma evidência vicariana e que, portanto, dista da investigação propriamente definida como científica. O saber estaria então reduzido ao confronto de uma experenciação bastante diversa daquilo que é preconizado nas lides acadêmicas, onde a investigação é soberana até mesmo diante da pulsação vital dos sentimentos.

O lugar do saber na sociedade não é o próprio saber e sim as configurações que se realiza ou sistematiza-se a partir de determinadas ocorrências. Não há como esperar-se valores absolutos no tocante às vivências dos sentimentos humanos. E a própria solidão, por configurar-se como algo que inclusive transcende as teorizações, apresenta sinais evidentemente dispersos em relação ao conhecimento de sua abrangência na alma humana; solidão apresentando no bojo da tentativa de sua compreensão fatos meramente conceituais. E como se se tentasse dar à solidão uma configuração de mesmice, de repetição contínua e intermitente de fatos e fenômenos, mas que, no entanto, tem-se como barreiras formas e vivências muito além desses mesmos fatos. A solidão escapa de nossa compreensão sempre que damos a ela um enredo de dimensões meramente perceptivas.

A solidão como fonte enriquecedora da alma humana, ou, ao contrário, como dilacerante existencial, precisa de uma abrangência onde tudo aquilo que possa ser englobado numa real conjunção de valores tenha a transparência necessária para sua verdadeira compreensão.

Nesse ponto do texto a sensação incômoda de alguém que tenta ensinar coisas a alguém que precisam **se**i vividas paia ser apreendidas, coisas que por mais que sejam teoi/adas imo necessitar de uma vivência para tornarem-se vivas e leais **Sm** to-me assim como um professor de Geografia que tenta ensinar

aos seus alunos a exuberância do fenômeno da pororoca quando o Rio Amazonas encontra-se com o mar, mostrando, num ponto do mapa dependurado na sala de aula, o local da ocorrência desse fenômeno. Ou então alguém que tenta descrever o que é o amor, o arrebatamento de uma intensa paixão, e simplesmente descreve a ocorrência de determinadas manifestações fisiológicas.

Empobrecer uma determinada idéia ao lançá-la no papel é algo bastante comum e conhecido por todos que se empreitam no hábito da escrita. No entanto, não conseguir simplesmente descrever aquilo que se sente é algo que deriva do fato de que muitos sentimentos inerentes à condição humana são inefáveis, sendo, portanto, praticamente indescritíveis. É como se vivêssemos determinados sentimentos num certo momento e não conseguíssemos descrevê-los no momento seguinte.

Diante dessas reflexões me invade um grande sentimento de que tudo que estou a escrever sobre solidão é completamente inútil. Como também é inútil tudo aquilo que tenta descrever sentimentos e fenômenos pertencentes à vivência humana. Essas linhas serão lidas por um número grande de pessoas que poderão considerá-las sem fundamentação teórica: ao contrário, outros poderão considerá-las demasiadamente teóricas. Outros ainda irão considerá-las incrivelmente ilustrativas e outros poderão considerá-las como sendo totalmente obscuras. Sua verdadeira essência no entanto será tão abstrata quanto a própria temática que evoca. Ou ainda nas palavras de Heidegger²: "Nenhuma época acumulou conhecimentos tão numerosos e tão diversos sobre o homem como a nossa. Nenhuma época conseguiu apresentar seu saber acerca do homem sob uma forma que nos afete tanto. Nenhuma época conseguiu tornar esse saber tão facilmente acessível. Mas também nenhuma época soube menos o que é homem".

2. HEIDEGGER, M. *Kant e o Problema da Metafísica*. São Paulo. Ed. Duas Cidades, 1976.

Alguns Casos Clínicos

Descreverei nessa parte do trabalho alguns casos clínicos depurados ao longo da minha atividade cujos relatos foram escritos a partir dos depoimentos dos pacientes.

Metrô, Solidão e Dor

Terça-Feira

— Quem é você, oh cara?!?! Ah, já sei, aquela mina², a assistente social já falou de você... está tudo uma barra, cara, da pesada. Puta que pariu!!! Só isso pra defini essa porra de vida.

— Ôrra meu, amanhã terei a perna direita amputada. Não é fácil. As coisas já estão fudidas, tudo está difícil. Imagino, então, esse negócio de perna mecânica. E o cacete. Puta que pariu!!! Estou mesmo fudido.

— Ôrra meu, sabe o que é ser fudido?!?! Fudido e mal pago?!?! Minha vida é isso: treta, treta³ e pancadaria. Sacou, não dá, oh meu, decididamente não dá.

1. Procurei manter alguns termos do gíria utili/adoii puln pno!«nta, visando manter sua estrutura de linguagom o poimiiniiliu l'OMMIVIIIM uni)* de concordância e até mesmo do rotmos o,!,><M ilnim Imuin mantido» pm i preservação das característica;; soinânlicaai do i kai innin

2. Mina é um termo do gíria gim miinillcti iniillini

3. Treta é um termo do gíria >i''''''l''''' '' ' imtii •

— Acho que ninguém pode saber dessa vida que levo. Só eu mesmo. É merda demais. Sou daqueles caras que nasce e morre na merda. Mas agora também foi demais. Tê a perna cortada é demais pra cabeça. Tudo dava pra aceita, mas isso é demais pra cabeça. Puta que pariu!!!

— Amanhã cedo, oh meu. Amanhã cedo serei um aleijado. Um aleijado. Acho que era melhor não tê nascido. Filho da puta como eu não merece nasce, nem vivê. E amanhã além di tudo ficarei sem a perna direita. É muita sopa no meu azar.

— Ôrra meu, dá pra imagina o que é ter perna mecânica?!?! Não dá prá imagina alguém de perna mecânica. PUTA QUE PARIU!!! PUTA QUE PARIU!!!

— Difícil é pouco pra essa filha da putice que é não pode fazê nada e ficá aguardando as coisas acontecerem. Se ao menos pudesse enrola um cigarrinho, um bagulhinho⁴, acho que dava pra agüenta melhor. Está tudo russo, tudo no maior negrume.

— Orra meu, sabe o que é ter uma perna cortada e no lugar ter uma perna mecânica? Uma porra mecânica. Ôrra é foda. Foda, foda com ph, PHODA. Imagina que gracinha o belezinha andando lá em São Miguel Paulista⁵ de perna mecânica. Vai ser mesmo lima verdadeira gracinha. Não consigo nem imagina como vai sê. E melhor mesmo não imagina se não a cabeça fode duma vez.

— Vai sê um barato então, eu jogando bola lá no time do corintinha. Vai sê mesmo muito engraçado arrasta a perna mecânica pra tenta acompanhar a perna boa. Não dá, decididamente não dá. É muito pra cabeça.

— Da cirurgia mesmo eu não tenho medo. Que nada, oh meu. O que pode acontece? Pior que ficar sem perna essa cirurgia não pode sê. E além do mais se eu morresse seria bem melhor do que ficá de perna mecânica.

— A enfermeira explicou, outro dia, que essa cirurgia é simples. E que eu não devia tê preocupação. Acho que ela deve tê razão; essa cirurgia deve sê bem simples. O médico deve aparece no pedaço com um serrote. E depois que o doente está anestesiado ele corta o osso e arranca a perna podre fora.

— Acho que deve sê isso. Uma coisa simples.

— O difícil mesmo é ficar sem a perna.

— Fico imaginando o que eles devem fazê com as pernas, braços e outras partes que eles cortam. Já pensei até que eles devem dá essa ossada pra algum criador de cachorro.

- Já imaginou que barato sabe que a sua perna virou ossada pra algum cachorro. Já pensei também que eles devem queimar essa ossada nalgum forno bem grande aqui no hospital. Sei lá o que vão fazer com a minha perna, o que sei é que vai ser foda andar por aí com uma perna mecânica.

- O resto é resto.

- Preocupação com essa tal de cirurgia eu não tenho. A cirurgia vai sê bem cedo. Nessas alturas o doutor que vai me opera já deve está afiando o serrote. Hoje de noite vou come um rango⁶ bem legal. Vai sê o meu último rango com as duas pernas.

- Ôrra meu, estou alucinado com esse negócio de perna mecânica. Não dá prá suporta, oh meu. Acho que é a pior coisa que podia me acontece. E ainda tenho que espera até amanhã cedo pra essa porra acaba duma vez.

- O coração parece que vai salta pela boca. As vezes tenho a impressão que o sufoco é tão grande que o coração não vai aguenta.

- Ôrra, acho que seria bem melhor morre do que passa por essas porras de problemas. É foda, oh meu, pode crer que é foda. Não dá pra você imagina o que tenho passado nesses dias. Se tivesse condições me jogava pela janela e dava um fim nisso tudo. Não dá, oh meu, não dá, é estar vivo sabendo que os teus dias estão contados. Acho que eu já cansei você com esses lamentos, heim meu. É que você é gente fina. E ficá aqui ouvindo um filho da puta como eu deve ser cansativo. O que eu fico pensando é que se eu mesmo não me aguento como alguém pode me aguenta. Você deve ter saco de couro, heim, oh meu, pra aguenta tanto problema e não quebra. Se eu fosse você já tinha me mandado toma no cu. Mas pode crê, oh meu, falá com você foi legal. Você vai volta depois da cirurgia, não é?!?!

Quarta-Feira, Após a Cirurgia

- Ôrra meu, não vem me pedi pra tê paciência, pois eu queria vê o doutor ter paciência se fosse a perna dele. Tenho dezenove anos e fiquei sem uma perna. E ainda o pessoal vem pergunta se está tudo bem. Acho que estão tirando sarro da pessoa oi i a

4. O paciente refere-se a cigarro de maconha.

5. Bairro da periferia da cidade de São Paulo.

6. Rango é um termo de gíria que significa comida.

da. Estou fudido e mal pago. Eu queria sabe quando o doutor vem resolve esse negócio da perna mecânica. Porra, é foda essa espera. Estou tão fudido que já estou me acostumando com a idéia de andar por aí de perna mecânica. Além do mais não tem outro jeito. Mas que vai sê uma gracinha, isso vai. Pensa você, oh cara, passeando no shopping-center arrastando uma perna mecânica. É emocionante, não é?!?! Ou então na hora de ir pra cama com uma mina e a tua perna é desmontável. Então vou tê que dizê assim: oh mina, espera um minuto que eu preciso tirá a perna pra lubrifica. Espera só um pouquinho que não demora. E tem mais, imagina o que vai sê quando eu tiver que dá um trampo na mão grande⁷. Decididamente não vai dá. Agora eu só quero sabe quando o doutor vem aqui pra conversa comigo sobre essa porra de perna mecânica. Porra, imagina você que a minha velha⁸ veio aqui me visita e as enfermeiras não me acordaram. E do jeito que estou só mesmo ela pra me entende. Saco!!! E ainda a enfermeira falou que ela voltava na visita de amanhã junto com outras pessoas. Que nada, oh meu, só tenho a velha no mundo. Não tenho mais ninguém pra vir me visita. É foda, foda, entendeu? É FODA.

Quinta-feira

— Ôrra meu, não dá pra acredita. O doutor chegou e disse que tiveram que amputa a minha perna na altura do fêmur, muito acima do esperado. E em razão disso não vai sê possível a implantação da perna mecânica. Nem a perna mecânica eu vou **pode** usar. Estão brincando com a minha cabeça. Prometeram pra mim uma perna mecânica. E agora vem com esse papo doido. E muita putaria pra minha cabeça. Puta que pariu. Isso não pode ser verdade.

— Ôrra meu, e agora?!?! Como vai sê?!?! Vou ficá por aí pulando que nem o saci-pererê. Vocês aqui do hospital são uns carniceiros sem vergonha. O que aconteceu? O serrote não estava bem afiado? Vocês deviam tê piedade dos pobres coitados que nem eu.

7. Trampo na mão grande significa trabalho ou atividade ilegal. Geralmente é referência a atividades que envolvem roubo a pessoas ou estabelecimentos.

8. Velha significa mãe dentro da linguagem utilizada pelo paciente.

- Eu quero morrer. M-O-R-R-E-R. Entendeu, M-O-R-R-E-R. PUTA QUE PARIU!!! P-O-R-R-A. Responde como eu vou fazer pra andar.

- E agora como vai sê? É simples. Vou tê que andá de muletas. Se já era foda a idéia da perna mecânica, imagina então esse lance de muletas. Não dá, entendeu. Eu vou me matá duma vez pra acaba de vez com essa porra de situação. M-O-R-R-E-R. O pior é que estou com muito medo de como será minha vida, andando por aí de muletas. Era insuportável a idéia de perna mecânica, imagina essa coisa de muletas. E não adianta reza pedindo alguma coisa pra Deus. Filho da puta como eu nem o Diabo escuta.

— Ôrra meu, quando eu falo da minha vida as pessoas acham que eu estou exagerando. Quando eu falo que é uma barra, pode crer que eu não estou exagerando. Lá em São Miguel Paulista o ponto⁹ é quente. A gente tem que ser ligeirinho pra não dança. Lá o nego folgou, dançou. O negócio lá é bravo. Oh, cara, eu não trabalhava. Vivia de trambique. Vendia fumo, além de toca-fitas que a gente tirava na mão grande. Era caranguejero¹⁰. Entendeu, caranguejero. Fumo eu vendia mesmo pra garanti o abastecimento. O pior mesmo era o ponto, onde sempre tinha confusão, briga. As vezes eu não tinha vontade de ir pro pedaço encontrar a turma. Ficava em casa. Daí, dava aquela "coisa" no peito, de não pode ficá sozinho, de tê que ir ao encontro de alguém. Mas era preferível ir atrás de briga do que ficá em casa com aquela "coisa" estrangulando o peito.

— Brigava, oh meu. Brigava direto. Era um barato. Tinha vezes que o pessoal se reunia lá no ponto, e depois de puxa fumo¹¹ e beber umas pingas, saía todo mundo em busca de confusão. As vezes era um barato. Outras vezes a coisa ficava preta. Onde a gente pintava, pintava junto confusão. Muitas vezes a gente brigava por briga, outras vezes pra algum acerto de conta. E sempre com a cabeça cheia de fumo e pinga. Mas o que doía mesmo era a coisa que sentia no peito, e que cada vez que fumava ou bebia ficava mais doída.

— A minha vida era a própria violência. Tinha vezes que metia tanto fumo e pinga na cabeça que não dava pra entende mais o que estava acontecendo. Ficava tão doido que não enten

9. Ponto significa lugar freqüentado habitualmente.

10. Caranguejero significa ladrão de carros ou <> a< <'.>> <> aui.omo bilísticos.

11. Fumar cigarro de maconha.

dia mais nada. Puta que pariu, oh meu, tinha vezes que caía onde estava e depois nem lembrava o que tinha acontecido. Teve uma vez que a "coisa" começou a me aperta o peito de um jeito que fumei e bebi tudo que tinha direito. Daí, esmurrei um cara que estava passando na rua. Se não chegasse um cara pra apartar, mato o filho da puta de porrada. Coitado não deve ter entendido nada. E agora, oh meu, veja a merda que eu estou. Aleijado e de muleta. Ôrra meu, é foda. Era tudo um desespero só. Era só briga e baixaria o tempo todo, todo santo dia. Não dava mais pra suportar. A velha, coitada, vivia sempre na maior aflição me vendo sempre de cara cheia. Acho que precisava arruma uma mina que acalmasse aquela "coisa" que me estrangulava o peito. Eu não aguentava ficá sozinho em casa. Tinha vezes que a "coisa" ficava tão insuportável que pegava um ônibus qualquer e saía andando por aí pra distrair. E eu que sempre achava que isso era coisa de mulher.

— Naquele dia acordei mais desesperado do que nos outros dias. E como sempre comecei a enche a cara de fumo e pinga. Saí pra rua e nem tchau pra velha eu falei. Naquele dia tava tudo russo dentro de mim. E daí, oh cara, completamente chapado eu fui pra cidade buscando alguma coisa pra fazê. Lembro que dei uma passada lá no ponto pra fazê uns acertos de grana. Estava completamente chapado. Na cidade tratei logo de ir pra boca e rangei uma neguinha¹². E depois, continuei andando pela cidade. E aquela "coisa" apertando no peito. Era um desespero só. E em cada bar que passava tomava mais pinga. Puta que pariu, oh, cara, puta que pariu, chegou uma hora que nem sabia mais o que estava fazendo. Não sabia nem pra onde estava indo. E de repente estava lá na estação do metrô. Acho que esperando o trem pra me levar pra puta que pariu. Quando o trem pintou na estação me joguei na frente dele. Daí, oh cara, foi aquele escândalo com o carinha que dirige a fera tentando breicar e o povo que estava na estação gritando. O trem me arrastou um puta pedaço, mas não me matou. Só me aleijou. Devia estar doido da cabeça e daquela "coisa" que me estrangula o peito, pois se jogar na frente de um trem é coisa de gente louca. E o pior, oh cara, não fui morre, fui me arruma essas porra de muletas pro resto da vida. Nem me matá eu consegui. Porra, podia tenta me matá de outro jeito. Sei lá, podia

12. O paciente refere-se a ter ido na zona de prostituição, onde manteve relações sexuais com uma prostituta.

ter metido uma bala na cabeça, ou então quem sabe corta a jugular. Mas esse lance de se joga na frente de trem foi demais pra cabeça.

— Ôrra meu, sabe o que é pula na frente de um trem de metrô. Porra, é isso que mais me atazana a idéia, eu nem lembra direito o que aconteceu. Que merda. E o pior é que aquela "coisa" de não aguenta ficar sozinho continua do mesmo jeito. Acho que a melhor coisa que podia tê me acontecido era ter morrido. Tava bom demais morre e dá sossego pra minha velha. Sabe, cara, eu não estava pensando nessa coisa de morre, mas pode crer que era a melhor coisa que podia acontece. Eu tinha esperança de que com a perna mecânica ainda poderia dá uns ataque na mão grande nas madamas que circulam lá pela porta do Mappin¹³. Mas de muleta, que nada, oh meu, não vai tê jeito. Puta que pariu, oh, meu, não tem mais jeito mesmo. Só mesmo morrendo. Eu tinha preocupação na velha. Mas se ela se acostumou com a morte do meu pai, que era um cara honesto, trabalhador, imagina eu, filho da puta sem vergonha. Pode crer, oh meu, ela vai se acostuma rapidinho. E eu ainda me livro dessa "coisa" que me fode o peito.

Algumas Considerações Sobre o Caso

Vimos anteriormente¹⁴ a importância do Outro em nossa vida. Com efeito o Outro surge como mediador indispensável do eu consigo mesmo, porquanto sinto vergonha de mim tal como apareço a Outro. Dessa forma, a presença do Outro torna-se iniludível; "A vergonha é por natureza reconhecimento. Reconheço que sou como o Outro me vê"¹⁵. Uma simples observação desse relato mostra a maneira pela qual o paciente se percebe a partir de como apreende a percepção do Outro. Uma existência torturada por possibilidades inerentes à própria condição humana - suicídio, amputação, desespero etc. - mas estranhas por si mesmas à percepção do paciente. A realidade do corpo revela outros planos de existência, outras dimensões ontológicas. O corpo do Outro se apresenta como um episódio de minhas relações com o Outro; primeiro o Outro existe para mim,

13. Loja de Departamentos localizados no centro da cidade do São Paulo.

14. Ver capítulo "Solidão. Configuração Real da Ausência do Outro".

15. *El Ser Y La Nada. Op. cit.*

e depois, num segundo momento, eu o apreendo como corpo. Visto que eu não sou o Outro, o corpo do Outro se impõe como radicalmente do meu corpo para mim¹⁶. Originalmente, ele se manifesta a mim como um certo coeficiente objetivo de utilidade e de adversidade. Todavia, isso não quer dizer que o corpo do Outro deva ser confundido com sua objetividade; sem dúvida, a objetividade lhe pertence, mas pelo corpo revela-se a pura contingência da presença do Outro. O corpo do Outro é a facticidade da transcendência-transcendida enquanto ela se refere à minha facticidade¹⁷.

Com a aparição do olhar do Outro tenho a revelação do meu ser-objeto, sou conhecido pelo Outro como corpo. O olhar faz com que se revele para mim a existência do meu corpo como um exterior; minha facticidade é objetivada, meu corpo é alienado. Na timidez, por exemplo, sinto-me embaraçado pela minha realidade corpórea enquanto ela é para Outro, é vista pelo Outro¹⁸.

Num depoimento repleto de violência e desespero o paciente narra não apenas o inconformismo com a sua percepção em relação ao olhar do Outro, mas também a maneira como terá que se perceber a partir da mudança da sua própria percepção. A existência assim sentida como uma palpação de uma vida intensa no extremo agudo da objetividade não foi somente o grito metafísico do homem solitário representado pelo filósofo nos limites máximos de sua existência, mas sim a voz do homem comum para responder às questões específicas do aqui e agora deste mesmo homem no cotidiano da vida, que sofre de traumatismo afetivo mas também de traumatismo ontológico, da repressão sexual mas também do transcendente, que quanto mais se angustia pelo ter, deixa mais funda a angústia de ser, perdendo sua identidade no exercício das funções impostas pela civilização tecnocrata, como *homo machine*, robotizando-se dentro de uma nova situação limite, na verdadeira crise de uma grande e nova situação limite, que pode levá-lo à desesperação pela vida¹⁹.

O desespero vai circundar não apenas a decisão de jogar-se na frente do trem para livrar-se da "coisa" que estrangulava

16. *Ibid.* Op. cit.

17. *Ibid.* Op. cit.

18. BORNHEIM, G. A. *SARTRE - Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

19. XAUSA, I.A.M. *A Psicologia do Sentido da Vida*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

o peito, como também diante da perspectiva do uso de muletas. A perna mecânica apresentava a possibilidade de uma imagem corpórea diante do olhar do Outro semelhante ao próprio corpo com as duas pernas. Às muletas e conseqüentemente à perna amputada, presente pela ausência e até mesmo pela calça amarranhada, configura-se a dimensão do insólito, do irreal perceptivo. E a certeza de que a "coisa" continuaria a estrangular-lhe o peito com a mesma intensidade agrava ainda mais a dimensão do ato, por si desesperador. A própria violência presente em sua vida atenua-se diante da violência do ato de se jogar na frente de um trem de metrô e da conseqüente amputação.

A idéia romântica que muitos fazem da solidão seguramente se desfaz diante daqueles casos onde o suicídio é buscado como alternativa extrema diante de seus desatinos. A solidão é considerada por alguns incautos como sendo um sentimento inerente às camadas mais privilegiadas da população. É freqüente, inclusive, ouvir-se argumentos de que pessoas com dificuldades econômicas não têm espaço para a solidão. É como se a carência sócio-econômica determinasse ao carente diversas características de superação.

Assim uma pessoa carenciada economicamente não teria necessidades emocionais, conflitos, angústia, solidão etc. Os desatinos provocados pela precariedade de recursos materiais seriam assim compensados por um sem-número de sofrimentos ausentes nos carentes. Infelizmente isso não passa de um mero e simplista discurso ideológico que coloca as pessoas carentes economicamente num rol de contra-homens, de algo inumano e que portanto não podem ser compreendidos a partir de conceituações humanas. Afirmar que a situação sócio-econômica determina certos sofrimentos e elimina outros em contraponto com a posição nesse patamar, é no mínimo anular aspectos inerentemente humanos e cuja ocorrência independe da condição social da pessoa. Até mesmo uma simples observação no reino animal mostra a necessidade dos animais, das mais vaias das espécies, de manterem-se em grupo, seja por proteção, seja pela necessidade de acasalamento, seja ainda para não correrem determinados riscos impostos pelo isolamento.

Esse caso mostra um paciente em precárias condições econômicas e sociais e que, no entanto, foi levado a uma situação de desespero pela solidão.

A própria conceituação utilizada para definir o seu sentimento como uma "coisa" que estrangulava o peito mostra ou

uma dificuldade de aceitação desse enredamento, ou ainda uma dificuldade de dimensionar a abrangência do sofrimento legado pela solidão. E até a definição "Eu não aguentava ficá sozinho em casa. Tinha vezes que a 'coisa' ficava tão insuportável que pegava um ônibus qualquer e saía andando por aí pra distrair. E eu que sempre achava que isso era coisa de mulher", mostra a necessidade de redefinição dos parâmetros da solidão para uma real compreensão de seu raio de ação.

Royer e Reinoso²⁰ colocam que se para estudar o problema da agressão (e a violência que traz implícita) nos colocamos numa perspectiva que a enfoque como atividade humana, como experiência vital, como situação que se dá entre sujeitos humanos inter-relacionados, e não como um "elemento" que pertence à "essência" do homem; se a enfocamos como uma forma de existir, como uma forma de organizar a experiência, temos que examinar mais detidamente seu projeto que sua essência, sua direção mais do que sua origem²¹.

A violência traz em si resquícios da própria conceituação e construção de agressão e repressão no sentido real de sua abrangência filosófica. E considerar um determinado projeto existencial como parte de um decurso, e não como causa(interna) que produz um efeito (externo)²².

Isto é, estudar o significado de uma conduta tomando o vetor prospectivo como primordial; situar os atos como momentos significativos de um decurso também significativo. O que não quer dizer dar um salto sobre mas, pelo contrário, insertá-lo no decurso da História²³.

A violência é conflitiva com aspectos de elevação e deificação muitas vezes impostos ao longo da vida através de reflexões e até mesmo de práticas doutrinárias. A violência não existe apenas no campo do imaginário assim como propostas libertárias obtidas nas práticas doutrinárias. Negá-la ou até mesmo tentar inseri-la no contexto do imaginário é mera e vã tentativa de abstração da própria realidade da concretude dos fenômenos que ela abarca.

20 ROYER, G e REINOSO, G. "Violência e Agressão ou Violência e Repressão" In: LANGER, M *Questionamos - A Psicanálise e Suas Instituições*, Petrópolis: Editora Vozes, 1973

21 Ibid. Op. cit.

22 Ibid. Op. cit.

23 Ibid. Op. cit.

A noção de conflito pode ajudar-nos a entender os fatos. Sendo o sintoma uma tentativa de resolvê-lo. O sintoma é uma forma de organizar a experiência, um projeto de vida, ainda que este seja o de detê-la, evitá-la ou mesmo aniquilá-la como na psicose ou no suicídio. O trabalho analítico consiste justamente em desentranhar seu significado. Mesmo quando a posição teórico-técnica for a de buscar seu significado numa perspectiva histórico-genética, o que se elucida é a maneira pela qual a vida atual e (enquanto não se rompe o círculo) o futuro se organizam, se planificam²⁴.

Quando nos colocamos numa explicação puramente causal buscando a origem de uma conduta presente somente no passado (ou na Biologia), estamos confundidos com o paciente: negamos o aspecto prospectivo a seu conflito e determinamo-lo fora do tempo. Estamos, sim, interpretando um importante significado da conduta neurótica: a falta de perspectiva temporal, a tentativa mágica e onipotente de negá-la; mas perdemos de vista que a conduta se desenvolve no tempo e que mesmo sendo projeto de paralisação, de repetição, de não mudança, nem por isso é menos projeto²⁵.

O projeto do paciente era o de atirar-se na frente do trem e eliminar a "coisa" que estrangulava o peito. Questionamentos sobre outras possibilidades existenciais de alívio para o seu sofrimento foram negados e até mesmo cerceados de sua existência. A vida não apresentava outra realidade que não a concretude da violência. Violência que se enfeixa na própria violência e se manifesta de várias maneiras: violência suicida, violência culposa, violência de desumanização etc.

A violência de vida do paciente praticamente atingia a totalidade de seu ser; a realidade do seu cotidiano, sua realidade social era envolvida numa abrangência onde as diversas facetas da violência se alternavam de maneira sincronizada. A violência era a totalidade de sua realidade. Sua realidade era a violência. Não havia como separar, ainda que numa tênue linha divisória, onde se iniciava a violência ou até mesmo onde pudesse haver uma separação dessa na sua própria existência.

A violência, seja ela dirigida ao próprio irmão, como liberdade para aniquilar a liberdade do Outro, como instrumento de autodestruição, etc., é em todos os casos um reconhecimento

24. Ibid. Op. cit.

25. Ibid. Op. cit.

recíproco da liberdade e da negação (recípoca ou unívoca) da liberdade por intermédio da inércia da exterioridade²⁶.

A violência na vida do paciente era a própria razão de sua existência; a maneira como resolvia determinados conflitos e até mesmo a forma como se direcionava no mundo. A vida tinha como parâmetros limites alcançados a partir da violência. A violência era definida a partir dela mesma numa confluência com a própria fluidez dos fatos. A tensão presente em seu depoimento é a tensão da violência que angustia, dilacera e estonteia. É como se a violência existente diante da nossa percepção passasse a existir na nossa realidade. Merleau-Ponty²⁷ coloca que é a nossa fé perceptiva que dá concretude aos fenômenos apreendidos pela consciência²⁸. A violência existente na vida do paciente, ao contrário, ganha contornos inatingíveis até mesmo pela consciência exarcebada dos fatos. Violência misturada à própria violência resultando num contraponto indimensionável de violência.

A violência existe independentemente de nossa capacidade de avaliá-la e até mesmo conceituá-la; existe para tornar-se dimensão do irreal nas manifestações destrutivas da percepção objetiva dos fatos.

A violência de seu depoimento ao narrar sua trajetória pós-cirúrgica transcende até mesmo a sua própria violência. O contraponto que faz afirmando que terá que lubrificar a perna antes de alguma relação sexual torna-se inócuo diante da constatação de que sequer a perna mecânica será viável devido a altura onde foi realizada a amputação. Até mesmo uma compreensão dos diferentes níveis de violência transmitidos em seu discurso indica um distanciamento dos fatos apreendidos pela percepção.

Nesse contexto de violência é importante ressaltar que a própria escolha de suicídio atirando-se de encontro a um trem de metrô, numa estação repleta de pessoas, mostra uma articulação que procura dar uma conotação ainda mais drástica ao ato em si. O suicídio, como vimos anteriormente, é um ato que sempre é revestido de muita violência; até mesmo quando o

ato é fulminante e a princípio sem qualquer sinal aparente de dor física, ainda assim, a violência é eminente, transcendendo toda e qualquer conceituação²⁹. Dessa maneira, ao determinar a escolha para o instrumento a ser utilizado ou para o local onde o ato do suicídio será efetivado, existe uma propulsão orgânica no sentido de agredir de forma ainda mais violenta as pessoas que direta ou indiretamente participem desse ato. Uma pessoa que comete o suicídio enforcando-se e deixando o corpo numa situação estratégica para ser encontrado abruptamente por familiares e amigos, ou ainda uma pessoa que ateia fogo ao próprio corpo, seguramente estão delineando uma agressão ao Outro de forma ainda mais violenta que o próprio ato em si. Uma pessoa que busca a morte, por outro lado, dirigindo seu automóvel em alta velocidade e atirando-o de encontro a uma barreira fatal está mesclando o suicídio com uma possível interpretação que poderá considerar o acidente como falha mecânica, imperícia do motorista, condições adversas — climáticas, recapagem da rodovia, trajetória obstruída por outro veículo etc. — e certamente atenuará o impacto da violência provocado pela morte através do suicídio. Jogar-se na frente de um trem de metrô é a própria violência agredindo com violência os resquícios gerados no seio da destrutividade. As razões determinantes da escolha do objeto de morte é, na quase maioria das vezes, algo a partir do qual a própria estruturação de vida e de morte se escoram. A solidão, o isolamento de outras pessoas, levou o paciente a buscar a morte num local onde havia um aglomerado de pessoas. E embora não houvesse nenhuma possibilidade do estabelecimento de uma relação interna, e sim uma simples exterioridade³⁰, a procura de um local onde houvesse um grupo de pessoas para presenciar — e até mesmo socorrê-lo, como de fato ocorreu — o seu ato, é indício da busca do Outro, ausente em diversos momentos de sua vida, mas que estaria representado no momento de sua morte por aquele grupo de pessoas elencados aleatoriamente.

O Outro ausente estava presente naquela platéia que delirava e certamente se angustiava com a violência de seu ato. Gritava com seu gesto que necessitava do Outro, que estava desesperado com a ausência do Outro em sua vida. O Outro

26. LAING, R. D., e COOPER, D. G. *Razão e Violência*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

27. MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

28. *Ibid.* Op. cit.

29. Suicídio. Uma Alternativa à Vida Uma Visão Clínicamente Existencial. Op. cit.

30. No capítulo "Solidão. Configuração Real da Ausência do Outro" essa idéia é melhor detalhada.

estaria presente nesse momento de agonia, estaria ali para presenciar os estragos e seqüelas emocionais que sua ausência havia provocado. Também testemunharia o teor da violência buscada para exprimir a totalidade de seu sofrimento. De nada adiantaria o Outro argumentar naqueles momentos que a vida valia a pena ser vivida; sua ausência já havia provocado muitos estragos para que qualquer tentativa que pudesse demovê-lo de sua intenção pudesse surtir efeito. Existia a ausência de algumas pessoas significativas mas que certamente se fariam presentes quando do conhecimento do seu ato. O Outro presente naquele momento certamente testemunharia seu desespero e a forma requintada de destruição: o Outro participaria aos amigos e parentes a magnitude daquele momento. Não morreria sozinho, nem tampouco tentaria suicídio de outra forma onde o Outro não estivesse presente. Sofria com a ausência do Outro e não seria no momento da morte que iria permitir que o Outro continuasse ausente. A indiferença da ausência seria transformada em preocupação, espanto e desespero. Cada pessoa presente naquele ato simbolizaria cada marca existencial determinada pela ausência do Outro.

A solidão gritava em suas entranhas, pedia clemência e se desesperava continuamente com a necessidade imposta pela ausência do Outro. Nada podia aliviar a dor da "coisa" que lhe estrangulava o peito. Jogar-se na frente do trem havia sido o remédio capaz de ser o bálsamo que cicatriza aquelas chagas existenciais. Nada mais seria possível que não tentar arrancar do peito aquela "coisa"; a vida não mais suportava a convivência com a dor provocada por aquela "coisa". Assim, nada mais restava que não procurar alívio para a ausência do Outro. Buscou o Outro. Encontrou uma solidão ainda mais abismosa, representada pela amputação.

Solidão.

Simplesmente solidão.

Cenas de Motel

Felipe e Arlete estão num motel. Ela sente-se perdida no tempo e no espaço; mistura de mágoa e arrependimento por estar naquela cama com Felipe.

O olhar de Arlete está perdido no vazio, pensamento solto no ar.

Felipe se aproxima e tenta abraçá-la. Arlete se desvencilha de forma intempestiva.

— O que foi?!?!

— Nada...

— O que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Apenas não quero mais nada, entendeu?!?! Nada...

Arlete levanta-se e caminha em direção ao banheiro. Enoja-se ao sentir o esperma de Felipe escorrendo de seu interior.

Abre o chuveiro e lava a vagina como alguém que acredita tirar a mácula do pecado original pelo batismo.

Relembra a noite anterior; um turbilhão de confusão emaranha seu pensamento. E se pergunta como havia sido possível trepar com aquela cara. Sim, trepar, esse era o termo que aquela transação merecia.

A água corre pelo seu corpo deslizando de forma ingênua. Cada parte do corpo que toca com o sabonete apaga as "marcas" deixadas pelo toque de Felipe. E novamente se pergunta o que estava fazendo naquele motel. E como havia sido possível trepar sem vomitar.

O banho foi bastante demorado. E ao enxugar-se deslizou a toalha com tamanha lentidão pelo corpo, harmonizando os movimentos numa sincronia perfeita.

Ao retornar ao quarto encontra Felipe olhando o vazio. Arlete, que protegia a nudez com a toalha, veste-se sem lhe dirigir a palavra...

Felipe volta a insistir:

— E então, está tudo bem?

— Quero ir embora...

— Já sei... só que preciso ao menos me vestir...

— Então vê se não demora, tá!!!

— Tá legal, tá legal... só queria entender a cabeça das mulheres de hoje... transa gente a noite numa boa, e depois **levantam** com a maior ressaca moral... não dá pra entender. E se você ainda insiste em saber o que está acontecendo, **ainda é** chamado de estúpido, de cafajeste...

Arlete nada responde. Senta-se na saleta e acende um cigarro. Tem a cabeça girando, numa grande confusão. Sim, ressaca moral, era exatamente isso que estava sentindo; não devido a tabus sexuais ou escrúpulos morais, mas por estar ali com aquele cara que não lhe dizia absolutamente nada. Alguém que não despertava o menor tesão.

Ressaca moral. Ressaca de alma. Mas não da moral burguesa a que Felipe se referia. E sim do amor, da verdade.

Pensa repetidamente na trepada com Felipe: havia sido a relação sexual mais inócua de sua vida. Lembra também do momento em que ele pediu que ela praticasse felação. Recusou. Sentiu-se enojada e não arredou posicionamento. Não pelo fato de condenar a felação, ao contrário, mas não com o Felipe, alguém desconhecido e a quem não amava. Considerava felação a mais íntima das intimidades que envolve duas pessoas, uma prática onde o verdadeiro sabor da pessoa era sentido; algo para ser vivido com alguém que se tivesse afinidade de corpo e alma.

Ao ser penetrada por Felipe sentiu o amargor de sua solidão: estava sendo virilmente penetrada mas sua alma sentia-se vazia.

Era como se fosse uma dessas mulheres de plástico, infláveis, que são vendidas nas "sex-shops" e que algumas pessoas compram para ter a ilusão do prazer.

Felipe havia urrado, se esfregado e se melado na hora da trepada, ela sequer sentiu prazer. Sua vagina mantivera-se tão seca como se estivesse a léguas de distância de qualquer ato sexual.

Felipe terminou de vestir-se e, em silêncio, os dois caminharam até o carro. Ele ligou o rádio para abafar o insuportável som daquele silêncio.

Na portaria, ao pagar a conta, recebem de brindes dois chocolates em forma de coração. Arlete levou o chocolate à boca mastigando ironicamente aquele símbolo de amor. Quando mordeu o chocolate, o licor do recheio umedeceu-lhe os lábios.

Riu: o chocolate havia gozado em sua boca.

Durante o trajeto não trocaram palavras; a situação era tão insuportável quanto incompreensível para Felipe.

—E então, a gente volta a se ver?

—Quem sabe...

E desapareceu de Felipe adentrando o prédio como se estivesse a correr de algum ladrão. Nem perguntou ao porteiro, como fazia habitualmente, se havia correspondência.

Algumas Considerações Sobre o Caso

Este caso ao invés de chamar-se "Cenas de Motel" poderia muito bem ser denominado de "Episódio Cotidiano de Fuga da

Solidão", ou ainda "História já Vivida por Muitos Solitários", ou, quem sabe, "História de Final Conhecido".

O número de pessoas que já viveu situações semelhantes a este caso seguramente é incontável. Tal fato deve-se principalmente à derivação de se procurar como atenuante para a ausência do Outro alguém que dimensiona esse relacionamento a partir de uma relação sexual. É freqüente as pessoas irem de encontro à figura do Outro e depararem-se com pessoas que personificam essa presença através de encontro que envolve um relacionamento sexual. Vimos anteriormente³¹ que a busca do Outro através de ato sexual envolve muitas outras coisas além da mera excitação física. Assim relacionar-se com o Outro exige uma dimensão onde o próprio arrebatamento da relação sexual é transcendente diante da necessidade do Outro em nossas vidas.

Buscar o prazer, recriar situações onde o prazer mistura-se com carências emocionais é dar um sentido para a vida além das teorizações existentes sobre o amor. O prazer de estreitar um corpo nos braços é para o homem a mais sublime das realizações. O que nos torna definitivamente humanos é nossa capacidade de dar ao ato de amor uma configuração de transcendência física e até mesmo espiritual. Entregar-se ao prazer, buscar no prazer a essência da própria vida. Viver intensamente o prazer que deriva de uma relação onde se tem importância e significado para alguém, onde o Outro é importante e se faz presente de forma corpórea. Orgasmar, transcender os limites físicos da dimensão corporal. Sentir a vida pulsando no corpo do Outro e sentir a própria pulsação nesse **pulsar**. Viver a plenitude de uma penetração e sentir-se parte do Outro, como sendo o Outro. Corpos que se fundem e se tornam únicos em essência. Olhar o olhar do Outro e sentir-se desejado; sentir na pele o contato de outra pele; cheirar o cheiro do Outro e misturar esse cheiro com o próprio cheiro. Render-se suavemente ao toque de uma carícia; tocar e acariciar partes **que** se tocam e se complementam. Sentir o enrijecimento do **pênis** em toda sua intumescência; sorver o gosto do Outro **assim como** um degustador aprecia um vinho fino; sentir a textura do Outro na delicadeza das pontas dos dedos.

A relação vivida por Felipe e Arlete, ao contrário do **que** foi descrito acima, foi um ato de desamor. **Um** ato onde o **sentir**

31. Ver capítulo "Solidão. Configuração lioal o Ausôneia cio (hitio"

mento predominante era o de coisificação, de alguém que havia servido ao Outro para o alívio de suas tensões³², mas que não havia, de fato, sido amada e até mesmo desejada que não nessa dimensão egoísta onde apenas o próprio desejo é considerado. Arlete recusava-se a chamar a vivência que havia tido com Felipe de ato de amor ou até mesmo ato sexual. Preferia denominá-la como sendo uma trepada, definição que por si só define o amargor de sua vivência e a maneira coisificante como a relação havia se cristalizado em seu ser. Definir um ato sexual como sendo trepada dá uma configuração animalesca e até mesmo dantesca ao ato. O seu próprio depoimento deixa claro que ela que estava definindo aquilo como sendo trepada para diferenciar outros relacionamentos e envolvimento possíveis de ocorrência na sua própria existência. Trepar era mais do que sentir-se usada, espuída, execrada, era sentir-se coisa, trepada, algo desumano, incolor. O sentimento que experimentava por haver escolhido Felipe como parceiro sexual estava levando-a para sentimentos depreciativos de estima e auto-rejeição. E como se esse relacionamento pudesse levá-la ao encontro de uma condição que ela mesma recusava em aceitar.

Buscar alívio para a solidão indo de encontro a uma relação sexual desprovida de sentido apresenta em si o mesmo dimensionamento de alguém que para livrar-se da solidão vai de encontro a conglomerados de pessoas. Evidentemente nada encontra, pois o contato em termos de relações exteriores aumenta ainda mais o tédio existencial, por si dilacerante.

A solidão de Arlete fazia com que ela se sentisse desamada, rejeitada, sem significado existencial para o Outro. O relacionamento com Felipe ao invés de aliviar o peso desse sofrimento, ao contrário, agrava ainda mais sua dor por escancarar sua realidade de forma tão crua. O sentimento de auto-estima elevada — sentir-se bonita, atraente, provocar acalantos masculinos etc. — não eram suficientes para fazer com que um relacionamento pudesse devolver-lhe a sensação de sentir-se uma pessoa existente com vida própria. A constatação do vazio

32. Existem autores que afirmam que uma das funções do sexo na vida humana é de propiciar alívio de tensões. Seguramente uma das funções mais visíveis da atividade sexual é o alívio de tensões. Apenas enfatizamos essa colocação em nossa análise para mostrarmos o desprezo pela necessidade do Outro, quando essa necessidade de alívio de tensões torna-se a única razão para a existência de um ato sexual. Assim o Outro é coisificado tornando-se apenas objeto numa relação coisificante.

provocado pela relação sexual que vivera era algo que tornava tudo negro, irremediavelmente perdido numa perspectiva de resgate de dignidade existencial.

A expectativa é, sem dúvida alguma, a determinante de muitas frustrações ocorridas no seio das relações interpessoais. A expectativa projetada sobre o comportamento de determinadas pessoas faz, inclusive, que por maiores que sejam as performances comportamentais dessas pessoas, ainda assim o resultado seja decepcionante. A expectativa necessariamente não leva em conta limitações, dificuldades e até mesmo o desconhecimento do Outro sobre as expectativas que existem sobre o seu comportamento. É bastante freqüente a ocorrência de desatinos provocados pelo simples fato de uma expectativa não ser correspondida em sua totalidade, ainda que, na abrangência geral de um dado comportamento, o resultado comportamental se aproxime dos parâmetros criados pela expectativa. Assim, num relacionamento sexual, podem, muitas vezes, estar envolvidas condutas e expectativas muito além da simples performance sexual; relacionamentos definidos como tendo atingido tudo aquilo que pode ser englobado numa definição de uma relação sexual satisfatória, ainda assim, muitas vezes, são frustrantes devido ao conjunto de expectativas que se formam em torno de um determinado parceiro³³. Arlete esperava de Felipe uma atitude existencial além de sua performance sexual; esperava que ele pudesse ser companheiro, algo além da simples condição de amante; tinha repulsa de ter sido penetrada por alguém que considerava estranho, no entanto, estava lá vivendo uma relação extremamente íntima, configuração real do distanciamento de si e da perspectiva que tinha da própria vida. Buscava algo mais do que um amante viril, um amante que a fizesse sentir-se realizada sexualmente. Sua expectativa era de que um relacionamento sexual pudesse libertá-la dos **gri**lhões impostos pelas situações de isolamento existencial em que se encontrava. Pedia e clamava amor. Amor **substancial**

33. Igualmente é verdadeiro o fato que muita'; VOZOH pimmmw mivcil vidas num relacionamento de anos de convivência a] >re«<nl i>m li liai ••1(i 11 • ln e acomodação na própria relação devido não a uma **denH**.....nmml |ioi grande expectativa acerca do comportamento Ho()ul i<>, num, iuim l|>almetll.M sobre a falta ou até mesmo a renovação de expectativa* **IB** i.....mi.....In Outro. E como esperar que a acomodação <ul.....L.....l min I i KI VIVLIn anos pudesse renovar-se por si diante do ócio provoi ndo **Mn** Itiati la fia..... nante de uma existência sem expectai IVM

mente crescido de um afeto e ternura que não havia encontrado naquele relacionamento sexual. Era como se buscasse a iguaria de um vinho fino num copo d'água; vivera uma relação íntima, embora recusasse uma intimidade maior representada pela felação. Recusara a felação argumentando para si mesma que sentir o Outro através da felação era por demais invasivo diante das circunstâncias vividas. Buscara um vinho fino num copo d'água, mas não podia sentir-se embriagada com um simples gole d'água. Felação era algo reservado apenas naqueles momentos onde o Outro se configurasse como alguém que pudesse suprir-lhe expectativas que transcendessem o relacionamento sexual. Vivera a relação sexual até onde os seus limites existenciais haviam permitido; o torpor que sentira era algo que derivava do conceito existencial que conceituava o substancial necessário para a existência de um relacionamento sexual, um relacionamento que tivesse uma fé inquebrantável na essência daquilo que definia como sendo amor. Recusava participar de uma intimidade que trazia no bojo de suas conotações a idealização do companheiro, da vida e do amor.

Relacionamentos ilusórios afetam a experiência física. Um amante secreto fantástico excita o corpo. Esta excitação acarreta uma constante procura de descarga sexual. As sensações são evocadas no corpo por uma imaginária relação sexual com um fantasma, mas é difícil satisfazê-las na "realidade". Alguns afirmam experimentar sentimentos mais reais em situações imaginárias que na realidade³⁴. Arlete decididamente chegou a sentir, diante da excitação imaginária de uma relação sexual, que estaria diante de um relacionamento que iria suprir-lhe sua carência emocional em diversos níveis. Situações imaginárias podem levar ao sentimento de diversas sensações, sem contudo aproximar-se daquilo que a própria realidade apresenta. Ou ainda nas palavras de Laing: "Viver no passado ou no futuro pode ser menos satisfatório do que viver no presente, mas nunca chegará a ser tão decepcionante"³⁵.

Arlete buscou algo insólito diante daquilo que Felipe realmente poderia oferecer; sua capacidade de amor era bastante maior pela própria expectativa formada em torno da relação. Não havia determinantes que pudessem ser pareadas para que as sensações vividas caminhassem noutra direção. É como se

34. *O Eu e os Outros. Op. cit.*

35. *Ibid. Op. cit.*

a relação vivida se tornasse autofágica exaurindo todas as possibilidades que não fosse a própria autofagia. Sua expectativa era maior do que seria conceber até mesmo experiências imaginárias que são explicadas por processos, oh ispió prios duplamente imaginários.

A própria percepção de si faz com que sua orientação positiva no espaço seja corporal. Nossa orientação corporal no espaço é bastante fundamental embora, na quase maioria das vezes, não lhe damos a devida atenção. Arlete misturou expectativas e perspectivas mas ignorou o fato de que a emoção aborda o próprio corpo na forma como ele é vivido pela consciência. Buscou na concretude de uma relação sexual realizações criadas no imaginário. Ao ironizar consigo mesma o chocolate umedecendo seus lábios numa alusão à felação recusada, alinhava movimentos de enfeixamento da realidade vivida e que na verdade distavam de maneira abismosa do prazer propiciado pelo licor do recheio. Prazer vivido em níveis bastante diferentes daquilo que conceituava como sendo a sensação e até mesmo a própria experiência de uma felação em outras circunstâncias. Encontrara um vazio a preencher o próprio vazio de sua alma. Vivera uma intensa busca, encontrara um aspecto ainda mais dilacerante de solidão. Entregara-se de corpo mas distanciara-se de alma de si e de Outro. Tentou apagar as marcas do toque de Felipe com o sabonete.

Vive um ritual batismal tentando tirar do próprio corpo as "máculas" causadas por aquele ato. Lava-se e experimenta através da água deslizando pelo corpo que se não é possível dizimar as seqüelas emocionais provocadas por aquele relacionamento, ao menos as marcas físicas — aquilo que era sentido na epiderme ainda que num plano imaginário — seriam removidas. Enoja-se com o esperma de Felipe escorrendo de seu interior. O esperma naquele momento, mais do que a própria essência masculina³⁶, significava a maneira coisificante como

36. Ao fazer referência ao esperma como sendo a essência masculina estou indo ao encontro de pensadores que afirmam que a verdade sobre a posição essencial do homem origina-se a partir do esperma. Inclusive "iii algumas práticas tibetanas, como mera ilustração, os discípulos; dm, mio M M. atção sorvem misturas aromáticas que contêm essência;; natural! maia o M Õ I. do mestre. Existem também inúmeros depoimentos de mulheres homo««« xuais que afirmam que a própria repulsa que sontom dnmtto do confito com o esperma masculino é determinante de sua opção »MKILU Sem. irmoi no mérito dessas questões, é facilmente perceptível que u m a rslayfio (.nuuai tem na ejaculação o ápice de sua ocoiência, » Jo o ospnima, portnnUi indício visível que se torna »xl.o» no IIKKII ando iiii.i oonflgurnçfld InlerIOI

havia sido usada. Escorria de seu interior algo que lhe era estranho de alguém que provocava repulsas e que, no entanto, havia penetrado em seu interior através da penetração vaginal. Evocava questionamentos acerca da ausência de vômito durante aquele ato tão aversivo e que lhe causara náuseas. É sabido que o vômito é uma relação organísmica que coloca para fora elementos substanciais que foram ingeridos pelo organismo e que são aversivos a ele; vomitar é uma forma do organismo livrar-se de elementos que não sejam digestíveis ou que provoquem distúrbios em seu próprio funcionamento. Vomitar é uma forma de purificação organísmica, uma forma de exorcismo diante de agentes externos aversivos. Além do vômito provocado por comida e bebidas em excesso é ainda freqüente o vômito provocado por ingestão de substância nocivo-tóxica, como também diante de alimentos estragados, em putrefação ou em adiantado estado de decomposição³⁷. Também é freqüente aqueles casos onde o vômito é provocado por alimentos que embora não apresentem nenhum indício de deterioração, ainda assim provocam reações estranhas ao funcionamento normal do organismo.

Vomitar seria para Arlete uma maneira de colocar para fora não algum alimento deteriorado que houvesse sido ingerido, mas de mostrar o quanto aquele relacionamento era aversivo. Mostraria também que aquela penetração havia provocado distúrbios no funcionamento de seu organismo; que estaria eliminando através do vômito tudo que houvesse sido deixado por ele dentro dela. Estaria ainda mostrando que vomitava

37. O vômito e a diarreia são considerados pelos estudiosos da chamada Medicina Psicossomática como sendo uma manifestação de purificação organísmica em níveis físicos e psíquicos. Assim, o vômito e a diarreia teriam, além da eliminação física de elementos aversivos, uma característica de autopunição, reparação psíquica, ou ainda atuar como catalisador emocional que estaria exteriorizando possíveis distúrbios interiores. O vômito assim como a diarreia mostram, muitas vezes, que o paciente vitimado por um desses distúrbios, apresenta outros sintomas atuando sobre o organismo. É freqüente o uso do vômito para ilustrar uma determinada situação de aversão. Afirmações do tipo "Fiquei com tanto nojo daquela cena que quase vomitei" são bastante freqüentes e ilustram a conotação dada ao ato de vomitar além daquela caracterização meramente física. A diarreia, por outro lado, igualmente é identificável no rol das caracterizações de uma situação estressante, através da ocorrência dos distúrbios gástricos provocados nessas ocasiões. A maneira pela qual o organismo decide pela escolha dessas manifestações para expressar-se é questão bastante delicada e exige uma análise bastante pormenorizada para uma abrangência real de sua verdadeira compreensão.

diante de algo execrável — em tudo que aquele relacionamento configurava-se — e não pela ingestão de alimento ou bebida deteriorados. Vomitaria em repugnância a sua figura; vomitaria para mostrar não apenas a Felipe, mas a todos que de alguma forma entrassem naquele recinto - faxineira, camareira, etc. — o quanto naquele ambiente ocorrera uma situação de extrema aversão e desamor.

É sabido que muitas mulheres em situações agravadas de estresses emocionais ovulam, menstruam e até mesmo desmaiam. A ovulação, como desarranjo organísmico, se faz presente até mesmo nos casos de estupros, o que por si justifica o número relativamente grande de mulheres que engravidam nessas situações. Mas Arlete havia escolhido vomitar, colocar para fora, junto com toda a repulsa que sentia, a configuração substancial de detritos estragados, azedados com o próprio azedume dos seus sentimentos, e exalando o próprio cheiro de coisa podre, estragada. Arlete questionava sobre a ausência do vômito e se direcionava em relação a algo que arbitrariamente procurava e que concretamente inexistia naquele contexto. Buscara alívio para a solidão. Encontrara uma relação coisificante, estranguladora de sua própria condição existencial.

Solidão.

Simplesmente solidão.

Considerações Complementares

Não tive a intenção, nem pretensão, na escolha dos casos, de abranger a totalidade das reflexões anteriores.

Escolhi dois casos que, seguramente, mostram uma faceta bastante clara do desespero do homem contemporâneo. Outros poderiam ter sido arrolados, mas considere os dois escolhidos como abrangentes de uma série de pontos levantados e que não haviam sido ilustrados durante a exposição.

As facetas mostrando o desespero legado pela solidão, por si, fazem com que uma interiorização e introspecção desses aspectos transcendam os próprios limites da mera reflexão teórica.

É esperado que na parte de Considerações Complementares alguma conclusão seja mostrada ou até mesmo direcionada ainda que enfeixada em determinados balizamentos. Talvez os casos apresentados respondam por si; talvez as análises

realizadas esclareçam certos posicionamentos e até mesmo dificuldades. Conclusões absolutas não as temos, nem sequer sabemos como obtê-las. De absoluto, apenas a certeza de que inúmeras questões foram abertas para investigações posteriores

Solidão.

Simplesmente solidão.

Bibliografia

- ACHTÉ, K.A. "Suicide in Psychiatric Patients in Helsinki". *Psychiatria Fennica*.
- ANGERAMI, V.A. *Existencialismo & Psicoterapia*. São Paulo: Traço Editora, 1984.
- ANGERAMI, V.A. *Psicoterapia Existencial. Noções Básicas*. São Paulo: Traço Editora, 1985.
- ANGERAMI, V.A. *Suicídio. Uma Alternativa à Vida. Uma Visão Clínica-Existencial*. São Paulo: Traço Editora, 1986.
- BEUAVOIR, S. *Na Força da Idade*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BORNHEIN, G.A. *Sartre. Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- BOSS, M. *Angústia, Culpa e Libertação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- BUBER, M. *Eu-Tu*. São Paulo: Editora Moraes e Cortes, 1977.
- CHARBONNEAU, E. *Crônica da Solidão*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1984.
- FARBEROW, N.L. "Research in Suicide in 1971-1973". *Psychiatria Fennica*.
- FREUD, S. *Trauer und Melancholie*. Londres: Imago, 1964.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- GUILLON, C. e BONNIEC, Y. *Suicídio. Modo de Usar*. São Paulo: EM W Editores, 1984.
- HEIDEGGER, M. *Kant e o Problema da Metafísica*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1976.

- KALINA E., e KOVLADOFF, S. *As Cerimônias da Destruição*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983.
- LAING, R.D. *O Eu e os Outros*. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.
- LAING, R.D. *Eu Dividido*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- LAING, R.D. e COOPER, D. *Razão e Violência*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- LEFEBVRE, H. *Sociologie de Marx*. Paris: PUF, 1968.
- MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- OLSON, G.R. *Introdução ao Existencialismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976.
- RINGEL, E. "The Pre-Suicidal Syndrome". *Psychiatra Fennica*.
- RUCHARDT, J. "Récent Bereavement in Relation To Suicide". *J. Psychics*.
- SARTRE, J.P. *El Ser Y La Nada*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1981.
- SARTRE, J.P. *O Existencialismo é um Humanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- SARTRE, J.P. *Crítica de la Razón Dialéctica*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1979.
- SELYE, H. *The Stress of Life*. Nova York: Ed. McGraw Hill, 1956.
- SKINNER, B.F. e VAUGHAN, M.E. *Viva Bem a Velhice*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- SOUZA, P. *Society Cocaína*. São Paulo: Traço Editora, 1982.
- SUDNOW, D. *Passing-on; The Social Organization of Dying*. New Jersey: Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1967.
- TANNER, I.J. *Solidão: O Medo do Amor*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1979.
- TORRES, C.W., GUEDES, G.W., EBERT, T.H., TORRES, CR. "A Morte Como Fator de Desenvolvimento" *In: Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Vol. 35, abril/junho, 1983.
- XAUSA, I.A.M. *A Psicologia do Sentido da Vida*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- ROYER, G. e REINOSO, G. "Violência e Agressão ou Violência e Repressão" *In: LANGER, M. (org.). Questionamos - A Psicanálise e suas Instituições*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- A Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980.
- Cântico do Irmão Sol*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.



Obra que aborda um tema dos mais pungentes»_____236349
ontem e de nossos dias — hoje agravado por circunstâncias
várias da Era Contemporânea: A Dor da Solidão e o
Entendimento das suas Diversas Faces.

SOLIDÃO

A AUSÊNCIA DO OUTRO

Valdemar Augusto Angerami-Camon

Este livro é fruto de uma derivação da atividade do **AUTOR** junto a pacientes vítimas da tentativa de suicídio. É, de certo modo, surpreendente o número de pessoas que são atiradas às raias do desespero pela solidão. E daí suas pesquisas e a busca de definições, construtos e abstrações do que seria a configuração da solidão.

"Solidão é coisa de velho", "Solidão é coisa de quem não tem com o que se preocupar", estes e outros sofismas foram sendo vencidos e direcionados para uma reflexão pormenorizada que levou a um sem-número de questionamentos.

Enveredar pelos caminhos da solidão reveste-se de grande responsabilidade, na medida em que o caminho mal tem sido palmiado pela Psicologia. A obra abarca variados aspectos do problema, tais como: Solidão e Tédio Existencial, Solidão e Suicídio, Solidão e Vida Religiosa, Solidão e Velhice, Solidão Criativa e Casos Clínicos.

VALDEMAR AUGUSTO ANGERAMI-CAMON é renomado Psicoterapeuta, Coordenador do Departamento de Psicologia Hospitalar do Instituto Sede Sapientiae, Coordenador do Centro de Psicoterapia Existencial e Assessor do Serviço de Atendimento aos casos de Urgência e Suicídio da Secretaria de Saúde de São R

LIVRARIA PIONEIRA EDITÍ